

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

MARISTELA FERREIRA SILVA VELOZO

**OS MECANISMOS PSICOSSOCIAIS E RELIGIOSOS DA MUDANÇA DE IGREJA
ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS CATÓLICOS DO LICEU DE ARTES E
OFÍCIOS/UNICAP**

Recife, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARISTELA FERREIRA SILVA VELOZO

**OS MECANISMOS PSICOSSOCIAIS E RELIGIOSOS DA MUDANÇA DE IGREJA
ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS CATÓLICOS DO LICEU DE ARTES E
OFÍCIOS/UNICAP**

Dissertação apresentada por Maristela Ferreira Silva Velozo como exigência à obtenção do título de mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Alencar Libório.

Recife, 2007

V443m

Velozo, Maristela Ferreira Silva

Os mecanismos psicossociais e religiosos da mudança de igreja entre adolescentes e jovens católicos do Liceu de Artes e Ofícios / UNICAP / Maristela Ferreira Silva Vellozo ; orientador Luiz Alencar Libório. – Recife : FASA, 2007.

178 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2007.

1. Religião-Aspectos psicológicos. 2. Pluralismo religioso-Recife. 3. Cristianismo. 4. Adolescentes-Religião. 5. Psicologia social.
I. Título.

CDU 2: 159.9

MARISTELA FERREIRA SILVA VELOZO

**OS MECANISMOS PSICOSSOCIAIS E RELIGIOSOS DA MUDANÇA DE IGREJA
ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS CATÓLICOS DO LICEU DE ARTES E
OFÍCIOS/UNICAP**

Dissertação apresentada por Maristela Ferreira Silva Velozo como exigência à obtenção do título de mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Alencar Libório.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Vincenzo Di Matteo – Universidade Federal de Pernambuco.

Prof. Dr. Gilbraz Souza Aragão – Universidade Católica de Pernambuco.

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório - Universidade Católica de Pernambuco.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de estudos, debates e pesquisas, desafiando um tema polêmico e atual. Nessa trajetória, os momentos fortes e decisivos foram de crescimento intelectual, amadurecimento na fé e nas relações: familiar, social, religiosa, profissional e acadêmica.

Ao orientador, “amigo” e “apoio espiritual” – Prof. Dr. Padre Luiz Alencar Libório – pela capacidade, conhecimento, dedicação, responsabilidade e empenho na sua maneira contributiva e vibrante de ensinar e aprender.

À minha família: Marília, Maurício e Ivan, pacientes e aliados do dia-a-dia, extensivo aos meus pais (José e Elza) e toda árvore genealógica e, a minha sogra (Lígia) e família.

Aos Adolescentes e jovens do Liceu / Unicap pela disponibilidade, alegria e simpatia na participação da Pesquisa e na rotina escolar. Aos seus responsáveis pela permissão nas entrevistas. Ao corpo docente e discente do Liceu, em especial, ao diretor Prof. Roberto Pimentel.

Aos grupos de caminhada, amigos e amigas que incentivam bastante minhas ações. À especial amizade de Janice Albuquerque, aliada e cúmplice desse estudo.

Pelas horas de dedicação da equipe de execução: revisora lingüística – professora Núbia Maria Teixeira Gondin; à ajudante preliminar Karla, a Wilza, Chris/Carlos (sobrinhos), e meu filho Maurício, pela ajuda na digitação/tradução e, em especial, à minha filha Marília, pelo carinho, contribuição e partilha – principal personagem dessa história.

Aos colegas da 1ª Turma do Mestrado em Ciências da Religião / Unicap (pioneira do Nordeste) e, como representante da turma 2005, nosso abraço aos Mestres Doutores do Colegiado.

Ao Prof. Dr. Vincenzo Di Matteo, pelo especial cuidado como examinador externo. Ao Prof. Dr. Gilbraz Souza Aragão, pela participação como “amigo” e examinador interno. Aos suplentes: Prof. Doutor Sérgio Sezino Douets Vasconcelos– Coordenador do Curso e o Prof. Dr. Marcelo Luiz Pelizzoli.

Enfim, a todas as pessoas que acreditam e confiam em mim.

RESUMO

Esta dissertação tem como Objetivo Geral identificar e analisar os mecanismos psicossociais e religiosos que levam adolescentes e jovens a mudarem de Igreja. Visa-se verificar, com os Objetivos Específicos, a identidade religiosa desses adolescentes e jovens, detectando a inquietude adolescente e juvenil na busca e mudança de Igreja ou comunidade de fé. Pretendeu-se, também, a partir do entendimento das suas experiências religiosas do sagrado, descobrir a real vivência religiosa e familiar dos membros da amostra. Identificando e analisando o fenômeno religioso da mudança de Igreja, reflete-se sobre os mecanismos psicossociais e religiosos que os levaram ao trânsito religioso. A metodologia consta de uma Pesquisa de Campo com a aplicação de um Questionário Misto de 30 questões a uma amostra (aleatoriamente) escolhida de 46 sujeitos, sendo 26 adolescentes e 20 jovens do Liceu de Artes e Ofícios/Unicap, na faixa etária de 14 a 25 anos, que já foram católicos e hoje, pelo trânsito religioso para outros credos, assumem Igrejas diferentes que não mais aquelas de sua tradição familiar. Com os dados em mãos, foi feita a análise quantitativa, empregando a porcentagem e outros instrumentos estatísticos necessários, e a análise qualitativa das vivências e representações, confrontando-as com as teorias embasadoras, numa confiabilidade de 95% e 5% de possibilidade de erro. Percebe-se, nos resultados, a necessidade de uma maior introspecção dos adolescentes e jovens entrevistados para um maior entendimento e aprofundamento dos diferentes valores psicossociais e religiosos, justificando-se a pesquisa que os levaram a mudar de Igreja. Reconhece-se que a flexibilidade e instabilidade da fase do desenvolvimento adolescente e juvenil são alguns dos fatores provocadores da mudança de Igreja, ou comunidade de fé. Com a análise sobre os dados, possíveis estratégias podem ser detectadas, contribuindo para uma melhor atuação com adolescentes e jovens nas Instituições católicas (comunidades e grupos de vivência cristã) com informações pertinentes sobre a religiosidade entre adolescentes e jovens e o transitar religioso dessa clientela que experiencia um visível pluralismo religioso. Conclui-se que, sendo o assunto “mudança de Igreja entre adolescentes e jovens” pouco pesquisado, a identificação e análise dos mecanismos psicossociais e religiosos podem levar a sugestões de estratégias educacionais (familiares e escolares) e pastorais, de um modo mais realista e crítico, ante as “ofertas religiosas” e atuais desafios da Modernidade, mostrando aos adolescentes e jovens o que é positivo na sua antiga ou nova Igreja, e enfocando a necessidade de uma pertença religiosa mais consciente, estável e integradora de sua personalidade de adolescente e de jovem.

Palavras-chave: mudança de Igreja, mecanismos psicossociais e religiosos, identidade e pluralismo religioso, modernidade e cristianismo, adolescência e juventude e diálogo interreligioso.

ABSTRACT

This dissertation has as a general purpose to identify and analyze which psychological, social and religious factors lead the young adult and teenagers to change their religion. The purpose is to identify through specific objectives, the young adult and teenager's religious identity, detecting their restlessness to find and change their religion or faith. Also, the real religious and familiar experiences of the sample selected was researched through the understanding of their holy religious experiences. It is possible to reflect over the psychological, social and religious factors that lead to the religion change through the identification and analyze of the religious phenomenon regarding the change of religion. The methodology consists of field research with the application of a 30 mix questions questionnaire applied to a randomly selected sample of 46 persons, from which 26 teenagers and 20 young adults of the Liceu de Artes e Ofícios / Unicap (Lyceum of Artes and Crafts of the Catholic University of Pernambuco). The sample selected comprehended youths with average age from 14 to 25 years, who were catholic and nowadays moved to a different religion, despite the family tradition. Based on the data collected, a quantitative analyze was performed using the percentage and other statistic instruments needed. The qualitative analyze of the life experience and representations was also performed, checking the theoretical basis and expecting a reliance of 95% and a 5% error possibility. It is noted in the results the need of a deeper teenager and young adult introspection in order to obtain a better understanding of their different religious and psychosocial values, which justify the research of the factors that lead them to change the religion. It is recognized that the teenager and young adult flexibility and instability phase are some of the reasons that cause the religion change of faith. Possible strategies aiming a better interaction with teenagers and young adults in the Catholic institutions (Christian communities and groups), who are facing a visible religious pluralism, can be detected through the analyze of the data collected. It was concluded that since the subject "change of religions between teenagers and young adults" is not deeply researched, the identification and analyze of the psychosocial and religious mechanisms may identify educational and pastoral strategies (familiar and scholar), in a realistic and critic way, facing the religions offer and actual modernity challenges, that will show to teenagers and young adults what is positive in the new and old religions, focusing the need of a more conscious and stable religious presence in their personality.

Key Words: Religion changes, psychological, social and religious factors, religious identity and pluralism, modernity and Christianity, teenager, youth and inter-religious dialogue.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1. LICEU: UMA INSTITUIÇÃO DE ONTEM E DE HOJE	14
1.1 O LICEU: RESGATE HISTÓRICO DE SUAS ORIGENS	15
1.2 VIVÊNCIA DE UM SISTEMA EDUCATIVO TRADICIONAL NO LICEU.....	17
1.3 PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO DO ADOLESCENTE E JOVEM DO LICEU	21
CAPÍTULO 2. ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE	26
2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ADOLESCENTE E DO JOVEM.....	27
2.2 O DESENVOLVIMENTO BIOLÓGICO.....	35
2.3 A SOCIALIZAÇÃO DO ADOLESCENTE E JOVEM.....	37
2.4 O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO	40
2.5 O DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO.....	42
2.6 MECANISMOS PSICOSSOCIAIS E RELIGIOSOS UTILIZADOS PELOS ADOLESCENTES E JOVENS.....	48
CAPÍTULO 3. IGREJA CATÓLICA E A PÓS-MODERNIDADE	53
3.1 A IGREJA CATÓLICA E OS NOVOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	55
3.2 A IGREJA CATÓLICA PÓS – CONCILIAR E OS GRUPOS JUVENIS.....	58
3.2.1 Família	62
3.2.2 Escola	62
3.2.3 Pastoral da Juventude	64
3.2.4 Sociedade	65
3.2.5 Trabalho	66
3.2.6 Relações Sociais	66
3.3 OS ADOLESCENTES E JOVENS DIANTE DA IGREJA CATÓLICA HOJE: INSATISFAÇÕES	68
CAPÍTULO 4. MECANISMOS PSICOSSOCIAIS E RELIGIOSOS DA MUDANÇA DE IGREJA ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS CATÓLICOS DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS/UNICAP	74
4.1 AS CARACTERÍSTICAS DA CRISE RELIGIOSA DO ADOLESCENTE E JOVEM CATÓLICO DO LICEU.....	74

4.2 OS PRINCIPAIS MECANISMOS PSICOSSOCIAIS UTILIZADOS PELOS ADOLESCENTES E JOVENS DO LICEU	78
4.3 OS PRINCIPAIS MECANISMOS RELIGIOSOS UTILIZADOS PELOS ADOLESCENTES E JOVENS DO LICEU	80
4.4 A NOVA CARACTERIZAÇÃO PSICOSSOCIAL E RELIGIOSA DA MUDANÇA E PERTENÇA À NOVA IGREJA DOS ADOLESCENTES E JOVENS DO LICEU	82
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE A – RELATÓRIO ESTATÍSTICO DA PESQUISA.....	99
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO MISTO.....	166
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	177
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	178

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, na linha de pesquisa do Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade, no Mestrado em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, trata de um tema pertinente e correlato ao trabalho pastoral que se desenvolve junto aos adolescente e jovens do Liceu de Artes e Ofícios / Unicap. O tema pesquisado “Os Mecanismos Psicossociais e Religiosos da Mudança de Igreja entre Adolescentes e Jovens Católicos do Liceu de Artes e Ofícios / Unicap” resulta de uma permanente inquietação observada nos adolescentes e jovens da escola acima citada, os quais têm buscado, no trânsito religioso para outros credos, assumir Igrejas diferentes que não mais aquela de sua iniciação cristã católica, na maioria das vezes, a de sua tradição familiar.

Como Orientadora Pastoral do Liceu vimos observando, nesses últimos anos, o índice de alunos que, em atendimento individual ou coletivo, tem demonstrado suas dificuldades de pertença à Igreja Católica e, em desabafos até confidenciais, dizem das suas angústias e desmotivações e, várias vezes, fazem uso de algumas expressões, tais como: “a nossa Igreja é muito parada” [...], “tenho deixado de ir à missa, pois ela é muito morgada [...]”, “algumas pessoas da Igreja não entendem os jovens” [...], “lá, a gente não pode fazer nada diferente, tudo é proibido” [...]. Percebe-se o quanto esses adolescentes e jovens necessitam de apoio, articulação e uma maior dinamização por parte da Igreja Católica para o estímulo à prática religiosa, principalmente, na conscientização de motivações que os levem a ficar na sua religião de origem, a fim de que não precisem buscar respostas às suas inquietações religiosas com um verdadeiro “troca-troca de Igrejas”. O assunto chama atenção, pois se julga de grande relevância, extensão e profundidade falar de modo mais científico de algo que vem despertando o interesse de estudiosos e pesquisadores do fenômeno religioso brasileiro atual, oferecendo pistas para a compreensão dessas mudanças e da complexidade do fenômeno, principalmente ao demonstrar a dificuldade por parte da Igreja em enfrentar os constantes desafios atuais.

A discussão sobre as mudanças religiosas e suas causas é, portanto, assunto complexo e tarefa difícil de discernir, pois até os anos 70, o Brasil não só parecia uma nação católica como monopolizava crenças e atitudes religiosas; tem-se, no país, uma diversidade religiosa que tende a se tornar uma realidade comum a todo o Brasil. É nesse contexto que foi escolhido o Liceu de Artes e Ofícios, uma escola privada, conveniada com o Estado de

Pernambuco, mantida pela Universidade Católica de Pernambuco, localizada na Praça da República, nº 281, Bairro de Santo Antônio, Recife/PE, para a realização da Pesquisa de Campo que tem como Objetivo Geral identificar e analisar os mecanismos psicossociais e religiosos que levam adolescentes e jovens a mudarem de Igreja, verificando através dos Objetivos Específicos a identidade religiosa dessa clientela, a fim de detectar suas inquietudes na busca e mudança e Igreja. Ao entender a experiência religiosa do sagrado, nos adolescentes e jovens do Liceu, constata-se também a vivência religiosa e familiar dos membros da amostra.

A necessidade de investigar e fazer uma pesquisa científica no Liceu, concernente à saída dos adolescentes e jovens católicos para outras denominações religiosas, exigiu uma metodologia que constou da aplicação de um Questionário Misto de 30 questões a uma amostra de 46 sujeitos, dividido em dois grupos de estudantes: um grupo de 26 adolescentes (entre 14 e 17 anos); e um outro grupo de 20 jovens (na faixa etária de 18 e 25 anos) que, ao mudarem de Igreja, deixam de lado a pertença religiosa católica, de sua tradição familiar.

Nas análises estatísticas foram utilizadas técnicas de Estatística Descritiva, tais como: Média, Moda, Desvio Padrão, Percentuais, Distribuições de frequências e Gráficos. Além disso, foram utilizadas técnicas de inferência estatística (a um nível de significância de 5%) através dos testes: Shapiro-Wilk, Levene, Mann-Whitney, Quiquadrado de homogeneidade de Pearson, Exato de Fisher e Razão de verossimilhança e a porcentagem.

Ao buscar respostas, através da Pesquisa de Campo sobre mudança de Igreja no Liceu, supõe-se que esses adolescentes e jovens deixam a Igreja Católica e aderem a outras religiões, em busca de respostas aos seus anseios e, no encontro com lideranças inovadoras, dinâmicas e mobilizadas, com suas estratégias de ação e de evangelização, tornam-se de algum modo, satisfeitos. Assim, buscando o diagnóstico das principais “causas dessa mudança”, identificam-se sinais acerca do religioso, da pertença e da caracterização dos vínculos com a instituição antiga e nova.

A questão, portanto, é saber: o que levaria adolescentes e jovens a mudarem de Igreja? Que mecanismos psicossociais e motivações religiosas os levam a fazer essa opção? Será que a Igreja Católica perdeu a motivação para lidar com adolescentes e jovens? O que lhe falta para isso? Qual seria o compromisso teológico e pastoral com adolescentes e jovens que buscam outras Igrejas, às vezes, numa ruptura familiar, numa revolução pessoal ou mesmo como um desafio à sua dimensão religiosa? Será que ao se desmotivarem com a Igreja Católica passam a se motivar com o testemunho religioso de colegas, professores, amigos,

parentes, etc? Será que as semelhanças e diferenças entre as Igrejas atraem esses fiéis ou isso é fruto da fase de turbulência da adolescência e juventude a buscarem a transcendência?

Talvez o sonho por uma nova sociedade, com mais solidariedade, justiça e coerência na prática religiosa leve a essa mudança de Igreja; criar e ativar mecanismos realistas e pedagógicos que os ajudem a entrar em si, pelo fortalecer da esperança e da fé poderia ser a saída para um assumir concreto das mudanças pessoais e comunitárias. Com os resultados finais, coletadas na pesquisa de campo, enriquece-se o pensar do pesquisador, do estudioso, do educador e do formador (escolar, familiar e pastoral) a se auto-avaliarem e despertar para a nova sociedade, que aí está surgindo, para essa temática de mudança de Igreja entre adolescentes e jovens, assunto pouco abordado e pesquisado neste país, sendo o Liceu / Unicap talvez um dos poucos pioneiros nessa relevante temática.

Diante da exposição feita sobre um tema polêmico e atual, com envolvimento e influências na troca de identidade e pertença religiosas utilizou-se uma Pesquisa de Campo na área das Ciências Humanas (Psicologia, Sociologia, Teologia, etc), que contribui para que o pesquisador, num ensaio tímido interdisciplinar, compreenda um pouco mais o atuar de adolescentes e de jovens na sua busca pelo Absoluto.

Na dimensão psicológica elegeu-se Piaget e Erikson, que ajudaram a entender e aprofundar os diferentes valores psicossociais e religiosos dos adolescentes e jovens, reconhecendo, na flexibilidade, instabilidade, inclinações do adolescente jovem, em suas fases de desenvolvimento global, os mecanismos (ações) psicossociais e religiosos provocadores de mudanças na identidade religiosa.

Segundo Piaget, alguns fenômenos psicorreligiosos acontecem nessa fase da adolescência e juventude: o adolescente (11-17 anos), não mais como criança nem ainda como adulto vivencia momentos de intensa confusão, pois vai descobrindo novos saberes religiosos que não mais aqueles do período infantil, mas sim, algumas novidades que livremente se questionam aceitando-as ou não. Esse adolescente tende a buscar argumentos de suas próprias revisões por suas certezas, próprias da idade e que responde as suas tomadas de posições entre um credo e outro, tema desse trabalho.

Quanto aos jovens (18-25 anos), sabe-se que é uma situação que está amadurecendo para atingir a fase adulta. É nesse momento que ele deixa um pouco de lado os laços familiares e vai se identificando com outros grupos. Cria situações para com os valores religiosos assumidos, sendo capaz de comportamentos pessoais ou coletivos, em que a religião e a religiosidade vão transparecer toda sua completa realização transcendental na vivência e permanência própria.

Segundo Piaget, para compreender o papel das estruturas formais do pensamento na vida do adolescente, precisa-se inseri-las na sua personalidade total; ele se refere ao Estádio ou fase das operações formais: operatório-formal que, na adolescência, atinge dos 14 aos 18 anos; e na juventude dos 18 aos 25 anos.

É importante lembrar ainda a teoria psicossocial de Erik Erikson, que apresenta a adolescência (dos 13 aos 20 anos), quando a tarefa principal do adolescente é resolver o conflito de identidade *versus* confusão de identidade. A questão básica é: “Quem sou eu?” Uma definição ótima da identidade, além de promover o bem-estar, revela-se pelo “sentimento de que o corpo é como a própria casa, a sensação de saber aonde se dirige e a convicção de ser reconhecido de antemão pelas pessoas que interessam” (1968, p.165). Não conseguir o objetivo leva à “dispersão” ou “confusão”, quer dizer, a um estado de desintegração e alienação do eu. As virtudes fundamentais que surgem da crise de identidade são a fidelidade e a lealdade aos seus amigos, companheiros, grupo de valores, uma ideologia ou uma religião. A fidelidade representa um nível mais alto da virtude da confiança; consiste na capacidade de confiar nos outros e em si mesmo. Esta idade é a chave para as etapas posteriores. O indivíduo deve sentir-se seguro e confortável com respeito ao seu “eu” antes de estabelecer uma relação íntima e prolongada com outra pessoa e com a Igreja.

Na juventude (dos 20 aos 40 anos), o problema principal da primeira fase da idade adulta é a intimidade *versus* isolamento. De acordo com Erikson, os adultos jovens necessitam e desejam intimidade, quer dizer, necessitam ter compromissos pessoais profundos com outros. Se não forem capazes ou temerem fazê-lo, podem tornar-se solitários e abstraídos. A capacidade para conseguir uma relação íntima – fundir a sua identidade com a de outros – depende do sentido de identidade adquirido na adolescência.

Com Erikson, as imposições da sociedade e as necessidades psicológicas na adolescência e juventude vão gerar os conflitos que, se resolvidos adequadamente, levam ao otimismo e à autoconfiança. A identidade é estabelecida no indivíduo com a formulação da independência e dos valores advindos da crise de identidade.

Ao rejeitar idéias, papéis e valores ou assumi-los em curto tempo, o adolescente e jovem buscam modificações nos ajustes necessários para a vida adulta, em conformidade e na acomodação dos padrões estabelecidos pelos grupos de pares individuais.

Adolescentes e jovens, portanto, utilizam-se das imposições do mundo adulto e produzem trajetórias diversas que caracterizam a Pós-Modernidade, no que diz respeito, principalmente, à problemática psicossocial e religiosa.

Ao aproximar-se ou distanciar-se dos pressupostos historicamente apresentados pelos líderes ou parceiros de grupos (social e religioso), adolescentes e jovens caracterizam a importância e significatividade da permanência ou não da pertença psicossocial e religiosa nas quais eles estão inseridos e se revelam como atrativos das pesquisas nas diversas áreas do conhecimento.

No que concerne às abordagens teóricas, escolheu-se a dimensão sociológica, embasada nas considerações de Durkheim – que define religião como um sistema universal de crenças e práticas relativas às coisas sagradas, unindo os indivíduos que dela compartilham – buscando unir e entender melhor a realidade social dos adolescentes e jovens ante o fenômeno religioso da crise de pertença e trânsito religioso. Durkheim se insere numa linha funcionalista, que se caracteriza por enfatizar mais as funções sociais desenvolvidas pela religião do que suas doutrinas e o sentimento religioso. A religião é vista mais a partir da função de manter a coesão social e a integração dos indivíduos na sociedade, especialmente em períodos de rápidas mudanças sociais. É importante ter em conta que para Durkheim a sociedade plasma o indivíduo desde o seu nascimento. O coração da vida social é a consciência coletiva, constituída pelo conjunto de representações, regras, modelos de comportamento codificados e normas que guiam o agir dos indivíduos. A religião é a matriz dos laços sociais de qualquer sociedade. A religião seria uma espécie de pré-condição da vida em sociedade em todas as épocas, especialmente adolescentes e jovens em sua fase de autonomia e socialização dos afetos e sentimentos.

Durkheim reconhece um sagrado / transcendente no plano imanente como representação simbólica do clã. Dessa forma, todo sentimento religioso, mesmo dirigindo-se a divindades diferentes, em qualquer lugar, sempre tem a mesma origem, quer dizer, nasce do sentimento de dependência que a sociedade, como potência coletiva e autoridade moral, inspira em seus membros. Esse sentimento (de dependência) é projetado fora das consciências individuais em momentos de efervescência coletiva, e objetivado em símbolos que passam a ser sagrados.

A característica comum a todas as religiões é a distinção da realidade em uma esfera sagrada e uma esfera profana, que apresentam entre si relações de coordenação e subordinação, e que são venerados por crentes reunidos numa comunidade moral chamada “Igreja”.

A magia é diferente da religião, pois não comporta um caráter coletivo. Sociedade e sagrado para Durkheim são considerados praticamente idênticos. Há uma relação de sinergia entre ambas. As crenças religiosas sacralizam as normas de comportamento vigentes,

fornecendo-lhes uma legitimação definitiva e inapelável que favorece o autocontrole dos indivíduos e a adoção de medidas repressivas contra os que se desviam. Os ritos, por sua vez, suscitam e exprimem atitudes que reforçam o temor e o respeito para tais normas. Assim, a religião fornece uma sólida base para o controle social das tendências desviantes, sublimando os impulsos que representam perigo à estabilidade da sociedade. A sociedade, por sua vez, sustenta a religião, porque o sistema de símbolos religiosos não é, conforme Durkheim, outra coisa senão a sacralização dos sentimentos morais existentes numa dada sociedade. Por essa perspectiva durkheimiana, pode-se inferir que sempre haverá um futuro para a religião, posto que ela é uma coisa só com a sociedade.

Para Durkheim, não se pode falar de religiões falsas, pois todos respondem, mesmo de maneiras diferentes, a determinadas condições da existência humana. As crenças religiosas exprimem, em forma simbólica, a adesão total do indivíduo ao sagrado, isto é, a uma “outra” realidade-transcendente. Essa outra realidade, no entanto, é imanente, pois é a própria sociedade, quer dizer, é uma realidade que transcende o indivíduo, mas que se situa dentro do horizonte mundano, principalmente na vivência de fases, em seu desenvolvimento psicossocial e religioso.

Esta Dissertação está dividida em quatro capítulos:

O Capítulo 1 é concernente à descrição do Liceu e sua história. Como escola de “convênio”, ou seja, “pública e privada” tem como unidade mantenedora a Universidade Católica de Pernambuco, dos jesuítas, que administra e cuida pastoralmente do colégio, confessionalmente católico. O Serviço de Orientação Pastoral e o Ensino Religioso estimulam os alunos e alunas a sentirem-se orientados no vivenciar a própria religião católica, bem como a conhecerem e respeitar, na partilha com professores e colegas, outras denominações religiosas, principalmente, por se crer e vivenciar o ecumenismo na escola.

O capítulo 2 reflete sobre as características gerais (psicológica, sociológica, religiosa, etc) da adolescência e da juventude que, em crise pessoal, familiar e social, buscam o amadurecimento da fé, a transformação da sociedade injusta e a construção da fraternidade, justiça e paz.

O capítulo 3 versa sobre o relacionamento entre a Igreja Católica e a Pós-Modernidade, tentando ver como a Igreja busca dar continuidade à sua missão como Instituição, construída segundo a fé e o empenho de uma comunidade local, marcada por sua história e suas particularidades, num mundo pós-moderno com seus fortes desafios.

O capítulo 4 expõe os resultados da Pesquisa de Campo com a análise quantitativa e qualitativa (discussão), identificando e refletindo sobre os Mecanismos Psicossociais e

Religiosos da Mudança de Igreja entre Adolescentes e Jovens Católicos do Liceu de Artes e Ofícios e a caracterização da nova identidade religiosa na pertença às novas Igrejas, após o trânsito religioso.

CAPÍTULO 1 - LICEU: UMA INSTITUIÇÃO DE ONTEM E DE HOJE.

Ao refletir sobre o Liceu como uma instituição de ontem e de hoje, constata-se logo que, no ano de 2006, o Liceu de Artes e Ofícios completou os seus 170 anos de atividades, de história e de caminhada. Portanto, é uma tradição educacional, no Estado de Pernambuco, na cidade do Recife.

Com certeza, poder-se-ia também encontrar, na sua clientela atual, alguma continuidade de gerações passadas, já que avós, pais, filhos e netos se entusiasmam, ao falar do Liceu, pelo fato de ainda continuarem participando dessa história institucional, através dos estudos dos seus familiares.

Acima de tudo, reconhecer-se-ia ainda o grande desafio de sobreviver como instituição educacional, nesses 170 (cento e setenta) anos, quando a realidade da educação brasileira é vivenciada com insatisfações, revoltas e descaso.

Em particular, no caso do Liceu, trata-se de fato de uma escola, onde a clientela professor / aluno pertence à rede pública. De um lado, apoderam-se do corpo docente as desmotivações salariais, as lutas pelas conquistas, a insegurança no emprego frente aos constantes desafios. De outro lado, cresce a cobrança do alunado, reivindicando seus direitos de “crianças e adolescentes”, bem como as exigências características dos jovens que dizem o que querem, em nível de aspirações e ações.

Dizer do Liceu como uma instituição de ontem e de hoje é rever o termo “instituição”, ato ou efeito de instituir. A coisa instituída. Associação ou organização de caráter social, educacional, filantrópico, etc. (AURÉLIO, 1975, p.271). Concretiza-se assim, o pensamento de que há 170 (cento e setenta anos), a idéia ou ideal de alguém ou de várias pessoas fez nascer e se estabelecer, até os dias de hoje, uma história um tanto desafiadora no cenário educacional brasileiro. Este capítulo tratará dos seguintes temas:

- 1.1 - O liceu: resgate histórico de suas origens
- 1.2 - Vivência de um sistema educativo tradicional no Liceu
- 1.3 - Perspectivas de mudanças na educação do adolescente e jovem do Liceu

Que se celebre esse marco histórico de uma instituição escolar recifense, relembrando as origens do Liceu de Artes e Ofícios, a partir de muitos de seus admiradores e construtores com uma alusão a sua história desde as origens!

1.1 - O LICEU: RESGATE HISTÓRICO DE SUAS ORIGENS

O Liceu de Artes e Ofícios é uma escola privada, conveniada com o Estado de Pernambuco, mantida pela Universidade Católica de Pernambuco, localizada na Praça da República, nº 281, Bairro de Santo Antônio, Recife/PE.

Inicialmente, como modalidades de ensino, a escola oferece: Ensino Fundamental, de 5ª a 8ª série, Ensino Médio e Educação Profissional (Nível Técnico).

No início da “Síntese histórica sobre o Liceu de Artes e Ofícios”, o Prof. Pe. Ferdinand Azevedo SJ assim escreve:

O Liceu de Artes e Ofícios representa o coroamento de um sonho projetado no longínquo ano de 1836, por um grupo de 10 operários carpinteiros, nove dos quais analfabetos, que trabalhavam numa construção do bairro da Madalena.

Esses visionários sentindo a falta de instrução no meio artístico, o atraso em que estavam as artes em Pernambuco, bem como a falta de recursos quando adoeciam, congregaram-se para a formação de uma entidade com fins de ‘beneficência e instrução’.

Assim, tendo redigido os estatutos instalaram a sociedade no dia 12 de outubro de 1841, com o título de Sociedade Auxiliadora da Indústria e Comércio. (AZEVEDO, 1976, p.5).

Percebe-se que de um sonho entre 10 pessoas nasce uma entidade beneficente e instrutora que congrega pessoas simples, com um mesmo ideal e com a garra de cidadãos trabalhadores idealistas, que almejam melhoria de vida.

Portanto, esse grupo de “cidadãos sonhadores”, durante todo ano de 1836, sonhou em conjunto e realizou essa façanha. Não é ainda a instituição escolar – Liceu de Artes e Ofícios que aí se inicia; mas, com certeza, é aí que esse grupo “sonhador” dá início à “algo concreto”, fundando uma sociedade amiga, que os benfeitores e beneficiados jamais imaginariam que 150 (cento e cinquenta) anos depois seria o Liceu: uma recompensa estimuladora do raciocínio, da reflexão e da iniciativa de pessoas que semearam e integraram uma equipe colaboradora a um desenvolvimento humano.

Em sua “Síntese histórica do Liceu” o Prof. Ferdinand Azevedo SJ, falando das aulas de Geometria (1842) e Desenho (1851), afirma que a entidade passou a ser denominada de Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais. Em 1854 é ministrada uma disciplina chamada de Primeiras Letras e, em 1856, o ensino de língua francesa. Foi em 1865, que algo espiritual aconteceu: a adoção de Nossa Senhora do Amparo como padroeira. Mas foi com o ato do Imperador que a entidade ganhou sua sede própria, assim referido por Azevedo:

O patriotismo bem demonstrado por D. Pedro II durante a Guerra do Paraguai, levou o povo brasileiro a querer erguer estátuas em sua homenagem como prova de agradecimento. Porém, o monarca preferiu que os recursos obtidos para tal finalidade fossem canalizados para a instrução, como explicou na carta publicada pela imprensa do país, em 19 de março de 1870.

Em Pernambuco, o dinheiro coletado pela Associação Comercial Beneficente, com a finalidade de homenagear o imperador foi canalizado para a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais e destinado à construção de um edifício voltado à instrução das classes operárias.

Para a consecução desse propósito foi fundamental o apoio do Governo da Província, à frente o Conselheiro Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque, e a doação pelo Visconde do Livramento, animando-se assim a sociedade a lançar a pedra fundamental do Liceu de Artes e Ofícios, fato passado em 23 de abril de 1871, representando isto o coroamento de um dos objetivos definidos nos primórdios da sociedade (*Id. ibid, p. 10*).

Inaugurado em 21 de novembro de 1880, após 07 (sete) anos do início de sua construção, o Liceu recebe a visita do Imperador no dia 25 de março de 1881. Também é motivo de destaque lembrar hoje, entre os grandes professores que o Liceu já recebeu, a presença do ilustre historiador Francisco Augusto Pereira da Costa, bem como entre seus ex-alunos importantes, os senhores Sérgio Teixeira Lins de Barros Loreto e Agamenom Sérgio de Godói Magalhães, ambos ex-governadores de Pernambuco.

O Liceu entra na década de 50 em declínio, por causa da divergência entre tradicionais e liberais da entidade, apesar da grande representatividade para a história cívico-cultural do Estado de Pernambuco. Sobre isso diz Azevedo:

O comentário a seguir é do jornalista Costa Porto: ‘Aquele casarão na Praça da República tem uma história de fulgor esfusante. O velho Liceu foi, entre nós, o pioneiro de quase tudo. Foi museu, escola de belas artes, escola de pinturas, de arquitetura, de ensino técnico e biblioteca; a numismática, a escultura, a alfabetização de adultos, quase tudo quanto hoje aparece com foros de novidade tem, em Pernambuco, décadas de experiências, porque isso se fez no velho Liceu. Tempo houve em que a cultura ali se acastelou. Quem quer que se apresentasse com uma parcela de autoridade em qualquer setor da inteligência e da vida pública fazia do Liceu seu ponto obrigatório de encontro, de ação e de trabalho (*Id. ibidem, p. 15*).

Foi o senhor Agripino de Barros Falcão, então diretor do Liceu, na década de 60, que lutou para evitar a desapropriação dessa instituição pelo então governador Miguel Arraes de Alencar. A princípio, o Liceu é oferecido à Reitoria da UFPE e em seguida à Reitoria da Unicap, que o recebeu. Em 15 de maio de 1961, sob a direção do Pe. Antônio dos Santos Abranches, a Unicap assume o Liceu e, nesse período, reforma o prédio anexo para funcionar classes do ensino regular. Em seguida, assume a direção da escola o Pe. Irata e em pouco tempo passa ao Prof. José Ramos Galvão, que a dirige de 1969 a 1976. Foi nesse período que surgiu o curso de Contabilidade, a Escola de Datilografia, os cursos de Desenho Arquitetônico e Mecânico e se dá início ao convênio tipo “salário-aulas” com a Secretaria de Educação. Hoje, o diretor do Liceu é o Sr. Prof. Roberto Mário Aguiar Pimentel, desde o dia 15 de janeiro de 1976, tendo sido nomeado pelo então magnífico Reitor da Unicap, o Monsenhor Rubens Gondim Lócio.

Resgatando-se um pouco a história do Liceu, observa-se o quanto é importante para o ser humano a realização de um ideal e quão significativo ele o é quando representa a continuidade da história humana e da história da sociedade.

O Liceu, que nasce de um sonho, toma uma conotação estrutural, cimentado por grande amizade. Com esse dom partilhado da amizade, é possível realizar conjuntamente o sonho por tantos sonhado. A amizade vivenciada é algo enriquecedor da condição humana. Sobre a amizade, assim se refere Atilano Alaiz (1986, p. 83): “A amizade é, certamente, um caminho até a maturidade, porém pressupõe, ao mesmo tempo, um certo grau de maturidade para se iniciar a caminhada. Um certo grau de maturidade afetiva, psicológica e espiritual”.

E é justamente pela amizade que também o Liceu continua esse sonho projetado e partilhado há 170 anos (cento e setenta). Um sonho que deu certo, assumido pela Universidade Católica de Pernambuco (pelos jesuítas), e que há trinta anos é alimentado pelo Sr. Roberto Pimentel, dirigindo um sistema educativo de perspectivas modernas, porém, de cunho tradicional.

1.2 - VIVÊNCIA DE UM SISTEMA EDUCATIVO TRADICIONAL NO LICEU.

Para se abordar a vivência de um sistema educativo “tradicional”, necessário se faz proclamar a Educação como um processo, um tanto problemático e marcado pela

provisoriamente, pelo menos no que concerne à educação brasileira, em que o descaso e a reflexão crítica se encontram no mesmo patamar da discussão. A falta de preocupação com os interesses educacionais é algo que permeia o lento perfil evolutivo deste país.

O conceito de Educação varia desde Antiguidade até Idade Contemporânea. Costumeiramente, ela é conceituada como o processo que visa promover o desenvolvimento do indivíduo e de todas as suas potencialidades. É um permanente processo de aprendizado e descobertas.

Oriunda do latim “*educatio*”, na sua acepção etimológica, o termo educação quer dizer:

Ato ou efeito de educar (-se); processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social: educação da juventude, educação de adultos, educação de excepcionais [...] Aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas. Conhecimento e prática dos usos de sociedade, civilidade, delicadeza, polidez, cortesia [...] (HOLANDA, 1986, p.619).

No entanto, segundo Pinto, a educação pode ser definida em seus dois significados: restrito e amplo. São eles:

Em restrito, o da pedagogia clássica, convencional sistematizada, refere-se à educação às fases infantil e juvenil da vida do ser humano[...]. Em sentido amplo (e autêntico), a educação diz respeito à existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos[...].A educação é um processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função dos seus interesses. Por consequência, educação é formação do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intuito de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzi-lo a aceitar e buscar os fins coletivos. (PINTO, 1985, p.29-30).

Percebe-se, nas definições acima citadas que o conceito de Educação apresenta-se de forma abrangente. E, por assim apresentar-se, é possível pensar nas possibilidades de que o que pode “educar” também pode “deseducar”, dependendo dos meios utilizados e dos fins esperados, podendo a educação libertar ou escravizar o homem e a mulher. Os objetivos e caminhos da educação tanto podem visar ao progresso, como podem ser utilizados nos grupos específicos ou de ideologia isolada.

Lembrando o pensar de Henrique Paro (1991, p. 105), compreende-se a educação:

Como apropriação do saber historicamente acumulado, ou seja, como processo pelo qual as novas gerações assimilam as experiências, os conhecimentos e os valores ligados pelas gerações precedentes, é o fenômeno inerente ao próprio homem e que o acompanha durante toda a sua história. O desenvolvimento filosófico, científico,

artístico e tecnológico, bem como as mudanças que são introduzidas nos valores e nas maneiras de conduzir-se socialmente são sempre acumulativas e se fazem com base nas conquistas alcançadas anteriormente e transmitida, às novas gerações através de algum processo educativo.

Apropria-se, assim, o ser humano do conhecimento historicamente constituído podendo desenvolver, a partir dessa apropriação, novos conhecimentos, ao criar, procriar e recriar. É esse sujeito ativo da apropriação, da criação e da construção de novos conhecimentos que vai dar significados novos ao saber, viabilizando o desenvolvimento de suas potencialidades pela convivência e experiência com outros sujeitos iguais ou diferenciados, interagindo entre si.

Em relação ao Liceu, percebe-se a necessidade de, como escola, repensar seus conceitos e rever a Educação num sentido mais amplo e descentralizado, não distanciando assim, o significado de sua importância e de sua função educativa da execução dos saberes sistematizados. Talvez, pela própria natureza de “convênio”, torna-se essa escola complexa nas suas normas e preceitos, bem comum à Escola brasileira, reprodutoras de ideologias de grupos dominantes, articuladas com o passado saudosista e idealista, descontextualizando-se do seu real significado, pelo menos no que diz respeito aos anseios dos adolescentes e jovens que, em relação ao presente, já caminha quilômetros de distância avançando na frente dos adultos, em seus desejos, sonhos e anseios.

O Liceu de Artes e Ofícios torna-se uma escola onde o próprio espaço de trabalho dificulta a sua melhoria de qualidade. São vários os desabafos dos alunos que anseiam por projetos educativos com mais participação, cooperação, partilha e esforço de atualização. Claro que se percebe, às vezes, que passos são dados nesse sentido. Adequar-se aos novos reclamos e necessidades da sociedade atual é o desafio. Vivenciar no Liceu um sistema educacional de mudanças e transformações sociais tem sido para o atual diretor, Pimentel, a grande meta. Eis, sua fala:

Quando assumi a direção do Liceu, em 1976, defrontei-me com um desafio: Como garantir que o reconhecimento público conquistado pela escola se mantivesse alto. Fazia-se necessário assim definir algumas estratégias. Eu já tinha alguma convivência na casa e, em anos anteriores, fora professor do curso da noite e coordenador do turno da tarde. Nesses anos todos, algumas estratégias têm-se revelado exitosas. (PIMENTEL, 2006, p.1)

Segundo Pimentel, uma primeira estratégia seria, assegurar bom padrão de ordem disciplinar, pois em todas as épocas foi sempre louvado os cuidados com o fardamento, a exigência da carteira/ cartão de frequência para registro da presença do aluno, o efetivo controle disciplinar

exercido pelos auxiliares de disciplina e os contatos com a família quando já comunicados os comportamentos assumidos pelo aluno.

Uma outra estratégia revelada por ele, o diretor, seria o esforço para proporcionar boa aprendizagem, sendo esta uma exigência que se faz a qualquer escola. Para isso, revelou-se importante: a elaboração de bons planos de curso, viabilizar a distribuição de **notas** de aula e outras fichas necessárias. Explica ainda ele, que tudo isto funcionou bem antes quando existiu maior **folga** financeira da mantenedora. Também os plantões pedagógicos, que são encontros entre pais e professores, oportunizava esclarecimentos recíprocos; as excursões que eram possíveis de acontecer quando a Unicap dispunha de seu ônibus; as exposições que se constituíram momentos de considerável riqueza intelectual reveladas, nas Feiras de Ciências, nas Mostras de Geografia e História, nas Feiras de Física, o Projeto Leitura, que propiciava o contato do aluno do Ensino Fundamental em textos dos mais representativos escritores do País. Ainda Pimentel assim o diz:

A iniciativa do Clube do livro aberto às turmas do turno da tarde e fazendo surgir uma legião de leitores mobilizados sem o estímulo de prêmios em notas, os cursos de reforço e recuperação existentes a partir de 1979 com proveitoso legado; a formulação de um projeto de integração curricular nos cursos profissionais, aproximando diferentes áreas do currículo e oportunizando proveitosa experiência intelectual. Cabe dizer que o projeto de integração mobilizou para sua elaboração todos os professores do curso noturno. (PIMENTEL, 2006, p.2)

Numa terceira estratégia, estaria o estímulo a iniciativas culturais que foram além dos muros da escola – a exemplo de: exposição de arte chamados de Expo-Liceu, que reunia trabalhos de alunos de escolas do Grande Recife, mostra de pintura, escultura e desenho. As mostras de cine super 8; os Cursos e Exposições de Fotografia; o Grupo Musical; o Grupo de Teatro, cujas peças exibidas em anos sucessivos, em diferentes bairros do Recife, foram de grande repercussão.

Para o diretor há outras atividades que surgiram em diferentes épocas que se revelaram felizes iniciativas, sendo algumas de caráter permanente, como a preparação para os Sacramentos da 1ª- Eucaristia e Crisma e os Campeonatos de Futebol de Salão e Voleibol; outras que acontecem e são frutos da oportunidade como o Programa de Orientação Vocacional e a participação de alunos do Ensino Médio no programa de Iniciação Científica para jovens da Unicap. Há, também, aqueles que dependem da decisão e desprendimento de um professor, a exemplo da participação do Colégio nas Olimpíadas de Física e Matemática, também a ida de alunos aos Concertos-Aula da Orquestra Sinfônica e ao Teatro, e foram centenas os que acompanhavam o Professor de Educação Artística.

E assim conclui:

Convém registrar que tais iniciativas, patrocinadas ontem ou hoje, contribuem para manter elevado o astral do aluno, o bom nível de aceitação da escola, e são capazes de mobilizar o interesse e entusiasmo de todos que fazem o Colégio, despertando em todos o orgulho de ser Liceu. É preciso reconhecer que, no passado, tudo aconteceu com mais frequência...

O futuro:

O que nos reserva o futuro? Este é um exercício que não vou me atrever a fazer. O Novo Reitor tem planos para o Liceu: esperemos todos com alegria e confiança o que virá por aí. (PIMENTEL, 2006, p.3).

A partir dessa explanação administrativa, observa-se: [...] “É preciso reconhecer que, no passado, tudo aconteceu com mais frequência” e, [...] “O novo Reitor tem planos para o Liceu.” [...], lembrar-se aqui, do quanto adolescentes e jovens precisam de “urgência”. Não é fácil conviver com a clientela dos 10 anos e mais. Agir com velocidade total sobre eles (adolescentes e jovens) é também ultrapassar as tentadoras “ofertas extra-escola e extra-família” que os motivam para mudanças desastrosas. Educadores e pais que caminham lentamente com adolescentes e jovens perdem, constantemente, os espaços da formação transformadora, proclamados pela pós-modernidade, em que o tradicional é questionado e desafiado pelas idéias novas que dão um novo sentido à educação.

Quanto ao Liceu de Artes e Ofícios, é necessário fazer projetos planejados com objetivos advindos do próprio adolescente e jovem, com suas perspectivas de mudanças para uma boa iniciação crítica da consciência. Também é necessário responder aos anseios dos educandos que “não se fazem esperar” e não querem aceitar mais o “caminhar lentamente” de educadores e pais.

Finalmente é ainda necessário repensar ações democráticas em que a importância do papel da escola dignifique todo ambiente humano escolar: desde o simples zelador ao diretor comprometido com as mudanças e com a construção da escola democrática.

Sobre essa construção diz Freire (2001, p. 202):

A construção da escola democrática não depende da vontade de alguns educadores e educadoras, de alguns alunos, de certos pais e mães. Esta construção é um sonho porque devemos lutar todas e todos os que apostamos na seriedade, na liberdade, na criatividade, na alegria dentro e fora da escola.

A luta coerente por este sonho exige de nós respeito pelos outros, assunção de dever de cumprir nossas tarefas, de brigar por nossos direitos, de não fugir à obrigação, de intervir como educador ou educadora, de estabelecer limites à nossa autoridade como à liberdade dos educandos. Exige de nós capacidade científica, formação permanente, pela qual temos de lutar como direito nosso e clareza política, sem a qual dificultamos nossas decisões.

É sonhando com uma realidade possível de transformação que se abordará a seguir as perspectivas de mudanças na educação do adolescente e jovem do Liceu.

1.3 - PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO DO ADOLESCENTE E JOVEM DO LICEU

Foi a partir de 1991, que o Liceu de Artes e Ofícios viu renascer o seu Serviço de Orientação Religiosa. Este serviço ficou paralisado durante quase (10) dez anos, depois da transferência de seu titular para outra unidade de ensino da Ordem dos Jesuítas, se bem que, por algum tempo, houvesse “aulas de Religião” ministradas por um seminarista ligado ao antigo ITER (Instituto de Teologia do Recife). Qual seria então a importância da orientação religiosa no contexto da Educação?

Sendo concebida a espiritualidade como algo “natural” à pessoa humana, acreditar na eficácia de um processo de Educação que trabalhe esse aspecto fundamental da vida é dizer de uma orientação formativa adequada, em que a fé e a vocação fundamentem o sentido da vida participativa e expressem a construção da cidadania. É no conhecimento e na experiência da dimensão transcendente da vida pessoal, comunitária e universal que adolescentes e jovens, buscando e conquistando a maturidade, sentem a necessidade de orientar a vida de modo criativo e valoroso, fundamentando melhor o seu processo evolutivo, visando a uma maior qualidade do desenvolvimento humano.

Ao Serviço de Orientação Religiosa, nas pessoas de Pe. Expedito Miguel do Nascimento Filho, SJ e Pe. Celso Luiz Martins Marques, SJ - pelo menos no que concerne ao período de nosso convívio profissional - coube facilitar e estimular adolescentes e jovens do Liceu à descoberta de Jesus Cristo - Homem maduro e perfeito. Com essa clientela, numa tentativa de imitação e interiorização dos valores evangélicos, atingir-se-ia a maturidade e plenitude de vida, tarefa ampla, complexa e desafiadora.

Foi em 1992, como estudante do Curso de Teologia para Leigos (Unicap), que recebi o convite do então coordenador Pe. Jacques Trudel s.j. para ficar como estagiária de “Cultura Religiosa” do Liceu, ministrando aulas das 5^a as 8^a séries do Ensino Fundamental e dos 1^o anos do Ensino Médio. Ao mesmo tempo, realizava-se um trabalho de animação em torno dos acontecimentos marcantes do calendário religioso, envolvendo, no possível, todo ambiente escolar.

Em 1993, fui contratada pelo então Magnífico Reitor Pe. Theodoro Paulo Severino Peters SJ para assumir, como funcionária da Unicap, o trabalho do Liceu, que passou a ser identificado como Orientação Pastoral.

De início, julgou-se como de interesse da Direção Escolar para o futuro fazer desse Serviço de Orientação o núcleo irradiador de toda Ação Pedagógica, num trabalho permanente junto ao corpo técnico e professores, para atingir com eficácia professores e alunos. Assim, tinha-se como finalidade:

1. Trabalhar com os professores e funcionários, através de estudos de temas educativos ou incentivando-os a participar dos eventos promovidos pela Unicap.
2. Preparação de alunos e alunas para os Sacramentos, especialmente os da 1ª-Eucaristia e Crisma, através da catequese e doutrinação, em parceria com a Unicap.
3. Atendimento e aconselhamento pessoais ou coletivos a todos que necessitem e solicitarem.
4. Outros eventos.

Percebeu-se, portanto, que a meta de trabalho possibilitaria um intercâmbio interdisciplinar junto à comunidade escolar, requerendo mudanças e transformações no planejamento escolar e na atuação diária. Diga-se de passagem, que o exercício inicial foi de boa motivação, tendo em vista que algumas realizações, tais como: encontros, passeios, palestras, confraternizações e celebrações litúrgicas, etc, puderam acontecer, embora a continuidade tenha se tornado escassa e quase foram paralisadas por motivos variados, e entre eles a ausência do dirigente espiritual (dos jesuítas) devido às suas transferências.

Com a experiência pastoral junto aos adolescentes e jovens do Liceu, adquiriu-se um conhecimento sobre o desenvolvimento humano dessa clientela e um bom acompanhamento acontecido numa relação afetiva da amizade, carinho e mútua ajuda.

Em nível pastoral (pastoreio, pastor: quem cuida do rebanho), no acompanhamento escolar dos adolescentes e jovens do Liceu, durante anos de atividades profissionais, algumas esferas foram desenvolvidas, como: a escuta; a preparação aos Sacramentos; o encaminhamento ao Departamento de Psicologia / Unicap daqueles que precisavam de uma ajuda profissional mais específica. Sobretudo, foi observado o quanto era necessário fazer do ambiente pastoral uma das opções tão necessárias, no dia-a-dia, para descontração e ajuda do alunado.

Geralmente, no início do ano letivo, ao passar nas salas de aulas para apresentação e boas vindas, é comum o convite para que alunos e professores sintam e vejam no ambiente escolar do Liceu, aquele lugar diferente, o extra classe a espera de todos e de todas: a Sala de Pastoral.

É justamente por esses “sentimentos de inclusão” que pré-adolescentes, adolescentes e jovens procuram a Pastoral e, a princípio, passam a observar a sala,

reconhecendo nela um lugar que não tem a mesma disposição das bancas escolares, mas sim mesas, cadeiras e espaços no chão, disponíveis e que fazem a diferença.

Daí por diante, buscam a sala para conversas, estudos, jogos, artes, brincadeiras, comemorações e, principalmente, para desabafos na escuta da orientadora pastoral. É importante não esquecer a presença dos pais e mães que, aos poucos, vêm nos conhecer e querem iniciar uma relação de afetividade para com aquela pessoa que despertou nos seus filhos e filhas o desejo de ser “uma pessoa diferente”, como dizem. Essa diferença, talvez seja a maior disponibilidade no ouvir, no entender e no ajudar.

Percebe-se, através dos adolescentes e jovens dessa escola, como o mundo atual, o da pós-modernidade com o avanço do conhecimento e da tecnologia, faz-se presente, nesse mundo do pós-guerra, do pós-censura e do pós-opressão.

O adolescente e o jovem caminham hoje com novos valores e sentidos, incentivados constantemente pelo imediatismo e pelo tecnológico. A escuta talvez seja um dos grandes vínculos afetivos que lhes faltam, pois é comum em suas falas: “não tenho com quem falar em casa” [...], “ninguém sabe me escutar” [...], “não suporto mais viver sozinho” [...].

Desabafos, ansiedades, angústias e problemas são manifestações constantes que cercam a agente de Pastoral, no dia-a-dia, tornando-a gratificada pela euforia característica dessas idades em que a alegria, a improvisação, as buscas e os sentimentos de carinho se fazem presentes, independentemente da atitude religiosa, da adesão a um credo particular ou da pertença como membro de uma Igreja.

É necessário, portanto, conhecer um pouco mais sobre “Adolescência e Juventude” buscando apropriar-se do pensamento de alguns pesquisadores tais como Piaget e Erickson, entre outros autores, que se destacam nos estudos das fases evolutivo-cognitivas do desenvolvimento humano e vão propor à agente de Pastoral uma melhor compreensão das características e das ações dessa clientela escolar que vai principiar aos 10 anos e mais. Perceber mais profundamente, na fase escolar, crianças, adolescentes, jovens e adultos é uma realização profissional das mais relevantes, buscando entender mais suas formas de agir, revendo os diferentes mecanismos de interação dos jovens entre si no processo educativo.

Como Orientadora Pastoral do Liceu de Artes e Ofícios, percebi aspectos importantes de mudanças na educação do adolescente e do jovem, principalmente, onde a crise de valores sofre as rapidíssimas transformações: desde a liberdade pessoal do educando, na sua crítica e no seu enfrentamento às normas e aos deveres, até a luta pela inclusão.

Novos posicionamentos escolares e pedagógicos têm-se observado com um comprometimento com soluções claras e imediatas. Vê-se que, constantemente, o alunado busca aprendizagem concreta, em sua realidade histórico-social e afetiva, enquanto que o professor apresenta poucos avanços, exercendo um papel tradicional e usando métodos ultrapassados sem renovação de conteúdos, a afetar negativamente a sua auto-estima e sua renovação diária. Capacitação, especialização e modernização, certamente deveriam ser suas fontes inspiradoras.

Espera-se que, no limiar desses “pós-cento e setenta (170) anos” de caminhada, o Liceu de Artes e Ofícios, com novo modelo educativo e um projeto com participação dos profissionais e alunos envolvidos possa, como Escola (uma instituição educativa) revisar conceitos, partilhar dificuldades e confraternizar atividades. Adolescentes, jovens e adultos do Liceu têm esperanças num processo educacional fraterno, solidário e tolerante. Eles caminham apressadamente, quase não têm mais tempo, buscam soluções imediatas com consciência crítica transformadora.

Como a Filosofia, o “fazer pensar” (a partir do espanto, dos questionamentos, das dúvidas e das incertezas) é o agir concreto do processo educativo escolar, fora da inércia e da alienação. O resgate da cidadania, da ética e da liberdade certamente aprimorará a arte de pensar, estimulando alunos, professores e toda a instituição educativa na produção do conhecimento e da existência. Reconstruir informações, discutir idéias e valorizar as diversidades é o grande encontro do saber escolar, docente e discente.

Com os adolescentes e jovens do Liceu, as perspectivas de mudanças na educação deverão acontecer tendo em vista as suas características biológicas, sociológicas, psicológicas e religiosas, próprias desse perfil e que provocam mudanças previsíveis e imprevisíveis.

Conclui-se o Capítulo 1 sobre o “Liceu uma Instituição de Ontem e de Hoje” com essa rápida reflexão sobre as origens e a vivência de uma escola que quer avançar nas perspectivas de mudanças sobre a educação com adolescentes e jovens.

Acena-se agora para o estudo sobre Adolescência e Juventude e suas diferenças de faixa etária que justificam a distinção entre o adolescente e o jovem.

É justamente sobre Adolescência e Juventude, com suas características, que se refletirá no capítulo 2, a seguir.

CAPÍTULO 2. ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE.

Refletir sobre “Adolescência e Juventude”, caracterizando os seus momentos de adolescente e jovem, é pensar num período de mudanças significantes da vida humana, em que o corpo, o amadurecimento sexual, o emocional, os interesses, as funções sociais e o sistema de valores vão sofrer uma profunda crise processual evolutiva, tanto no campo da realidade quanto no das possibilidades.

Etimologicamente, a palavra adolescência vem do verbo latino *adolescere*, que significa crescer ou desenvolver-se até a maturidade (ROSA, 1985, p. 43). Antes, o termo foi definido apenas em função dos aspectos biológicos; com o mundo moderno, o conceito passou a ter também uma conotação psicossocial.

Vejamos algumas definições dadas por diversos autores:

Adolescência é um conceito psicossocial. Representa uma fase crítica, no processo evolutivo, em que o indivíduo é chamado a fazer importantes ajustamentos de ordem pessoal e de ordem social (ROSA, 1982, p. 44).

Adolescência é um momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento. Este processo atravessa três momentos fundamentais: o primeiro é o nascimento, o segundo surge ao final do primeiro ano com a eclosão da genitalidade, da denteição a linguagem, da posição de pé e da marcha; o terceiro momento aparece na adolescência. (ABERASTURY, 1980, p. 15).

Adolescência é um período de um desenvolvimento situado entre a infância e a maturidade (MARTELLI, 1995, p. 293).

Adolescência é a idade da integração no universo social do adulto (PIAGET; INHELDER, 1976, p. 260).

Pode-se dizer, portanto, que na fase da adolescência acontece a descoberta de si, dos outros e do mundo. O adolescente vive a fase do provisório e está também na fase da iniciação pela curiosidade e pela busca.

Neste capítulo tratar-se-ão dos seguintes temas:

- 2.1 Características gerais do adolescente e do jovem
- 2.2 O desenvolvimento biológico
- 2.3 A socialização do adolescente e jovem
- 2.4 O desenvolvimento psicológico
- 2.5 O desenvolvimento religioso

2.6 Mecanismos psicossociais e religiosos utilizados pelos adolescentes e jovens

2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ADOLESCENTE E DO JOVEM

A “Adolescência” é o período das características relevantes dos indivíduos, que se distingue dos outros períodos da vida humana. Frequentemente este termo – “*adolescência*” é empregado como expressões conexas de “Puberdade e Juventude”. Numa abrangência mais clara, “Puberdade” se refere às características biológicas e “Juventude” às características sociais. Estudar-se-á mais um pouco sobre esse assunto posteriormente.

Ao se falar em “Juventude”, lembrar-se-á da “mocidade” e da “juvenilidade”, que tem a ver com a mesma fase intermediária entre infância e idade adulta. Torna-se, portanto, sempre desafiador delinear o pensamento nos termos “Adolescência” e “Juventude”, por tratar-se de temas “interligados”, visto que ambos não atingiram ainda a vida adulta, “complementares” porque apesar de serem fases distintas complementam a maturidade e, finalmente, são “complexos”, porque historicamente são de difícil entendimento essas duas faixas etárias. Vê-se assim, que os termos se confundem apesar das diferentes teorias terem procurado sistematizar os estudos em relação ao comportamento de adolescentes e jovens.

É na “Adolescência” e “Juventude” que as mudanças acontecidas fazem adolescentes e jovens enfrentarem e desafiar seus desejos, suas aspirações e suas dificuldades. Tudo tem a ver com a caminhada de interiorização e de afirmação da personalidade com um longo e complexo processo bio-psico-religioso e social rumo à vida adulta.

Poder-se-ia aqui lembrar Merval Rosa que diz:

O adolescente não é mais criança, porém ainda não é adulto. Esta condição ambígua tende a gerar considerável confusão na mente do adolescente, que não sabe exatamente qual o papel que tem na sociedade. Esta confusão tende a desaparecer, na medida em que o adolescente define sua condição psicológica (ROSA, 1985, p. 45).

Percebe-se que adolescente e jovem vivenciam essa confusão de identidade despertando o grande interesse dos pesquisadores. Por serem assuntos sempre atuais “Adolescência” e “Juventude” continuam sendo motivo de estudos, em várias áreas, vistas como desafio e com preocupação. A complexidade do estudo está também na demarcação clara do ciclo, do início e término dessas fases do desenvolvimento humano.

Apesar dos vários estudiosos do assunto, interessa-nos citar Jean Piaget, teórico suíço, conhecido pelas relevantes contribuições à Psicologia e à Educação, mas com uma sólida formação em Biologia, Filosofia, História, Matemática e Sociologia. Ele nasceu em Neuchâtel, na Suíça, em 1896. Estudou Biologia e se formou, na universidade de Neuchâtel, em 1915. Formou-se em Psicologia e estudou Psicanálise em Zurique, em 1919. Foi professor de História do Pensamento Científico, da Matemática, da Física e da Biologia, em 1929, e sucedeu a Merleau Ponty como professor de filosofia na Sorbonne (Paris), em 1945. A partir de 1950, aprofundou seus estudos e publicações sobre Epistemologia genética, inaugurando o Centro Internacional, em 1955, onde permaneceu até a sua morte, em 1980, em Genebra. Um gênio, cuja questão principal foi: como tem origem e como evolui o conhecimento?

Piaget foi criador de um ramo de epistemologia que chamou Epistemologia genética. É uma forma de reflexão teórica que analisa a evolução do conhecimento menos estruturado para o estado de conhecimento mais estruturado. (GOULART, 2005, p. 20) Procurou compreender o desenvolvimento do conhecimento desde o nascimento (estádio sensório-motor), até o raciocínio complexo (estádio das operações abstratas). Para Piaget, o seu objeto de estudo e de muita pesquisa não era o desenvolvimento, mas o conhecimento, sua gênese e o processo de formação dos conceitos de tempo, espaço e de causalidade, sem se deter nas variáveis de história, contexto de vida e trabalho, classe social e condições materiais da vida.

O sistema piagetiano é também chamado estruturalista genético, interacionista, construtivista dialético, cujos aspectos principais (invariantes funcionais) – organização e adaptação com a assimilação e acomodação, formam os esquemas mentais. Acontece uma estrutura psíquica em transformação através da qual cada criança constrói seu modelo de visão de mundo, de vida, etc.

Por “assimilação”, entende-se a incorporação de um novo objeto ou idéia ao que já é conhecido (esquema mental existente). A “acomodação” se refere à transformação necessária para se relacionar com o ambiente, implicando em modificação do esquema anterior. A “adaptação” ou equilíbrio é o processo da organização progressiva do desenvolvimento mental. (GOULART, 2005, p. 21).

Para Piaget, a pessoa passa por 4 estádios de desenvolvimento psíquico bem delineados com funções afetivas, de conhecimento e de representação definidas, mas interdependentes e progressivas. Os estádios de desenvolvimento são:

- Estádio ou fase sensório-motor (0-2 anos). A criança não dispõe da função simbólica, apoiando-se na relação com o meio nos movimentos, sentidos e percepções numa inteligência anterior à linguagem. Há construção de uma base para a organização da inteligência. O aspecto principal é a assimilação.
- Estádio ou fase objetivo – simbólico ou pré-operatório (2-7 anos). Nesta fase, inicia-se a função simbólica, especialmente o uso da linguagem, através de um contato maior com o mundo exterior ou objetivo. A criança ainda não vê uma causalidade nas atividades cotidianas, embora tenha uma “socialização de ação” ou reconstituição de experiências no plano intuitivo (a capacidade intuitiva). A afetividade evidencia sentimentos interindividuais e interiores.
- Estádio ou fase operacional concreto (7-11 anos). A criança efetua operações lógicas ou associações na manipulação e contato direto com o concreto, o real, onde consegue distinguir o seu ponto de vista do ponto de vista dos outros. Esta forma de abordar o mundo permite organizá-lo – interiorizar, agrupar, construir, anular – através de operações lógicas chamadas “classificação, seriação, compensação, razão-proporção, probabilidade”.
- Estádio ou fase das operações abstratas ou formais: operatório – formal (11-13 anos e mais). O essencial desta fase é a capacidade de distinguir entre o concreto (real) e o possível, podendo prever e avaliar o que poderia acontecer no futuro. O jovem é capaz de raciocínio lógico – e, de elaborar abstratamente representações e conceitos, resolver problemas complexos cotidianamente. A adolescência (14-18) e juventude (18-25) ainda estão muito influenciadas pelas emoções e sentimentos, mas seu pensamento está se libertando do concreto, orientando-se para o futuro.

Cabe ressaltar que todo o material dessa Dissertação enfoca exclusivamente a clientela dos 11-13 anos e mais, à qual Piaget se refere, ou seja, o Estádio ou fase das operações formais: operatório-formal que, na “Adolescência”, atinge dos 14 aos 18 anos e a “Juventude” dos 18 aos 25 anos.

Tendo como fundamentação teórica especial Jean Piaget, escolheu-se sua obra: “Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente” (1976). Piaget, em colaboração com Bärbel Inhelder, no capítulo 18, vai refletir sobre o “Pensamento do Adolescente” que, em síntese, apresenta os aspectos cognitivos, psicossociais e religiosos como se verá a seguir:

a) Aspectos Cognitivos

A especulação filosófica apaixona uma minoria de adolescentes e para todo intelectual autêntico, a adolescência é a idade metafísica por excelência. Para uma minoria mais reduzida de adolescentes a orientação se dá para as teorias científicas ou pseudo-científicas.

O pensamento formal constitui, ao mesmo tempo, uma reflexão da inteligência sobre si mesma e uma inversão das relações entre o possível e o real.

Ao construir teorias, o adolescente, de um lado, tornou-se capaz de reflexão, e de outro, sua reflexão permite-lhe fugir do concreto atual na direção do abstrato e do possível.

Com a nova ampliação do universo, provocada pela elaboração do pensamento formal, manifesta-se uma terceira forma do egocentrismo como uma das características mais ou menos constantes da adolescência.

O Egocentrismo se manifesta por uma espécie de messianismo, segundo o qual, estão centradas na atividade reformadora que o adolescente é chamado a desempenhar no futuro, ex: trabalhos escritos, diários íntimos, devaneios mais íntimos.

É ao empreender uma tarefa efetiva que o adolescente se torna adulto e o reformador idealista se transforma em realizador.

A personalidade se orienta em sentido inverso ao do eu: se o eu é naturalmente egocêntrico, a personalidade é o eu descentralizado.

A personalidade é a submissão do eu a um ideal que encarna, mas que o ultrapassa e ao qual se subordina; é a adesão a uma escala de valores, não abstrata, mas relativa a uma obra; portanto, é a adoção de um papel social, mas não preparado como uma função administrativa, e sim como um papel que o indivíduo irá criar ao representar.

Dizer que a adolescência é a idade da integração no universo social adulto é sustentar que é a idade da formação da personalidade, pois essa integração é, sob outro aspecto, necessariamente complementar à construção de uma personalidade.

Um plano de vida é uma afirmação de autonomia, e a autonomia moral enfim, inteiramente conquistada pelo adolescente, que se considera igual aos adultos, é um outro aspecto afetivo essencial da personalidade nascente que se prepara para enfrentar a vida.

As principais características intelectuais da adolescência decorrem da elaboração das estruturas formais e são duas as novidades efetivas que assinalam essa fase: a afetividade (fator de energia das condutas) e a estrutura (define as funções cognitivas). O intelecto e a afetividade estão indissolivelmente unidos no funcionamento da pessoa.

O adolescente se distingue da criança por uma reflexão que ultrapassa o presente, pois mesmo diante de situações vividas e reais ele se volta para a consideração de possibilidades.

Um plano de vida é uma escala de valores que colocará alguns ideais como subordinados a outros e subordinará os valores meios aos fins considerados como permanentes.

b) Aspectos Psicossociais

Há numerosos laços entre o aparecimento das estruturas formais e as transformações da afetividade, mas tais relações são complexas e não têm um sentido único.

Em nossas sociedades, o que distingue um adolescente apaixonado é a complicação dos seus sentimentos pela construção de um romance ou com a referência a ideais sociais e até literários de todos os tipos.

Há uma tendência geral nos adolescentes para construir teorias e utilizar as ideologias de seu ambiente, que pode ser explicada pelas transformações do pensamento e a integração na sociedade adulta, incluindo a reestruturação total da personalidade, em que o aspecto intelectual acompanha ou complementa o aspecto afetivo.

O desenvolvimento das estruturas formais depende tanto do meio social quanto das estruturas cerebrais.

A integração do indivíduo à sociedade adulta depende mais dos fatores sociais do que dos neurológicos.

O adolescente é o indivíduo que se propõe a reformar a sociedade em algum domínio específico ou em sua totalidade.

Socialmente os adolescentes tendem a reunir-se em grupos, com seus semelhantes: grupos de discussão ou de ação, grupos políticos, movimentos de juventude, acampamentos de férias, etc.

O que vai distinguir a adolescência da infância é a elaboração espontânea de instrumentos intelectuais e afetivos para a integração do adolescente na sociedade dos adultos.

O adolescente é o indivíduo que começa a construir sistemas ou teorias e do ponto de vista funcional permitem-lhes sua integração moral e intelectual na sociedade dos adultos, sem mencionar seu programa de vida e projetos de reforma.

No exame com jovens que tenham concluído a escola secundária, a maior parte tem teorias políticas e sociais e deseja reformar o mundo, explicando à sua maneira os mecanismos e as perturbações da vida coletiva. Assim, surge uma nova característica nos adolescentes quando procuram colocar-se no mundo social dos adultos.

A integração do adolescente no mundo social dos adultos se dá através de teorias gerais e desinteressadas, através do programa de vida, e através da reforma da sociedade atual. A forma superior de egocentrismo – uma conseqüência inevitável de sua integração à vida social adulta, faz o adolescente, ao pensar no ambiente em que procura localizar-se também, pensar na sua atividade social nesse ambiente social e nos meios para transformá-lo.

A descentração se realiza, como no nível das operações concretas, simultaneamente no plano social e no plano do pensamento.

São duas as transformações fundamentais exigidas pela socialização efetiva adulta: os sentimentos relativos a ideais e a formação de personalidade. Nos sentimentos relativos a ideais se acrescentam os sentimentos entre as pessoas. Na formação de personalidade caracteriza-se o papel social e a escala de valores que se atribuem.

A integração na sociedade dos adultos varia nas sociedades e até em ambientes sociais.

O adolescente é o indivíduo que começa a considerar-se como igual aos adultos e julgá-los num plano de igualdade e de total reciprocidade, pois o adolescente é o indivíduo em formação que começa a pensar no futuro.

No exame com jovens que tenham concluído a escola secundária, alguns têm teorias literárias ou estéticas e situam suas leituras ou suas experiências do belo numa escala de valores projetada em sistema.

Já o adolescente aprendiz, operário ou camponês adere às idéias transmitidas pelos colegas, desenvolvidas em reuniões ou provocadas por leituras.

Assim o adolescente procura colocar-se no mundo social dos adultos e, para isso tende a participar das idéias, dos ideais e das ideologias de um grupo mais amplo, utilizando como intermediário certo número de símbolos verbais que o deixavam indiferente quando criança.

A escala de valores é a organização afetiva correspondente à organização intelectual da obra que o recém-chegado ao universo social pretende realizar.

c) Aspectos Religiosos

As crises religiosas e a reflexão sobre a fé, ou contra esta, dominam alguns e estes partem para um sistema geral, isto é, que desejam válidos para todos. A conclusão é que as aquisições afetivas fundamentais da adolescência são paralelas às suas aquisições intelectuais. Para poder compreender o papel das estruturas formais no pensamento do adolescente, precisamos inseri-las na sua personalidade total. As transformações do pensamento e, conseqüentemente, a construção das estruturas formais nos levarão a compreender inteiramente a formação dessa personalidade.

Também abordar-se-á com pequenas pontuações a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento em Erick Erikson, que nasceu a 15 de Julho de 1902, no início do século XX, em Frankfurt, na Alemanha. Filho de pais dinamarqueses, mas abandonado ao nascer pelo pai, foi educado por Theodoro Homburger, um pediatra judaico-alemão, que pensava ser o seu verdadeiro pai.

Em 1927, Erikson enveredou pela docência, tornando-se, a convite de um antigo colega de escola, professor numa escola que se distinguia pelo seu estilo muito progressivista. Nesse local, Erikson teve a oportunidade de ensinar não só as matérias convencionais, mas algo que muito lhe agradava como a pintura, o desenho e a história de diferentes culturas como a da Índia e a do Esquimó.

Durante esse período da sua vida, Erikson começou a relacionar-se com a família Freud, muito especialmente com Anna Freud, com quem iniciou psicanálise e com quem ganhou o gosto do estudo da infância.

Em 1930, publicou o seu primeiro artigo e, em 1933, após completar a sua formação como psicanalista, foi eleito para o Instituto de Psicanálise de Viena. Também, em 1933, emigrou para os Estados Unidos onde iniciou a prática da psicanálise infantil, em Boston, associando-se à faculdade de medicina de Harvard. Daí então, Erickson começou a preocupar-se com o estudo da forma, como o Ego ou a consciência opera de forma criativa em indivíduos considerados sãos.

Em 1936, Erikson abandonou a universidade de Harvard para trabalhar no Instituto de Relações Humanas de Yale. E, em 1938, deu início aos seus primeiros estudos sobre as influências culturais no desenvolvimento psicológico, estudando crianças índias no Pine Ridge Reservations. Erikson faleceu em maio de 1994.

A Teoria Psicossocial do Desenvolvimento, em Erickson, reflete-se no período da adolescência-transição entre a infância e a idade adulta - quando acontecimentos relevantes marcam a personalidade adulta. O nosso estudo será direcionado especialmente ao Estágio da 5ª Idade: Identidade *versus* Confusão. É na Adolescência, Puberdade que o adolescente vai adquirir uma identidade psicossocial, isto é compreender a sua singularidade, o seu papel no mundo.

É importante lembrar ainda que a teoria Psicossocial de Erik Erikson apresenta a adolescência (dos 13 aos 20 anos), em que a tarefa principal do adolescente é resolver o conflito de identidade *versus* confusão de identidade. A questão básica é: “Quem sou eu?” “Uma definição ótima da identidade, além de promover o bem-estar, revela-se pelo “sentimento de que o corpo é como a própria casa, a sensação de saber aonde se dirige e a convicção de ser reconhecido de antemão pelas pessoas que interessam” (1968, p.165). Não conseguir o objetivo leva à “dispersão” ou “confusão”, quer dizer, um estado de desintegração e alienação do eu. As virtudes fundamentais que surgem da crise de identidade são a fidelidade e a lealdade aos seus amigos, companheiros, grupo de valores, uma ideologia ou uma religião. A fidelidade representa um nível mais alto da virtude da confiança; consiste na capacidade de confiar nos outros e em si mesmo. Esta idade é a chave para as etapas posteriores. O indivíduo deve sentir-se seguro e confortável com respeito ao seu “eu” antes de estabelecer uma relação íntima e prolongada com outra pessoa.

Na juventude (dos 20 aos 40 anos), o problema principal da primeira fase da idade adulta é a intimidade *versus* isolamento. De acordo com Erikson, os adultos jovens necessitam e desejam intimidade, quer dizer, necessitam de ter compromissos pessoais profundos com outros. Se não forem capazes ou temerem fazê-lo, podem tornar-se solitários e abstraídos. A capacidade para conseguir uma relação íntima – fundir a sua identidade com a de outros – depende do sentido de identidade adquirido na adolescência. Aí estão prontos para “participar numa relação amorosa, assumir o compromisso e as responsabilidades respectivas, com o objetivo fundamental de proporcionar um ambiente apropriado aos seus filhos” (ERIKSON, 1968, p. 168).

Na continuidade desse estudo, ter-se-á a especificação de cada desenvolvimento na “Adolescência” e “Juventude”, quando o comportamento desses indivíduos diferencia-se e, predominantemente, passa por traços característicos determinados pelas inquietações, instabilidades e integração nos aspectos: biológico, sociológico, psicológico e religioso (dos adolescentes e jovens).

Ver-se-á agora o desenvolvimento biológico do adolescente e do jovem.

2.2 O DESENVOLVIMENTO BIOLÓGICO.

Foram os aspectos biológicos e sua função na vida humana que, durante muitos séculos, definiram o termo “Adolescência”. Com a modernidade, essa fase assume uma conotação psicossocial caracterizando-a em termos sociológicos, psicológicos, cronológicos, etc.

Ao se falar no desenvolvimento biológico da pessoa humana, tratar-se-á das alterações biológicas e suas características na puberdade quando as transformações do processo da maturação sexual são vivenciadas ao lado de outras mudanças biológicas: do crescimento, do físico, da voz, das funções orgânicas e glandulares, etc.

É com a puberdade que o fenômeno da reprodução torna-se possível, tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino. A mulher é caracterizada pelas primeiras menstruações ovulatórias; e no homem a puberdade se manifesta pelo aparecimento de espermatozoides maduros no líquido espermático. Pode-se dizer assim, que a puberdade é o período onde mulher e homem tornam-se capazes de procriar. Quando as funções reprodutivas amadurecem, concomitantemente às mudanças fisiológicas é associada a maturação sexual. Quando a maturidade genital estimula o adolescente para relacionar-se com o outro sexo definir-se-á seu papel de procriador e se inicia a busca do objeto de amor no mundo externo.

Assim diz Aberastury:

A modificação corporal, essência da puberdade, e o desenvolvimento dos órgãos sexuais e da capacidade de reprodução são vividos pelo adolescente como uma irrupção de um novo papel, que modifica sua posição frente ao mundo e que também o compromete em todos os planos da convivência (ABERASTURY, 1980, p.227).

Com a puberdade, o indivíduo é marcado, em seu processo evolutivo, pelas significativas mudanças estruturais e fisiológicas. O desenvolvimento físico sofre alterações profundas. O corpo, em seu tamanho e forma, sofre transformações diversas. O amadurecimento sexual resulta das funções hormonais ativamente funcionantes no momento da transformação da criança em adulto. A “Adolescência” e “Juventude” aí se instalam, decorrentes dessas mudanças bio-psicológicas. O adolescente acompanha seu súbito crescimento físico e o despontar dos seus caracteres sexuais. Vai depender da sua maturidade

biológica a aceitação da naturalidade sexual. Os comportamentos maduros e integrados na vida afetiva e social sobrepõem-se ao interesse e à curiosidade sexual.

Sobre o assunto diz Aberastury:

Os caracteres sexuais primários e secundários apresentam-se em homens e mulheres em distintas idades. Nas meninas, que são mais precoces, o desenvolvimento dos seios é um dos primeiros indícios que afirmam o começo da maturação sexual. Logo aparece o pêlo pubiano e, entre este e o pelo axilar, geralmente se instala a menstruação. No menino, ao contrário, o primeiro caráter sexual secundário é o pêlo pubiano, uma vez que haja começado a aumentar o tamanho dos órgãos genitais. Logo aparece o pêlo axilar e finalmente o facial. (Ibidem, p.17).

Observam-se, portanto, alterações biológicas que geram o despertar da sexualidade juvenil. Anatomicamente, o físico e o psicológico sofrem mudanças. As características masculinas e femininas são delineadas e definidas conforme o sexo. Diz Merval Rosa:

No crescimento físico dos adolescentes consideram-se não somente os fatores genéticos, mas também os elementos do meio. Sabe-se por exemplo que a nutrição desempenha relevante papel nesse processo. A própria classe social a que o indivíduo pertence, por suas implicações diversas, pode influenciar o crescimento físico do adolescente (ROSA, 1985, p.81).

É o amadurecimento biológico que capacita o adolescente a reproduzir-se. Seu desenvolvimento sexual compreende o aspecto endócrino e o fisiológico. No endócrino, o hormonal repercute em sua vida sexual e em todo seu processo evolutivo. No fisiológico, definem-se as diferenças sexuais de homem e de mulher.

No contexto da Psicologia evolutiva contemporânea, o estudo do desenvolvimento intelectual do adolescente se dá nas medidas psicológicas e nas mudanças das funções cognitivas, repercutidas do processo evolutivo do ser humano. Para nós, nos interessa refletir o estudo do desenvolvimento cognitivo formulado por Jean Piaget que, segundo Rosa, assim diz:

O amadurecimento biológico do adolescente torna possível a aquisição das operações formais, que representam o ponto máximo do processo do desenvolvimento cognitivo. As operações formais, entretanto, não são um dado *a priori*, mas dependem da interação do organismo com o meio. A aquisição das operações formais é de fundamental importância, especialmente em face do enorme progresso das ciências naturais em nosso século. Elas são também necessárias a todo processo de ajustamento social do adolescente. (Ibidem, p.82).

Com Piaget e sua teoria evolutiva (cognitiva), o desenvolvimento se faz a partir da formação das estruturas cognitivas. São os estádios diferenciados alcançados num processo

dinâmico que existem no desenvolvimento. O processo é desencadeado por um desequilíbrio provisório: uma constante reequilibração conduz a estádios mais maduros. Apesar de as alterações provocadas pela maturação psicossocial serem intensas na adolescência, para Piaget, a função é de apenas provocar o desequilíbrio. A estrutura cognitiva vai do período sensório-motor da infância, tornando-se superior nessa fase, e engloba a afetividade e a socialização.

Portanto, o jovem progride não só biologicamente. Ele é essencialmente uma relação com o mundo e com as outras pessoas. Adolescentes e jovens só atingirão o processo do desenvolvimento cognitivo, no estudo piageniano, quando a nova identificação adquirida com a socialização e com a aprendizagem ultrapassar e enriquecer as suas identificações infantis. É sobre essa socialização que se discutirá a seguir.

2.3 A SOCIALIZAÇÃO DO ADOLESCENTE E DO JOVEM.

Desde os povos antigos, os momentos celebrativos da fase humana, apresentam-se com significados especiais, pessoais e sociais. Entre o Nascimento e a Morte, poder-se-ia citar, como momentos marcantes na vida da pessoa, a passagem do adolescente e do jovem para a vida adulta.

Juntam-se a esse rito de passagem, culturalmente bem celebrado, por exemplo, as festas de 15 anos (Debutantes); as festas de casamento; a corrida aos vestibulares para a vida acadêmica; o acesso ao compromisso militar e tantas outras ocasiões que mereceriam um destaque e um bom estudo concernente a esse tipo de socialização.

Como já se observou nos tópicos anteriores, a fase da adolescência além de ter o marco biológico com o amadurecimento do corpo, é marcada pela socialização juvenil, com os grupos de pares e as festas sociais tão caras aos adolescentes e jovens.

Com a adolescência, o jovem rebela-se e revela-se nas suas angústias, ansiedades e inquietações nem sempre entendidas pelos adultos que o vêem sempre como criança, impedindo no adolescente um desenvolvimento harmônico.

Percebe-se, portanto, que várias forças externas contribuem para o desenvolvimento do adolescente e jovem. A sociedade, com seus grupos, possibilita-lhes alternativas diferenciadas de escolha, tanto positiva quanto negativa, ao fazer a sua história, construindo o seu destino pessoal. Portanto, de um modo geral, vai depender do papel da

sociedade, e de modo particular, do poder modelador socializante em cada indivíduo, o bom desempenho desse processo.

Sobre isso, assim se expressa Campos:

Conforme Erikson, o processo adolescente está completo “Somente quando o indivíduo subordinou suas identificações infantis a uma nova espécie de identificação, conseguida na socialização e na aprendizagem competitiva com e entre seus pares” (CAMPOS, 1975, p.13).

A formação da identidade adolescente e juvenil, através de uma boa socialização, é tarefa da Família, Escola, Igreja e da própria Sociedade.

Essa busca envolve conflitos, proporcionando aos jovens novas possibilidades de um maior ou menor enriquecimento social. A identidade será construída ao longo da vida, com as mudanças pessoais e o concurso das mais diversas variáveis sociais, pobres ou ricas, interagindo com os novos valores significativos para adolescentes e jovens.

Sobre a temática assim diz Libânio:

A juventude é uma construção social. Uma minoria absorve o poder, a riqueza. A maioria encontra-se numa situação de marginalização e subordinação, tanto por causa da idade quanto de sua classe popular, sexo e outras limitações. A sociedade marca, portanto, os jovens, com suas características econômicas, políticas, sobretudo culturais. E o jovem assimila esses elementos numa relação interativa (LIBÂNIO, 2004, p.39).

A maturação biológica e social dos adolescentes e jovens, no adaptar-se ao meio ambiente e à sociedade, exige deles o desprendimento das conquistas infantis para alcançar o novo patamar da adolescência e juventude. É a identidade de criança que vai dar lugar a um processo complexo para a formação de uma identidade juvenil, marcada pelo “diferente”.

Assim Houaiss define a identidade:

“Conjunto de características (persistente da própria personalidade) e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou coisa e graças às quais é possível individualizá-la” ou “o que faz que uma coisa seja a mesma (ou da mesma natureza) que outra” (HOUAISS, 2001, p.1565).

Sobre o processo de formação da identidade assim se expressa Erikson:

O processo de formação da identidade surge como uma configuração desenvolvvente – uma configuração que, gradualmente integra dados constitucionais, necessidades libidinais idiossincráticas, capacidades preferidas, identificações significativas, defesas efetivas, sublimações bem-sucedidas e papéis consistentes. Tudo isso,

entretanto só pode emergir de uma mútua adaptação de potenciais individuais, visões de mundo tecnológicas e ideológicas religiosas ou políticas (ERIKSON, 1998, p.65).

Poder-se-ia ainda dizer que é nos conflitos geradores das crises que novos valores são formados. Esses valores são essencialmente identificados pela busca do novo sentido da vida, que lhes favoreça a construção de uma identidade sonhada.

Nesse estágio, o desenvolvimento sexual, o senso de pertença ao grupo de iguais e a formação dos próprios valores ético-morais são as áreas de destaque no desenvolvimento global de adolescentes e jovens.

Com a identidade cria-se um sentimento interno de idade e de continuidade que dar-se-á na busca da uniformidade para segurança e estima pessoal. A experiência grupal adolescente e juvenil tanto se apresenta responsável como irresponsável no processo que ora lhe ocorre. Desafetos, indiferenças, atitudes de independência lhes possibilitam momentos transitórios. A personalidade do adolescente e do jovem vai ser decidida pela inserção deles no mundo social do adulto.

As características do mundo dos adultos são absorvidas pelo adolescente e pelo jovem da mesma forma que estão sendo perdidas as características da infância. O mundo adolescente e juvenil será introjetado e projetado numa travessia de complexa crise vital.

Piaget identifica a transformação das estruturas mentais como o “núcleo” que faz irradiar diversas modificações do pensamento dos adolescentes. São as várias sociedades e diferentes ambientes sociais que vão garantir a integração à sociedade dos adultos, dependendo, portanto, dos fatores sociais. Para isso, o adolescente começa a pensar no futuro com um programa de vida adulta e começa a se propor reformar a sociedade parcial ou totalmente.

Segundo Piaget, portanto:

A integração do adolescente na sociedade dos adultos supõe certamente alguns instrumentos intelectuais e afetivos, cuja elaboração espontânea é exatamente o que distingue a adolescência da infância.

[...] O adolescente é o indivíduo que, embora diante de situações vividas e reais, se volta para a consideração de possibilidades.

[...] O adolescente, ao contrário do que ocorre com a criança, é o indivíduo que começa a construir sistemas e teorias.

[...] do ponto de vista funcional, tais sistemas apresentam a significação essencial de permitir ao adolescente sua integração moral e intelectual na sociedade dos adultos, e isso sem mencionar seu programa de vida e seus projetos de reforma.

[...] O adolescente constrói suas teorias, ou adota, reconstruindo-as, as que lhe são apresentadas.

[...] para ele é indispensável chegar a uma concepção das coisas que lhe dê a possibilidade de afirmar-se e criar [...] e lhe garanta, ao mesmo tempo, que terá mais êxito que seus antecessores [...] (PIAGET, 1976, p.252-255).

Percebe-se assim, que na fase adolescente/juvenil sistemas e teorias são construídas para que “experiência e ação”, conseqüentemente bem desenvolvidas, possam atingir o egocentrismo intelectual tão peculiar dessa fase. A capacidade reflexiva e abstrata de adolescentes e jovens dentro do processo do desenvolvimento mental tende a influenciar especificamente o desenvolvimento comportamental, que se estudará na dimensão psicológica a seguir.

2.4 O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO.

Com a sua contribuição, no campo da psicologia científica contemporânea, na área específica do comportamento cognitivo, Piaget determinou as contribuições das atividades da pessoa e os aspectos restritivos dos objetos no processo de aquisição do conhecimento. Com a sua teoria, ele procurou explicar a formação da estrutura cognitiva – psicologia evolutiva e desenvolveu a área da epistemologia genética.

O desenvolvimento mental, na adolescência, segundo Piaget, baseia-se “na interação do organismo com o meio, graças a um processo externo de adaptação” (PIAGET *apud* CAMPOS, 1975, p. 45). É utilizando os processos de assimilação que o adolescente tende a fazer a realidade adaptar-se às necessidades (desequilíbrios) do organismo e a acomodação leva o organismo a adaptar-se, para sobreviver à realidade. Na puberdade, o indivíduo é levado ao desenvolvimento da lógica formal que se baseia nos símbolos e na ação internalizada devido a sua maturação e à cooperação com outras pessoas. O adolescente é capaz de formular hipóteses comprovando-as no plano das idéias, bem como examinar várias possibilidades em sua mente.

Segundo Piaget, “as estruturas lógicas não existem pré-formadas, não podem ser consideradas como inatas. É necessária toda uma construção das estruturas lógicas, graças às ações sobre os objetos e a coordenação das ações interindividuais, no trabalho em comum e na troca verbal”. (PIAGET *apud* CAMPOS, 1975, p. 47).

O fenômeno do desenvolvimento intelectual do ser humano, na psicologia evolutiva de Jean Piaget, tem exercido na contemporaneidade grande influência, principalmente pelo estágio das operações formais alcançada na adolescência. O adolescente, em seu pensamento, tem aspectos diferenciáveis pelas possibilidades em que o real é

reconhecido: o aspecto figurativo e o aspecto operativo. Um se refere ao evento sensorial ou motor; e o outro se refere à significação simbólica existente na situação. Portanto, Piaget assim se refere na sua teoria sobre a fase de adolescência:

Operações lógicas são aplicadas não somente às estruturas concretas, mas também a sistemas cognitivos [...] O adolescente pode acompanhar a forma de um argumento, qualquer que seja o seu conteúdo concreto; pode considerar diferentes hipóteses e antecipar o que se seguiria, caso tais hipóteses fossem verdadeiras”. (ROSA, 1985, p. 72).

Comumente percebe-se o adolescente que evidencia os fatos reais, advindos dos estímulos ocorridos ao seu redor. É nessa evolução cognitiva que o pensamento crítico, as discórdias, as insatisfações e as angústias tendem a ocorrer.

Na obra “Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente” (1976) de Jean Piaget, em colaboração com Bärbel Inhelder, assim está escrito:

O pensamento formal constitui, ao mesmo tempo uma reflexão da inteligência sobre si mesma (a lógica das proposições constitui um sistema operatório de segunda potência, e que opera com as proposições cuja verdade depende de operações de classes de relações e de números) e uma inversão das relações entre o possível e o real (pois o real é colocado, como setor particular, no conjunto das combinações possíveis). (PIAGET; INHELDER, 1976, p.254).

Para entender mais claramente como permanece, na adolescência, o que resta do seu pensamento de criança, é necessário instigar o pensamento experimental de adolescentes quando na ação e reflexão, a partir das estruturas lógicas que consistem especialmente “em operações concretas de classes, de relações e números, cuja estrutura não ultrapassa o nível dos agrupamentos lógicos elementares ou dos grupos aditivos e multiplicativos” (*Ibidem*, p.249).

Na adolescência, a lógica das proposições, das classes e das relações são superpostas e é desenvolvido um mecanismo formal que, lentamente, atingirá o equilíbrio dos 14 aos 15 anos. Daí, segundo Piaget, se reunirá num mesmo todo: “[...] além do raciocínio hipotético-dedutivo e da prova experimental baseada na variação de um único fator, certo número de esquemas operatórios que utilizará continuamente em seu pensamento experimental bem como lógico-matemático”. (*Ibidem*, p.250).

Cabe-nos lembrar Erikson, que a esse respeito diz:

Os dotes cognitivos que se desenvolvem durante a primeira metade da segunda década acrescentam um poderoso instrumento para as tarefas do jovem. Piaget chama às aquisições cognitivas feitas por volta dos 13-15 anos a realização de operações formais. Isso significa que o jovem pode operar sobre preposições hipotéticas e pode pensar em variáveis possíveis e relações potenciais – e pensá-las exclusivamente em pensamento, independente de certas verificações previamente necessárias (ERIKSON, 1976, p.246).

O jovem, a partir da orientação cognitiva, desenvolve seu sentimento de identidade, selecionando o que lhe é fiel e o que lhe é diverso, pois ambos lhes são mutuamente significativos.

Pelas várias possibilidades que lhes chegam (aos jovens) a todo momento, nas suas relações possíveis e imagináveis, esse sentimento de identidade torna-se necessário e problemático, como uma identidade confusa. Sobre o assunto diz Erikson:

A questão dominante desta fase é a garantia de que o ego ativo e seletivo está no comando e capacitado para estar no comando, graças a uma estrutura social que confere a um dado grupo etário o lugar de que necessita e em que é necessitado. (*Ibidem*, p.247).

Conservar uma identidade estável, em que as opções pluralistas influenciam o sentido dos padrões, das ações e das experiências, faz parte dos desafios adolescentes e juvenis.

Os questionamentos e dúvidas, com a crise de sentido objetivando as interferências determinantes que levam essa clientela juvenil (dos 14 anos e mais) a sentirem-se isolados, ignorados ou descartados nos sistemas hierárquicos da vivência humana, têm como resultado os conflitos institucionais no agir e na vida comportamental dos indivíduos bem como nos seus planos cognitivos - sistema de idéias e crenças.

É sobre o desenvolvimento religioso adolescente e juvenil que a seguir far-se-á uma explanação. Deve-se levar em conta toda dificuldade e insegurança, características dessa faixa etária. Esses adolescentes e jovens tanto são aqueles de práticas religiosas aprendidas na infância, no interior da família, na catequese, como também são aqueles os excluídos das práticas religiosas, dos grupos afins da sociedade em geral.

Ver-se-á, portanto, a seguir o desenvolvimento religioso do adolescente e jovem.

2.5 O DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO.

É na fase de flexibilidade, instabilidade e transições que adolescentes e jovens buscam respostas às suas inquietações religiosas. Suas crenças e atitudes denunciam uma identidade religiosa carente de motivações que muitas vezes provêm simplesmente de uma tradição religiosa familiar. As crises religiosas e a reflexão sobre a fé são manifestações, às vezes freqüentes, que implicam uma nova formulação e teorização com mudanças religiosas.

O adolescente pode manifestar-se como um ateu exacerbado ou como um místico muito fervoroso, experimentando uma variedade de posições religiosas e mudanças muito freqüentes. É comum observar um mesmo adolescente, passando por períodos místicos e por períodos de ateísmo absoluto. (PIAGET *apud* CAMPOS, 1975, p.117).

Percebe-se que adolescentes e jovens, inseguros na fé, na crença ou na religiosidade, nesse ciclo transitório da vida, iniciam um afastamento das suas práticas religiosas que, certamente, dar-se-ão pelas saturações, tédios, sentimentos de repulsa e indiferença a essa pertença religiosa que, ao ser questionada, ou às vezes, “trocada” lhes proporciona uma maior satisfação, procurando “novidades”.

Piaget contribuiu significativamente para o entendimento da religiosidade humana no “desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente, como fazendo parte do processo global e totalizante”, ajudando “a ampliar a reflexão sobre a religiosidade infantil, superando os estreitos limites de uma interpretação muito ligada aos esquemas da religiosidade do adulto”. Ele, associa o “desenvolvimento religioso da criança ao seu desenvolvimento intelectual, considerando como irrelevante a experiência religiosa da criança, se não estiver ligada à modalidade global de organização do pensamento, inclusive no que se refere à religião”. (PIAGET *apud* CAMPOS, 1975, p.7-8).

Para estudar e refletir sobre as capacidades mentais e comportamentais de adolescentes e jovens e compreender o significado de suas experiências religiosas, (dependendo também do contributo do ambiente, da família e do próprio ser humano com sua história nessas idades de 11-13 anos e mais), evidencia-se, na escolha de Piaget, todo o aprofundamento do desenvolvimento do indivíduo, tanto na capacidade do raciocínio abstrato, nas resoluções de silogismos, como também na capacidade das representações e abstrações dos conceitos. Por isso o indivíduo:

Já é capaz de filosofar e resolver problemas complexos, no dia-a-dia de sua existência, embora, ainda esteja muito condicionado ainda pelos sentimentos e afetos e todas as outras características de que trata a psicologia do adolescente (14-18 anos) e do Jovem (18-25 anos). PIAGET, 1976, p.7)

Como já foi visto no início desse capítulo 2, do ponto de vista explicativo, segundo Piaget, “a pessoa passa por 4 estágios de desenvolvimento psíquico bem delineados com funções afetivas, de conhecimento e de representações definidas, mas interdependentes e progressivas” (*Idem, Ibidem*).

Também é importante lembrar que, nesse aspecto, interessa somente o Estádio ou fase das operações abstratas ou formais (11-13 anos e mais). O essencial dessa fase é a capacidade de distinguir entre o concreto (real) e o possível, podendo prever e avaliar o que poderia acontecer no futuro. O jovem é capaz de raciocínio lógico e, abstratamente, elabora representações e conceitos, resolve problemas complexos cotidianamente. A adolescência (14-18) e juventude (18-25) ainda estão muito influenciadas pelas emoções e sentimentos, mas seu pensamento está se libertando do concreto, orientando-se para o futuro.

Piaget assim conclui sua fala sobre a afetividade e sentimento religioso do adolescente, na fase formal:

[...] as aquisições afetivas fundamentais da adolescência são paralelas às suas aquisições intelectuais. Para poder compreender o papel das estruturas formais no pensamento, na vida do adolescente, precisamos finalmente inseri-las na sua personalidade total. Mas, de outro lado, não compreenderíamos inteiramente a formação dessa personalidade sem aí englobar também as transformações do pensamento e, conseqüentemente, a construção das estruturas formais (PIAGET, 1976, p. 47).

Sinteticamente, estão colocadas abaixo, as principais características dessa 4ª fase (Operatório-formal 11-13 anos e mais) do desenvolvimento intelectual e religioso global do adolescente e jovem. Eis, portanto, alguns fenômenos psico-religiosos que acontecem nessa fase da adolescência e juventude:

Adolescente (11 – 17 anos)

- Aos 14 anos, começa a desaparecer a concepção material de Deus para o conceito personalizado e experiencial de Deus; Deus – o pai ideal.
- Percepção da falta de coerência entre as teses religiosas transmitidas pela catequese e pela escola com os novos conhecimentos científicos do mundo e de sua própria religiosidade.
- Tomada de consciência da disfuncionalidade da religiosidade infantil precedente.
- Desenvolvimento de uma certa relativização do pensamento religioso, conseqüência da maturação cognitiva e dos novos conhecimentos adquiridos.
- Reavaliação da própria adesão ao credo religioso em vista de uma impostação diferente.
- A religião não é a única resposta, mas uma das respostas aos problemas do mundo.
- A religião serve como fator de integração da personalidade em função dos processos de maturação.
- Possibilidade de evoluir para uma religiosidade mais madura, desenraizando-se dos resíduos infantis.

- Revisão das próprias concepções de acordo com os próprios esquemas mentais e as novas convicções adquiridas.
- Conflitualidade entre o pensamento religioso e os novos conhecimentos científicos adquiridos. (FIZZOTTI, *apud* LIBÓRIO, 2005, p.68).

Percebe-se que o adolescente (11-17 anos), não mais como criança, nem ainda como adulto, vivencia momentos de intensa confusão, pois vai descobrindo novos saberes religiosos que não mais aqueles do período infantil, mas sim, algumas novidades que livremente se questionam aceitando-as ou não. Esse adolescente tende a buscar argumentos de suas revisões por suas certezas, próprias da idade e que respondem as suas tomadas de posições entre um credo e outro, tema deste trabalho.

Jovem (18-25 anos)

- A religiosidade vai responder aos impulsos interiores ou centrar-se na percepção de Deus e responde às expectativas individuais do adolescente.
- Repercussão do fenômeno religioso da “personalização” no próprio comportamento: relação consigo mesmo e com os outros.
- O relacionamento pessoal com Deus varia de acordo com os momentos fortes da adolescência e independe de sua prática religiosa.
- Privilegia os valores e assume modelos partilhados.
- Ativa dentro de si o senso de respeito e de obediência àquilo que vem de Deus e garante “segurança pessoal”, principalmente se inserido num grupo de amigos, amadurecendo o afastamento do núcleo familiar.
- No homem (juvenil), Deus é concebido como pessoa que age e se mescla no próprio mundo do jovem.
- Na jovem há uma maior sensibilidade ao relacionamento pessoal e intimista com Deus, sendo Deus percebido por ela como alguém que oferece proteção e consolação.
- As jovens têm mais medo da morte, porque esta causa a perda da própria identidade; e os jovens, das conseqüências da morte em suas vidas.
- A fé, tanto de um como de outro, tem resquícios da religiosidade infantil e não há ainda uma fé precisa e madura.
- A vivência do credo que professam concentra-se nas vivências imediatas e intensas. (FIZZOTTI, *apud* LIBÓRIO, 2005, p.72).

Quanto aos jovens (18-25 anos), dir-se-á de uma situação que está amadurecendo para atingir a fase adulta. É nesse momento que ele vai deixando um pouco de lado os laços familiares e vai se identificando com outros grupos. Cria situações para com os valores religiosos assumidos, sendo capaz de comportamentos pessoais ou coletivos, nos quais a religião e a religiosidade vão transparecer toda sua completa realização transcendental na vivência e permanência própria.

Eis assim, a caracterização religiosa do adolescente e do jovem que, numa realidade pós-moderna, vivencia um mundo globalizado e pluralista.

Vários outros pesquisadores do fenômeno religioso (religiosidade) confirmam, com a Psicologia da Religião, a grande importância e a complexidade que é estudar a

inquietação adolescente e juvenil, própria da faixa etária que os levam à mudança. Reconhece-se na pertença e vivência religiosas dessas idades meios eficazes da experiência emocional com Deus, de um modo subjetivo, a partir do enfrentamento das variáveis existenciais, tais como: sexo, afeto e outros problemas.

A princípio poder-se-ia dizer que a Psicologia, como ciência, esteve historicamente discriminada em três posições: a dos que negaram sua possibilidade, a dos que a admitiram, e, finalmente, a dos que a aceitaram sem restrições.

Em se tratando de Religião, a dificuldade em refletir as controvérsias para sua definição, encontra-se desde as mais antigas expressões religiosas até as mais elevadas na cultura moderna. Observa-se que, ao definir Religião muito pouco se pode designar quanto ao determinado tipo de crença e comportamento religioso. Etimologicamente “Religião” – vem do termo *religare, relegere, reeligere e religio* - ligação com Deus.

Durkheim em seus estudos sobre religião testemunha:

Até 1895 não consegui ter uma idéia clara do papel essencial que desempenhava a religião na vida social. Foi neste ano quando, pela primeira vez, encontrei a maneira de abordar sociologicamente o estudo da religião. Foi para mim uma revelação. O curso de 1895 supõe uma linha divisória no desenvolvimento de meu pensamento, a ponto que tive de revisar todas as minhas investigações anteriores, para ajustá-las a esta perspectiva. Esta reorientação se deveu inteiramente aos estudos sobre a história das religiões que acabo de empreender e, especialmente, à leitura dos trabalhos de Robert Smith e sua escola (DURKHEIM, 1989, p. 6).

Sobre o conceito de Religião, assim Durkheim define:

Chegamos, pois à seguinte definição: uma religião é um sistema solitário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os que a ela aderem. O segundo elemento que aparece na nossa definição não é menos essencial que o primeiro; pois, mostrando que a idéia de religião é inseparável da idéia de Igreja, faz pressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva (DURKHEIM, 1989, p. 79).

Assim, vários sociólogos contemporâneos chegam a considerar religiosos fenômenos sociais mais amplos, isto é, situações nas quais uma ideologia político-social fale em termos de uma redenção total do homem, assumindo certos estilos e ritos comuns à estrutura religiosa, (DURKHEIM, 1912, p. 168)

A Psicologia da Religião, com origem mais definida a partir das duas últimas décadas do séc. XIX, analisa e interpreta os fatos relacionados com a consciência individual. A idéia corrente (séc. XVIII) de que a religião pode ser um instrumento de compensação das necessidades e desejos psíquicos e mentais não realizados veio a ser fundamental para a psicologia da religião.

Uma primeira aproximação da Psicologia da Religião vem com o desenvolvimento de movimentos pietistas para os quais o religioso é primeiro captado pela emoção. Essa concepção favoreceu a pesquisa psicológica da religião, sobretudo no campo introspectivo, assim como a criação de teorias da religião, como as elaboradas por: Rousseau, Jabobi, Schleiermacher, Ribot, Otto e outros. (FIZZOTTI, *apud* LIBORIO, 2005, P. 110)

O resultado de estudos no campo das doenças mentais e suas analogias com determinadas manifestações religiosas abriram nova fase, uma segunda linha para a Psicologia da Religião, com pesquisas específicas sobre o êxtase, a mística, a glossolalia, certos rituais, e a conversão, tema dessa dissertação.

Uma terceira linha desenvolve-se em função da hipótese de que o estudo de expressões coletivas e comunitárias é muito mais significativo para a Psicologia da Religião do que suas manifestações individuais.

Cabe a Willian James (1902) e a Freud (1913, 1927, 1934-1938) a sistematização da Psicologia no campo da Religião. James, a partir de um dado fenômeno religioso, estabelece diferenças no papel da Teologia, Filosofia e Psicologia. Freud, na aplicação da psicanálise à Religião, considera esta uma neurose obsessiva e universal da raça humana, uma ilusão baseada em vivências. Deus é uma criação do homem e a Religião uma técnica pela qual o homem tenta esconder os seus temores na falsa segurança do céu.

No contexto da experiência religiosa abordado por Durkheim em “As Formas Elementares da vida religiosa” (1912), o sentimento religioso é alimentado e reforçado pelos símbolos, crenças e práticas religiosas; ele, Durkheim, se insere numa linha funcionalista que se caracteriza por enfatizar mais as funções sociais desenvolvidas pela Religião do que suas doutrinas e o sentimento religioso. A Religião é vista mais a partir da função de manter a coesão social e a integração dos indivíduos na sociedade, especialmente em períodos de rápidas mudanças sociais. É importante ter em conta que, para Durkheim, a sociedade plasma o indivíduo desde o seu nascimento. O coração da vida social é a consciência coletiva, constituída pelo conjunto de representações, regras, modelos de comportamento codificados e normas que guiam o agir dos indivíduos. A Religião é a “matriz dos laços sociais” de qualquer sociedade, (DURKHEIM, 1912, p. 203). A religião seria uma espécie de pré-condição da vida em sociedade em todas as épocas.

Durkheim reconhece um sagrado/transcendente no plano imanente como representação simbólica do clã. Dessa forma, todo sentimento religioso, mesmo dirigindo-se a divindades diferentes, em qualquer lugar, sempre tem a mesma origem, quer dizer, nasce do sentimento de dependência que a sociedade, como potência coletiva e autoridade moral,

inspira em seus membros. Esse sentimento (de dependência) é projetado fora das consciências individuais em momentos de efervescência coletiva, e objetivado em objetos ou símbolos que passam a ser sagrados.

A característica comum a todas as religiões é a distinção da realidade em uma esfera sagrada e uma esfera profana, que apresentam entre si relações de coordenação e subordinação, e que são venerados por crentes reunidos numa comunidade moral chamada “Igreja”.

A magia é diferente da religião, pois não comporta um caráter coletivo. Sociedade e sagrado para Durkheim são considerados praticamente idênticos. Há uma relação de sinergia entre ambas. As crenças religiosas sacralizam as normas de comportamento vigentes, fornecendo-lhes uma legitimação definitiva e inapelável que favorece o autocontrole dos indivíduos e a adoção de medidas repressivas contra os que se desviam. Os ritos, por sua vez, suscitam e exprimem atitudes que reforçam o temor e o respeito para tais normas. Assim, a religião fornece uma sólida base para o controle social das tendências desviantes, sublimando os impulsos que representam perigo à estabilidade da sociedade. A sociedade, por sua vez, sustenta a religião, porque o sistema de símbolos religiosos não é, conforme Durkheim, outra coisa senão a “sacralização dos sentimentos morais existentes numa dada sociedade”, (DURKHEIM, 1912, p. 327). Por essa perspectiva durkheimiana, pode-se inferir que sempre haverá um futuro para a religião, uma vez que ele – o futuro - é uma coisa só com a sociedade.

Para Durkheim, não se pode falar de religiões falsas, pois todas respondem, mesmo de maneiras diferentes, a determinadas condições da existência humana. As crenças religiosas exprimem, em forma simbólica, a adesão total do indivíduo ao sagrado, isto é, a uma “outra” realidade: a transcendente. Essa outra realidade, no entanto, é imanente, pois é a própria sociedade, quer dizer, é uma realidade que transcende o indivíduo, mas que se situa dentro do horizonte mundano, principalmente na vivência de fases em seu desenvolvimento psicossocial e religioso.

É justamente sobre os mecanismos psicossociais e religiosos utilizados pelos adolescentes e jovens que se discutirá a seguir:

2.6 MECANISMOS PSICOSSOCIAIS E RELIGIOSOS UTILIZADOS PELOS ADOLESCENTES E JOVENS

A caracterização da “Adolescência e Juventude” pelos determinantes do desenvolvimento biológico, sociológico, psicológico e religioso dos adolescentes e jovens até aqui estudados, leva-nos a refletir também sobre os mecanismos psicossociais e religiosos utilizados por essa clientela, como resposta ao processo evolutivo desse adolescente e jovem.

a) Mecanismos Psicossociais

Na sociedade Moderna e ou Pós-Moderna, os adolescentes e jovens são retratados como vítimas e causadores de vários acontecimentos (positivos e negativos) no dia-a-dia.

Pode-se destacar, entre vários outros fatores, os procedimentos e as atitudes desses adolescentes e jovens que evidenciam rupturas e mudanças comportamentais, as mais significativas, nessa faixa etária (dos 14 aos 25 anos), tais como: preocupações, emoções, sentimentos de culpa, ações impulsivas, promiscuidades sexuais, violências, humor variado, etc. Todas, sem dúvida, resultantes de transformações no processo de maturação do indivíduo.

Com relação aos adolescentes e aos jovens, Campos (1975, p. 50) assim se expressa:

Ao atravessar o período de transição entre a infância e o estado adulto, o adolescente é desafiado com problemas tais como: preparação profissional e independência econômica; formação de atitudes maduras para com o sexo e estabelecimento de interesses heterossexuais; busca do significado e finalidade da vida; descoberta do seu “eu” e de seu lugar no mundo; independência do lar e estabelecimento de novas relações fora do grupo familiar, etc.

Indiscutivelmente, a emoção está, portanto envolvida na vivência de todos estes problemas do adolescente. A satisfação de seus desejos e a concretização de suas esperanças conduzem a emoções agradáveis, mas os conflitos e frustrações desencadeiam sérias perturbações emocionais (CAMPOS, 1975, p. 50).

Percebe-se a complexidade da caracterização e da significação dos fenômenos psicossociais na vida dos adolescentes e jovens que buscam perspectivas prioritárias nas profundas transformações que, evidentemente, essa clientela vivencia e se sente desafiada nas suas limitações.

Sobre o assunto afirma Libânio:

Nessa fase contemporânea, a juventude transforma-se em “marca criada” pela mídia, impondo-lhe um estilo de vida, de consumo, como padrão para outras idades. Crianças são atraídas precocemente a ser jovens, enquanto adultos permanecem tentados a assumir de maneira desajeitada, ridícula e tardia comportamentos juvenis. Na construção social contemporânea, o ponto saliente da autocompreensão do jovem é a liberdade. Rejeita-se qualquer injunção externa, mas esquece-se de que a liberdade

sem responsabilidade corre riscos tão grandes quanto sua negação. Rejeita-se uma moral repressiva, mas adota-se outra com novos fetiches constringentes (LIBÂNIO, 2004, p. 38).

O autor refere-se, portanto, à necessidade de que adolescentes e jovens têm de reorganizar valores que lhe são chegados, devido, principalmente à variedade de escolhas que a sociedade e o dia-a-dia lhes oferece. Perceber, identificar e direcionar esses valores que nem sempre estão entre aqueles de sua tradição familiar e religiosa é mais um desafio encontrado na vida juvenil para a utilização e motivação de um bom desenvolvimento comportamental.

Ao se falar sobre desafios da vida juvenil, também se fala dos mecanismos por eles utilizados para a própria sobrevivência, dentro de um mundo e de uma vida ameaçada. Os mecanismos utilizados pelos adolescentes e jovens numa dimensão psicossocial e religiosa desafiam família, escola, Igreja ou qualquer outro grupo de pertença na conquista de posições, de papéis e de funções importantes, tanto nessa fase adolescente e jovem quanto para assegurar uma vida adulta.

Para entender melhor os mecanismos psicossociais e religiosos utilizados pelos adolescentes e jovens, deve-se rever a palavra “mecanismo” nos seus vários conceitos e abrangências:

Fala-se de mecanismo para designar uma combinação de processos ou de órgãos, que realiza certa função (por exemplo, o mecanismo de seleção natural ou do condicionamento operante). Na maioria dos casos, esse uso é muito vago, e alguns preferem utilizar o termo processo, que se supõe ser mais claro e menos carregado de subentendidos filosóficos (DORON e PAROT, 1991, p. 22).

Em Psicologia, de modo geral, o termo refere-se às partes físicas do corpo que se consideram responsáveis pelo funcionamento psicológico: por exemplo, os mecanismos de adaptação.

Em Psicanálise designa os padrões de reação semi-automática aos complexos emocionais reprimidos, padrões esses que são inconscientemente determinados; por exemplo, mecanismos de defesa do ego, mecanismos de projeção, etc. A reação suscitada por tais mecanismos traduz-se, essencialmente, por motivações que o indivíduo, entretanto, só considera responsáveis pelo seu comportamento depois de serem revelados pela análise (CABRAL e NICK, MCMLXXIX, p. 226).

Diferentes hábitos adquiridos para satisfazer diversos motivos e que formam um padrão reativo semi-automático (DORIN, 1978, p. 172).

Observa-se, nas definições acima citadas, que alterações são desencadeadas no indivíduo e nas suas relações. Suas ações estão na dependência de forças básicas e de fatores essenciais das mudanças provocadas pela sociedade com a qual esse indivíduo convive. Todo processo está inter-relacionado ao ciclo vital do desenvolvimento humano que, nos adolescentes e nos jovens acentua suas características fundamentais.

Ao assumir posturas exigidas na família, na escola, na Igreja e nos outros grupos sociais, adolescentes e jovens (dos 14 aos 25 anos) recebem e conservam os valores exemplificados ou exigidos por essas autoridades (aquelas da convivência cotidiana) e constroem uma identidade pela interação do indivíduo e com o meio ambiente.

A esse respeito da identidade assim se expressam Ciotti e Diana (2005) retomando o pensamento de Erikson:

Para Erikson a meta do crescimento do homem é o atingir a identidade. Uma identidade que se constrói mediante um processo de natureza psicossocial. As intenções entre indivíduo e ambiente constituem o lugar do desenvolvimento e lhe indicam o caminho. Erikson formula uma teoria do ciclo da vida mediante a qual procura determinar as leis que conduzem ao caminho do desenvolvimento do ser humano. Tal conhecida teoria descreve em oito estádios o caminho do homem (ERIKSON, *apud* CIOTTI; DIANA 2005, p. 51).

b) Mecanismos Religiosos

Com Erikson, as imposições da sociedade e as necessidades psicológicas na adolescência e juventude vão gerar os conflitos que, se resolvidos adequadamente, levam ao otimismo e à autoconfiança. A identidade é estabelecida no indivíduo com a formulação da independência e dos valores advindos da crise de identidade.

Ao rejeitar idéias, papéis e valores ou assumi-los em curto tempo, o adolescente e jovem buscam modificações nos ajustes necessários para a vida adulta em conformidade e na acomodação dos padrões estabelecidos pelos grupos de pares individuais.

Adolescentes e jovens, portanto, utilizam-se das imposições do mundo adulto e produzem trajetórias diversas que caracterizam a Pós-Modernidade, no que diz respeito, principalmente, à problemática psicossocial e religiosa.

Ao aproximar-se ou distanciar-se dos pressupostos historicamente apresentados pelos líderes ou parceiros de grupos (social e religioso), adolescentes e jovens caracterizam a importância e significatividade da permanência ou não da pertença psicossocial e religiosa nas quais eles estão inseridos e se revelam como atrativos das pesquisas nas diversas áreas do conhecimento.

Com certeza, é com a Modernidade e Pós-Modernidade que a grande problemática religiosa (objeto de nosso estudo), atinge e desafia “Igreja e jovens” para um momento da transformação e de fortalecimento religioso.

Aborda-se, portanto, no Capítulo 3 (três) a Igreja Católica e a Pós-Modernidade, numa perspectiva de mudanças e avanços ao elencar algumas considerações que nos

permitirão refletir sobre a missão evangelizadora eclesial Católica, em que a atração, o acolhimento e o dinamismo devem fazer parte da dimensão pastoral, direcionada principalmente para os adolescentes e para os jovens.

CAPÍTULO 3 - IGREJA CATÓLICA E A PÓS-MODERNIDADE

Ambos os assuntos, “Igreja Católica e Pós- Modernidade” são de importância relevante nos atuais debates da sociedade. Esses, expressam o pensamento de estudiosos, tanto com idéias novas quanto com idéias que colaboram para uma revisão histórica de temas de tamanha e complexa amplitude sobre a Igreja Católica e a Pós-Modernidade.

Se a Igreja Católica é alvo de discussões, de interpretações e de marcantes desafios em sua orientação, como instituição eclesial, a Pós-Modernidade se insere interpretativamente a partir dos paradigmas, dos resultados e das mudanças da própria história da humanidade. Com certeza, essas mudanças expressam as novas tendências da sociedade.

É oportuno lembrar os conceitos de “Igreja e de Pós-Modernidade” nas variadas conotações. Neste trabalho, tratar-se-á de: Igreja - no contexto discutível da vivência atual como “instituição”. E, “Pós-Modernidade”, como o momento vigente da sociedade.

Ao se definir “Igreja”, o termo *ekklesia*, no grego clássico, assim significava:

Assembléia dos cidadãos de uma cidade com objetivos legislativos ou deliberativos. Tal assembléia reunia somente os cidadãos que gozavam de plenos direitos. O termo indica, portanto, a dignidade dos membros e a legalidade da assembléia.

Os fundamentos do conceito de *ekklesia* estão claros nos evangelhos sinóticos. Jesus formou um grupo de discípulos com uma adesão pessoal a ele, mesmo às custas de sua separação dos amigos e da família (MCKENZIE, 1983, p. 32)

Se a Igreja pode ser definida como a comunidade dos fiéis, isto exige esclarecer que a Igreja é a comunidade dos fiéis que crêem na Igreja e pela Igreja, porque somente ela é a mediadora da revelação.

A Igreja demonstrará a sua credibilidade quando for vista como essencial e existencialmente dirigida para os homens; quando a eclesiologia colocar bem em luz a sua dimensão existencial quando, enfim, resplandecer o humanismo da encarnação (Maritain), a imagem e a concepção do homem que a Igreja pode oferecer, porque tem consigo o Homem - Deus. Assim a Igreja aparecerá não só como a resposta ao homem de hoje, mas também evitará o perigo de ser confundida com as diversas civilizações que nasceram dela e de ligar-se ao destino vacilante das mesmas (FRIES, 1970, 383-384).

É interesse ainda recordar *ekklesia* nas questões da pertença “à Igreja”, de comunhões cristãs diversas (desde a Reforma) quando as diferenças e as semelhanças, discutidas até hoje, tornam-nas geralmente, comuns e iguais, na essência e na expressão religiosa.

Segundo o Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia, o verbete Igreja assim esclarece:

A pergunta se *ekklesia* deve-se traduzir por Igreja (universal) ou comunidade (local) deveria permanecer livre de preconceitos confessionais, visto que nos diversos escritos do NT (Novo Testamento) se põem diferentes acentuações. A

distinção pertence não ao objeto, mas ao nível de consideração. Da mesma forma que Israel, como a “Igreja de Deus” no AT (Antigo Testamento), entende-se desde o início, simultaneamente, como particular e universal, assim também a Igreja de Deus, em Jesus Cristo no NT (Novo Testamento), é ao mesmo tempo universal e local. Esta dialética é própria da natureza da Igreja, de tal forma que a Igreja localizada (comunidade, reunião, assembléia) não é articulação ou representação da Igreja universal e esta por sua vez, também não surge pela adição de comunidades locais: Igreja universal como confederação (EICHER, 1993, p. 369).

Quanto à “Pós-Modernidade”, o conceito tem sido motivo de complexo debate, pois se trata de um momento histórico de mudanças e crises na sociedade e na pessoa humana. Assumido como confuso, entre vários estudiosos (que simplesmente o definem como o tempo da “Modernidade”), vejamos o que significa:

A noção de modernidade é complexa, pois significa ao mesmo tempo um processo histórico, circunscrito no tempo e no espaço (no Ocidente, do século XVI aos nossos dias), e uma ideologia ou uma retórica de mudança, do progresso e da vanguarda. Invade todas esferas da vida: a arte, a técnica, a política, os valores morais [...]. A modernidade não avança sem crises ou sem tensões, numa determinada sociedade [...]. Em qualquer contexto social e cultural, o velho e o novo alternam-se e competem entre si. Já a Idade Média conhecia a *via modernorum*, o caminho dos modernos. Mas a modernidade, como estrutura histórica e polêmica de mudança, pode ser encontrada somente no Ocidente, a partir do século XVI, e assume toda sua amplitude só a partir do século XIX (DHAVAMONY, 1994, p. 75).

Vê-se, portanto, que Modernidade e Pós-Modernidade são tempos dos desafios, das reformas, da renovação. Tendências novas aparecem e registram características diferentes das tradicionais. A revolução da tecnologia e da comunicação promovem uma realidade de vida em que as pessoas constantemente buscam respostas para os desafios novos para o crescimento e reorganização das sociedades.

A Igreja Católica, inserida nesse contexto social, busca dar continuidade à sua missão de estrutura institucionalizada, construída segundo a fé e o empenho de uma comunidade local, marcada por sua história e suas particularidades.

Sobre a Igreja Católica e a Pós-Modernidade, esse capítulo 3 tratará de três temas:

3.1 A Igreja Católica e os novos desafios da sociedade contemporânea.

3.2 A Igreja Católica pós – conciliar e os grupos juvenis

3.3 Os adolescentes e jovens diante da Igreja Católica hoje: insatisfações.

Abordar-se-á, portanto, a Igreja Católica inserida no contexto social da Modernidade e Pós-Modernidade, que busca dar continuidade à sua missão e em enfrentar os novos desafios da sociedade contemporânea, sobre os quais discutir-se-á a seguir.

3.1 A IGREJA CATÓLICA E OS NOVOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

A Igreja Católica tem sido alvo de constantes pesquisas e reflexões. Teólogos, Filósofos, Sociólogos, Psicólogos e Cientistas da Religião buscam respostas aos atuais e diversos fenômenos religiosos que atingem a humanidade. Entre esses fenômenos religiosos estão a pertença e a mobilidade religiosa e, principalmente, a mudança de Igreja – (Religião).

Fenômenos como esses, que atingem o sentimento religioso da pessoa humana são motivos de discussões, debates e artigos escritos que vão gerar textos importantes para o cenário sociorreligioso. Refletir-se-á aqui sobre o livro “Sociologia da Religião e Mudança Social” (2004) onde nove dos principais especialistas em Sociologia da Religião estudam as complexas relações entre os fenômenos religiosos, modernidade e mudança social. Esse livro foi escrito tendo como ponto de apoio a obra de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, um dos fundadores da Sociologia da Religião, no Brasil, publicada em 1973, cujo título é Católicos, Protestantes e Espíritas. A partir de dados empíricos coletados por uma equipe de pesquisadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), Camargo desenvolveu um quadro teórico - sistemático dos estudos de religião no Brasil.

Souza e Martino, prefaciando o livro “Sociologia da Religião e Mudança Social” (2004), assim se expressam sobre os estudos de Camargo:

Esse livro (Católicos, Protestantes e Espíritas, 1973) foi o primeiro sobre o inexorável processo de transformação da religião para se adequar às novas realidades do país – um país urbano, industrializado e com um índice progressivo de desigualdade social. Se isso abalou todas as estruturas agrárias e industriais do país, afetou igualmente a hegemonia católica, abrindo espaços para novos participantes do campo religioso – sobretudo evangélicos e espíritas. Em 2003, ao completar 30 anos, o livro já havia gerado uma vasta descendência intelectual, não influenciando somente estudos próximos ao seu círculo, mas praticamente todos os trabalhos sobre religião e sociedade no Brasil (2004, p. 8,9).

Percebe-se o grande interesse dos pesquisadores sobre o tema religião e, em particular, sobre as novas estratégias criadas pela religião que também se modernizou nos diversos grupos do cotidiano brasileiro.

Ainda no contexto do livro “Sociologia da Religião e Mudança Social” (2004), Pierucci (2004, P. 13) afirma sobre o catolicismo brasileiro:

[...]Segundo foi apurado pelo censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 1970 [...], os católicos declarados eram exatamente 91,8% da população brasileira que era de 70 milhões [...]. Trinta anos depois, já com uma população beirando a casa dos 170 milhões – cem milhões a mais – o censo de 2000 mostraria que católicos havia caído para 73,8%, um pouco menos de três quartos da população total [...]. O catolicismo, no Brasil, está realmente diminuindo de tamanho [...] o dado censitário mostra isso mais uma vez [...] compassando em intervalos regulares de dez anos um declínio que é constante, persistente (PIERRUCCI, 2004 p. 13).

Daí, comprovadamente, sabe-se que o catolicismo, apesar de continuar sendo uma religião de tradição milenar (o Cristianismo) e maioria religiosa, no Brasil, expressa pelos dados estatísticos censitários um declínio que preocupa entre autoridades eclesásticas e outras lideranças católicas que se perguntam: o que está acontecendo com o catolicismo? O que há com a Igreja Católica?

Sobre esse assunto diz Pierucci (2004, P. 14):

Qualquer religião tradicional, majoritária, numa sociedade que se moderniza, estará fadada a perder adeptos. Uma fatalidade sociocultural quase tão implacável quanto a genética dos caranguejos: Toda religião tradicional ou majoritária tende a andar para trás.

Nas sociedades pós-tradicionais decaem as filiações tradicionais. Os indivíduos tendem, nessas formações sociais, a se desencaxar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes eles pudessem parecer. Desencadeia-se um processo de desfiliação, em que as pertenças sociais e culturais dos indivíduos, inclusive as religiosas, tornam-se opcionais (PIERRUCCI, 2004, p. 14).

Sobre o assunto de “desfiliação religiosa” e “nova pertença”, saindo da “Igreja Católica” para “outras Igrejas”, é que trabalhar-se-á, em outros capítulos desta Dissertação, na busca de analisar mais ‘Os Mecanismos Psicossociais e Religiosos da mudança de Igreja entre Adolescentes e Jovens Católicos do Liceu de Artes e Ofícios/Unicap.’

Retomando a reflexão sobre a Igreja Católica e os novos desafios da sociedade contemporânea, lembrar-se-ia o declínio do catolicismo brasileiro, com as perdas católicas nas últimas décadas, segundo os censos do IBGE. Vejamos:

Censo de 1970 – 91,8% católicos.

Censo de 1980 – 89,2% católicos

Censo de 1991 – 83,3% católicos

Censo de 2000 – 73,8% católicos

Comprova-se, portanto, o declínio da Igreja Católica no número de seus fiéis. O momento é de identificar e inspirar experiências provocadoras para o novo pensar e o novo

agir teológico e pastoral. O trabalho de evangelização, o compromisso com os fiéis e a responsabilidade com o povo de Deus carecem de atitudes firmes e posicionamentos mais inteligíveis ao mundo atual.

É sobre o posicionamento da Igreja enquanto instituição, diante do momento sociocultural da pós-modernidade, que Libânio (2002) escreve:

As renovações espirituais do cristianismo ao longo da história encontraram em gerações seguintes quem lhes desse continuidade [...]. A crise atual talvez venha dos dois lados. Um vivido religioso que não encontra racionalidade. Uma racionalidade religiosa que não fala ao vivido. O futuro da religião institucional dependerá desse reencontro entre vivido e razão, entre experiências significativas e tematizações racionais. Do contrário, cair-se-á num racionalismo institucional frio e sem futuro, ou num conservadorismo rígido também sem perspectivas ou num emocionalismo por natureza volátil.

Somente a correta articulação entre religião e razão permite que a religião não tema as críticas da razão [...], as pessoas se sentirão desarmadas diante da farândula religiosa, presente onde a religião perde a identidade institucional [...], a religião necessita firmar sua identidade com a clareza que só uma reflexão que faça apelo à razão, à inteligência é capaz de fazer. (LIBÂNIO, 2002, p. 184).

É, pois, urgente que a Igreja, enquanto instituição que influencia relevantemente na sociedade, modernize-se, abrindo-se ao que é positivo na modernidade. No Brasil, percebe-se a preocupação da CNBB (Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil) em suscitar a Igreja Católica para o compromisso de fé com os seus fiéis, ao divulgar Pistas de Ação para que as Dioceses procurem (a partir de suas realidades) desenvolver seu papel pastoral de Igreja (que cuida do seu rebanho). Ela, a CNBB, quer manter acesa a chama missionária e peregrina da Igreja Católica, no Brasil, que insiste em exercer o seu papel social na evolução dos acontecimentos.

Poder-se-ia aqui lembrar os Documentos, os Projetos, as Campanhas, entre outras realizações, com os quais a CNBB quer despertar todos para o compromisso e a responsabilidade humana. Com os Documentos, as questões de grande atualidade e da realidade contemporânea apresentam-se como autênticos manuais de estudos, de orientação teológica e antropológica e de insistente convite para a ação pastoral da Igreja. Com os Projetos, prepara-se um novo passo para o anúncio central da Palavra de Deus, apresentando o seu caráter missionário de realização. São as Campanhas, em especial as “Campanhas da Fraternidade” que, anualmente, escolhe temas para incentivar, no período quaresmal, uma proposta intensa de evangelização.

Assim, a CNBB, pelo convite, pelo chamado ou pela intimação ao povo em geral, interpela a uma maior adesão à vivência e prática fraterna. Essa adesão gira em torno da

renovação da Igreja, da realidade social do povo e das situações existenciais da pessoa humana. É sobre o agir da Igreja Católica pós-conciliar, e os grupos juvenis que refletiremos a seguir.

3.2 A IGREJA CATÓLICA PÓS – CONCILIAR E OS GRUPOS JUVENIS

Não é nossa pretensão trazer à tona, nem esgotar a situação atual da Igreja Católica pós-conciliar, até porque o assunto é complexo e desafiador.

Poderíamos, no entanto, elencar algumas considerações, que nos permitirão refletir sobre a missão evangelizadora eclesial católica, em que o acolhimento e o dinamismo devem fazer parte da dimensão pastoral, direcionada principalmente para os adolescentes e para os jovens.

Certamente é com a modernidade e a pós-modernidade que a grande problemática religiosa atinge e desafia “Igreja e Jovens” para um momento de transformação e de fortalecimento religioso.

Iniciemos nossa reflexão lembrando o Concílio Vaticano II – um acontecimento mundial que marcou a Igreja.

É um novo momento e um momento novo da Teologia Católica, caracterizado principalmente pelos estudos das Escrituras, pela atitude ecumênica e por um profundo senso de missão. “O Vaticano II quis ser um Concílio Pastoral...; um Concílio Ecumênico...; um Concílio Doutrinário...; quis ensinar autenticamente, isto é: com autoridade divina...”. (KLOPPENBURG, 1979).

Expressa-se, portanto, a Igreja pós-conciliar com abertura a novas tendências que caracterizam o mundo religioso. Diversas camadas da população religiosa vivem práticas e crenças diversas, conduzindo-se a si mesmas, às vezes, a uma religiosidade superficial e emocional.

Em referência ao Brasil, dizer dessas mudanças, depois do Concílio Vaticano II, é detectar traços significativos dessa nova época da Igreja, a partir dos estudos e pesquisas, já expressos desde 1986, no Documento 45: Estudos da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) “Leigos e participação na Igreja” (1986, p. 17) quando afirma:

A Igreja no Brasil mudou de lugar social. Com isso quer-se dizer que o contexto dentro do qual a Igreja se situa, a partir do qual ela se compreende a si mesma e a sua missão, e é reconhecida na sociedade mudou visivelmente de 20 anos para cá. Mudou a sua relação com o Estado e com o Sistema Social vigente. Houve como consequência, mudança na imagem que ela própria faz de si mesma, na sua autocompreensão.

Daí percebe-se não mais vinte (20) anos de mudanças, mas exatamente quarenta (40) anos de tal afirmação que fez refletir sobre uma Igreja, sendo fiel a Jesus Cristo, respondendo evangelicamente ao povo, que vive e evidencia os desafios da pós-modernidade, em que tudo e qualquer coisa leva a “mudanças”.

Com a tecnologia, a informática, as comunicações sociais e, tantas outras realidades desafiadoras do ser humano, resta-nos perguntar: por onde caminha a Igreja Católica, na sua missão evangelizadora? Onde se encontra o acolhimento e dinamismo que atraíam e convenciam adolescentes e jovens a conviverem com uma sociedade plural e pós-moderna religiosamente?

Segundo o IBGE, Censo 2000, a população brasileira é de quase 170 milhões de habitantes. A população é dez vezes maior que a existente no país, em 1900. A população entre 0 a 19 anos, neste novo século, chegou a mais de 68 milhões de crianças e jovens.

Apesar da grande diversidade religiosa do Brasil, a religião Católica Apostólica Romana ainda é maioria, declarada pela população (73,6%). Aí também estão incluídos adolescentes e jovens.

Caracterizar os momentos da juventude nas fases de adolescente e de jovem, com o seu mundo religioso, é rever uma realidade pós-moderna que não garante totalmente uma tradição religiosa.

Sobre isso Libânio escreve:

Ao despedir-se da infância, momento de reforço do egocentrismo, que não põe em questão o próprio centro de si, o adolescente sente a necessidade de encontrar modelos. Entra em jogo o papel do herói com que ele se esforça por identificar-se. Tem havido modificações profundas no tipo de modelos. Em tempos idos, em que a religião tinha hegemonia cultural, os santos desempenharam papel importante nessa fase, como paradigmas de vida [...] (LIBÂNIO, 2004, p.80).

É justamente nesse momento que nos cabe refletir sobre a juventude, caracterizando a fase adolescente e juvenil.

Libânio continua:

A força impregnante dos santos permaneceu durante muito tempo [...]. O fenômeno de secularização atingiu de cheio esse universo simbólico. Os santos foram sendo afastados [...].

Entraram no seu lugar as figuras liliputianas dos artistas de cinema, de tv, de grupos musicais e dos ídolos do mundo do esporte [...].

Na década de 1960, personagens políticos e revolucionários deslocaram o idealismo de jovens para o campo da luta contra os regimes burgueses e militares do nosso Continente [...].

Na década de 1970, houve uma onda em que Jesus era apresentado como modelo pelo *Jesus' movement*. Não era naturalmente o Jesus da fé cristã, dos evangelhos mas um Jesus de estilo *hippy*.

O livro de L. Boff, *Jesus Cristo Libertador*, articula muito bem a face humana de Jesus com a dimensão de libertação [...]. Marcou para muitos jovens uma presença de Cristo para suas vidas. Misturava-se, nesse momento cultural, a dupla imagem de um Jesus ligado ao Jovem contra as convenções sociais – linha *hippy* – e contra opressão política – linha libertadora.

Diante do exposto, historicamente enunciado por Libânio (2004), percebe-se a trajetória religiosa para a juventude numa dupla perspectiva. E, ao refletir sobre a juventude atual e sua situação religiosa, acrescenta Libânio:

Na pós-modernidade ainda mais secularizada sob este ponto de vista, a falta de modelos e de herói tem baixado o nível de tensão interior dos jovens. Além disso, o modelo paterno, que sempre exerceu função paradigmática, tem perdido a força por demissão de sua função e por decadência da família. Cresce a quantidade de pais, que se separam ou dão mau exemplo de conduta moral, deixando a criança e o jovem na dúvida e no dilema da verdade de vida dos pais.

Cabe repensar seriamente a questão dos modelos para os jovens de hoje. Já não basta ressuscitar os santos, nem simplesmente maquiá-los com traços pós-modernos, nem apresentar um Cristo feito à imagem e semelhança deles [...].

Somente quando o jovem atingir a etapa sociocêntrica, com maior autonomia e interdependência, ele conseguirá situar-se crítica e maduramente a respeito dos modelos até então atraentes. Adquire o realismo de perceber em todos eles os limites da fragilidade humana. Os ídolos caem do pedestal.

Sob o aspecto religioso, o adolescente e o jovem, numa realidade pós-moderna, vivenciam um mundo globalizado e pluralista. Essa juventude pós-moderna sofre o impacto da ética e da religião, que já não orientam mais a sua tradição religiosa, nessa sociedade pós-moderna.

Atualmente, novos movimentos eclesiais fundamentalistas propõem aos jovens novas ofertas aos seus anseios e buscas. A insegurança e o fanatismo os levam ao entrosamento na nova práxis religiosa que, na maioria das vezes, alicia-os e os trata com rigor.

Enfrentar os desafios da modernidade e pós-modernidade tem sido, para os jovens, a grande problemática religiosa. A formação lúcida para os trabalhos pastorais exige a conscientização cristã crítica que ultrapasse o conservadorismo. Estruturar mais solidamente grupos não engajados doutrinariamente e pastoralmente é o grande passo necessário para assumir com serenidade as transformações.

Em nível do cristianismo católico, a PJ (Pastoral da Juventude) tem sido destaque em reunir jovens com objetivos afins. É necessário, no entanto, um trabalho pedagógico, cada vez mais atualizado, frente aos desafios modernos e pós-modernos, principalmente, no que diz respeito aos grupos fundamentalistas que “dizem” proteger os jovens. A educação cristã urge clareza e transparência. Oferecer possibilidades humanas artísticas e práticas é a resposta aos desejos e angústias de muitos jovens. Tirar o jovem de si mesmo para uma entrega aos outros é fazer uso de diferentes experiências religiosas que levem o ser humano a descobertas fundamentais da vida.

A crise religiosa, hoje, surge como alerta para uma nova postura de Igreja. Não há como continuar sem o debate e o esclarecimento das questões fundamentalistas da Escritura. É inviável também continuar com os ensinamentos morais e religiosos de uma tradição não refletida, nem articulada com a vida moderna.

As dificuldades e inseguranças da própria confusão cognitivo-afetiva da fase adolescente, leva os adolescentes ao afastamento das práticas religiosas. Tanto aqueles jovens que são religiosos praticantes, quanto aqueles outros que estão de fora, necessitam de cuidados especiais, seja na razão ou a partir da fé. A origem de cada crise religiosa difere entre eles, seja de natureza intelectual ou afetiva.

Necessário se faz ajudar o jovem pelo esclarecimento e pelo apoio, para que ele possa vivenciar a capacidade de experiência plural e diferente. Refletindo sobre as Linhas de ação no trabalho com a juventude, observaremos, claramente, os lugares da educação dos jovens e as propostas positivas para adolescentes e jovens.

As considerações sócio-culturais e pastorais, segundo Libânio, em “Jovens em Tempo de Pós-Modernidade” (2004), foram escritas para jovens e para quem com eles trabalham, a fim de ajudar a Pastoral da Juventude (PJ), na perspectiva pastoral-educativa, entendendo-se a PJ, no sentido mais amplo do termo, ou toda presença ativa de jovens, ligados à Igreja de maneira consciente, ou a atividade no seu interior, ou fora, na sociedade.

É na PJ que o jovem encontra o espaço de acompanhamento e de orientação para seus problemas existenciais. No entanto, isso não o faz retirar-se de outros espaços da vida, tais como: a Família, a Escola, Grupos de Jovens, Igreja, Sociedade, Trabalho e Relações Sociais.

Cabe à Pastoral da Juventude, portanto, oferecer ao jovem o duplo movimento da “distância e da inserção”, fazendo-o afastar-se para a reflexão crítica à luz da fé (distância) e trazendo-o de volta com ânimo e clareza (inserção).

O texto trata daquele jovem, dos 14 aos 25 anos, na fase da adolescência e início da idade adulta, que é marcado pela sociedade, nos âmbitos econômico, político e, sobretudo, cultural. Esse jovem, por ser uma construção social, assimila esses elementos numa relação interativa.

Com a influência e participação dos lugares da educação dos jovens, cada grupo deve assumir seu papel nessa educação, na certeza de que a oferta e a descoberta deve transitar pelos espaços privilegiados, onde a juventude se veja em tempo de educação. Em seguida abordaremos o impasse pastoral em cada lugar: 1) Família – 2) Escola – 3) Pastoral da Juventude – 4) Sociedade, 5) Trabalho, 6) Relações Sociais e as soluções afins.

3.2.1 Família.

Está aí, na família, o espaço de influência benéfica e maléfica do jovem. Na benéfica, ele aprende o respeito mútuo, que é a condição fundamental ao convívio social. Eis o ensino: comportar-se, tratar bem e ser bem educado. É na família o lugar do aprendizado primeiro da urbanidade, manifestada no respeito ao outro.

É também aí, na família, que cada um aprende a permanecer no seu lugar e quando embaralham-se os papéis a educação está deformada. Nem os pais devem ocupar o lugar dos filhos, nem os filhos o lugar dos pais. O ponto de referência da boa formação é o lugar de cada um e a ocupação certa desse lugar, no respeito, na autoridade e na segurança.

A cultura moderna e pós-moderna nos tem apresentado modelos educativos em que os papéis se invertem, as hierarquias se deformam. A família que sabe e consegue educar para a autonomia, alimenta as relações de reciprocidade e constrói a família diferente, aquela que confia e aposta no seu espaço.

3.2.2 Escola.

É a escola que mantém a força coativa. Frequência, êxito, reprovação, aprendizado e tantos outros assuntos escolares e de valores humanos são totalmente alheios ao seu verdadeiro significado. Aquelas instituições tradicionais continuam vivas e não favorecem o

processo de maturidade dos jovens. A escola reproduz submissão e um respeito à hierarquia com forte pressão social.

Perspectivas de mudanças vão surgindo com a pedagogia que trabalha para inventar determinadas situações. Um novo modo de ser sociedade tem despertado o interesse de uma minoria, pois alimentar relacionamentos saudáveis, democráticos e livres, entre os membros da comunidade educativa, já anuncia e ensaia essa nova sociedade.

Oferecer oportunidades iguais, desenvolvendo os jovens na sua integralidade. Permitir nascer grupos de protestos. Suscitar nos jovens, através de estudos, que elaborem as perguntas fundamentais da existência além dos conhecimentos. Reativar a consciência cívica, política e histórica da juventude. Resgatar valores, verdades, regras e normas sociais, discernindo-os para o entusiasmo e para as motivações do bem viver pelas causas humanitárias e libertárias. São esses, entre muitos outros, os passos iniciantes para o amadurecimento do jovem para a realidade em que eles vivem.

A partir dessa temática de estudos, necessárias se fazem as mudanças, na concepção do conhecimento e na maneira de como adquirir saber nos dias de hoje. Deve-se manter as formas tradicionais de aprendizado ou se experimenta cultivar outras? Em questão está a qualidade pedagógica do ensino. Reflete-se também: o que se quer com o ensino? Competência humana ou aprender o pensar, o conviver, o fazer, o ser?

Em sua seqüência reflexiva, Libânio (2004) apresenta ainda dois pilares para discussão: aprender a discernir a vontade de Deus na vida e aprender a amar.

O aluno, a partir do seu próprio pensamento, já pode encontrar, a solução do problema, pelos conhecimentos que ele mesmo possui. Aprender a pensar na vida é rever conhecimento em três dimensões: Tradicional, Atualizado, Criativo.

O conhecimento é tradicional (pensamentos e ensinamentos são anteriores). O conhecimento é atualizado (a par do que acontece e da última inovação, mera doutrinação técnica e ideológica para fins de adestramento reproduzido). O conhecimento criativo (novas possibilidades para o desafio da inovação permanente), (LIBÂNIO, 2004, p. 184).

Há três tipos de Disciplina, na escola, que favorecem o aprender a pensar. Primeiramente a Filosofia, que desperta a capacidade inovadora do conhecimento; questiona as certezas e o existir, e também questiona o próprio saber. Em seguida está a Linguagem ou a Língua que vai tratar do relevante papel no processo do pensar com o saber tradicional e atualizado, engendrando um processo criativo da mente. Depois, está a “formação intelectual que se articula também com a luta social”. É a educação que modifica a cabeça das pessoas,

conscientizando-se pela transformação da realidade,” rompendo o círculo entre pobreza material e intelectual” (LIBÂNIO, 2004, p. 190).

Nessa perspectiva de formação intelectual, é grande a contribuição vivenciada na pedagogia inaciana. Com Santo Inácio de Loyola está a pedagogia cristã, que se volta para a realidade humana, para “discernir nela os sinais salvadores de Deus”, significativamente aqueles chamados pela Teologia da Libertação – os Sinais dos Tempos. Com Inácio, realiza-se uma aproximação cognitiva e afetiva com entendimento, mente e coração, vontade *versus* inteligência, sentimento, imaginação e afetividade, (LIBÂNIO, 2004, p. 191).

Na pedagogia inaciana, “a avaliação é exame, forma de oração, de rastreamento à vida, de discernimento realista”. Educa os jovens à luz de Deus e à de sua Palavra. Orienta ao trabalho, à ação consciente e responsável. “A figura de Jesus Cristo é modelo e seguimento”. Liberdade e responsabilidade culminam o equilíbrio de que nem tudo é graça, mas tudo pode ser visto sob o ângulo da graça (LIBÂNIO, 2004, p. 193).

Assim Libânio acrescenta sobre a pedagogia inaciana:

Um dos fatores que contribuíram para fazer de Santo Inácio um pedagogo foi a sua visão de homem e de mundo que situa o ser humano e que orienta em sua vida. Não se pode ser pedagogo apenas com técnicas pedagógicas [...]. Não se pode ser pedagogo, carecendo-se de horizontes. Educar é abrir o caminho para uma liberdade e é ensinar a caminhar por esta via; mas não há caminhos sem direções. Por isto é tão importante ter uma visão de conjunto que situe o homem em relação a Deus e em relação ao mundo. Falar de homem para Santo Inácio, formado na Bíblia, é falar, por sua vez, de Deus e do mundo [...] A visão do homem necessariamente começa por uma visão de Deus (LIBÂNIO, 2004, p. 194).

3.2.3 Pastoral da Juventude

Em continuidade à reflexão sobre a influência e participação dos lugares na educação dos jovens estão PASTORAL DA JUVENTUDE, GRUPO DE JOVENS E IGREJA.

É com a multiplicidade de tipos de grupos de jovens que se tem um instrumento privilegiado para a Pastoral da Juventude. Esses grupos, tanto vinculam-se às paróquias (na maioria das vezes a partir da preparação ao Sacramento do Crisma), como também vinculam-se a um tipo de movimento ou a uma pessoa (adulta) que possui o carisma de aglutinar jovens.

Esses grupos diferem entre si e descontrolam o ideal da PJ, que carece de transformação para o seu agir. Também os movimentos de leigos que centralizam e estruturam, de uma maneira mais sutil, a sua organização, tornam-se excelentes como escola

de experiências para a PJ. Os jovens entram e saem sem compromissos; são seduzidos e retidos no seu interior. São capazes de publicamente confessar suas falhas passadas e se tornarem convertidos radicalmente.

A Pastoral da Juventude na Igreja vai além da constituição de grupos. Os jovens pastoralmente se fazem presentes nos grupos dos acólitos, dos leigos, da liturgia, da acolhida, do coral, dos catequistas, dos monitores de crismandos, como atuantes nos cursos teológicos e participantes das atividades sociais.

À Pastoral da Juventude cabe ativar e conservar sempre o seu vigor que vai depender do seu nível de inventividade, independente de suas ações bem distintas, ou seja, tanto liga-se a uma diocese ou comunidade, quanto se liga em nível nacional, às atividades em grande escala.

3.2.4 Sociedade

Além da família, são três os grandes grupos de atuação abertos aos jovens. São eles: o amor, o trabalho e o convívio social. [Tratam da Sociedade - Trabalho - Relações Sociais].

Amor significa vida e deve ser iniciado bem cedo para seu maior sucesso. O amor é complexo, porque só se dá a dois, ou seja, entre duas pessoas. Tudo inicia-se no amor fundante (da mãe, do pai, da família, etc). Teologicamente desde cedo existe o bloqueio da capacidade de amar: o pecado. É Deus quem liberta e dá a graça. Na Igreja, o batismo é oferecido. O amor de Deus chega primeiro e possibilita o amar. Fazer a experiência religiosa desde cedo é a grande possibilidade para aprender a amar.

Segundo Libânio (2004) são três os níveis na educação do amor e para o amor:

O amor é falta (satisfazer o vazio). É o amor Eros que envolve a totalidade do ser e quer a presença física da outra pessoa. É o completar-se e realizar-se com alguém que se deseja.

O amor avança para uma relação nova (o sentimento de alegria se faz presente pela presença da amizade que acontece inesperadamente). O prazer do encontro se dá na gratuidade radical, esse amor se espalha em Deus. Cabe à PJ, também resgatar o sentido do amor, tão desgastado nesses dias entre jovens.

O amor não se aprende nos livros (refleti-lo a partir de uma boa literatura é reaproximar-se da realidade do seu conceito significativo). Conscientizar-se da realidade do amor é abrir as portas para a sua verdadeira vivência. Discernir criticamente e com veracidade sobre as experiências realizadas com amor é o grande avanço para a duração e continuidade dos atos de amor.

3.2.5 Trabalho

Em se tratando do aprendizado ao trabalho, nota-se a face positiva na vida do jovem: marco de referência para identidade pessoal e social; inserção na classe social; possibilita-se existência e desenvolvimento; e finalmente o socializa.

Paralelamente, com o sistema explorador aparece a outra face do trabalho, na vida do jovem: submissão, controle, alienação, ociosidade, desgaste e a inutilidade. Competir se torna tão forte e necessário que maneiras diferentes e perigosas fazem o jovem se tornar totalmente frio e insensato.

Cabe a PJ, portanto, aprofundando questões também como essas, esclarecer melhor a atividade realizadora do ser humano, a partir da juventude.

3.2.6 Relações Sociais

Finalmente, tratando-se do aprendizado para o convívio social, desperta-se influência do mundo dos relacionamentos, da emocionalidade, da afetividade e não somente do mero conhecimento. As qualidades de convivência perpassam a competência científica, teórica ou técnica. O grande desafio é levar o jovem a aprender a conviver. É a partir dessa convivência que se inicia o combate à violência.

Com a Pastoral da Juventude, pode-se direcionar o espírito de solidariedade e provocar nos jovens as motivações pela busca concreta do sentimento da convivência na sociedade.

Cabe-nos concluir, com as reflexões acontecidas no evento em Itaici-SP, na Assembléia Geral da CNBB, em maio de 2006, onde Dom Cláudio Hummes apontou a necessidade de a Igreja ser mais missionária e se aproximar principalmente dos jovens. O tema central que reuniu os bispos, em Itaici, foi justamente a evangelização da juventude.

“Ainda estamos muito longe de chegar até os jovens nesta cultura pós-moderna, consumista, com uma atenção especial aos jovens que vivem nas periferias”, disse ele. (Hummes, 2006).

Segundo o arcebispo de São Paulo, “é necessário sermos missionários. Que os jovens se encantem por Jesus Cristo. É preciso ir até eles. A partir do encontro com Jesus Cristo é que eles se tornam missionários. Esta dinâmica é que queremos em toda a América Latina”.

“Precisamos aumentar o espaço para que os jovens tenham vez e voz dentro da Igreja”, afirmou.

Ao ser questionado sobre o perfil do jovem cristão, outro prelado participante da entrevista coletiva, Dom Geraldo Lyrio, arcebispo de Vitória da Conquista (BA), disse que é o próprio jovem que vai traçando seu perfil, seguindo alguns passos: “empolgação por Jesus Cristo, numa bonita experiência comunitária. Não é um perfil estereótipo. Ele é que deve descobrir o seu perfil”, (Fonte: Zenit).

Dessa 44ª Assembléia Geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), cujo tema central: A evangelização da Juventude, realizada em Itaici (SP), de 9 a 17 de maio de 2006, foi elaborado o texto: ESTUDOS DA CNBB 93 –EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE desafios e perspectivas pastorais. Nesse texto, entre outros tópicos lê-se:

O futuro da Igreja e os rumos que a sociedade irá tomar dependem dos jovens, por isso interessa muito à Igreja e aos seus pastores a evangelização da juventude. A juventude mora no coração da Igreja e é fonte de renovação da sociedade. Desejamos, juntos, encontrar caminhos para favorecer o desenvolvimento dos jovens. Os jovens de hoje e a Igreja em que vivem são influenciados pelos impactos da modernidade e da pós-modernidade. O fenômeno religioso que mais chama a atenção, dentro desse novo contexto cultural centrado nas emoções, é o crescimento do neopentecostalismo que acentua a subjetividade e o elemento afetivo em sua metodologia de evangelização. A juventude brasileira é marcada por uma extrema diversidade e manifesta as diferenças e as desigualdades sociais que caracterizam nossa sociedade, (ESTUDOS DA CNBB Nº 93, 2006, p. 5-16).

Percebe-se, claramente, a preocupação da Igreja (Instituição) representada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que faz uma alerta ao mundo dos jovens e o chamamento desses jovens para o mundo pós-moderno.

A Igreja Católica pós-conciliar só compreenderá os desafios encontrados por esses adolescentes e jovens se realmente entender suas buscas por uma maior inserção nos grupos juvenis eclesiais, levando em conta suas insatisfações e desejos de mudanças.

É sobre essas insatisfações dos jovens diante da Igreja Católica hodierna que discutiremos a seguir.

3.3 OS ADOLESCENTES E JOVENS DIANTE DA IGREJA CATÓLICA HOJE: INSATISFAÇÕES

Os adolescentes e jovens vivem num mundo complexo e em rápida mudança nas esferas sócio-cultural – religiosa – econômica e política, num contexto de crise da modernidade pós-moderna, numa época de grandes paradoxos e contradições.

Sobre o assunto Mota (2004) afirma:

Há no ar uma negociação dos grandes pilares das ciências sociais, da cultura e da história que edificaram o sujeito e o mundo modernos. Esta incômoda posição do homem ocidental afeta todas as dimensões da sua vida (MOTA, 2004, p. 2).
Hoje vivemos sobre a égide de experiências: de fragmentos de parcialidades, de relatividades [...] de colapso dos paradigmas que estruturam nossas vidas (MOTA, 2004, p. 3).

Com os adolescentes e jovens estão também as suas situações existenciais, tais como: problemas e dificuldades, aspirações e necessidades e, principalmente, seus profundos anseios.

Pudemos perceber nas leituras anteriores que a Igreja Católica enfrenta grandes desafios na sociedade contemporânea, mas procura encontrar formas de atingir os grupos juvenis como uma grande necessidade para o encontro e a formação desses jovens.

Percebe-se que para atingir essa juventude (dos 14 aos 25 anos) se faz emergencial:

Interessar os jovens para a realidade em que vivem e que os esperam, fazendo-os participantes ativos nas discussões e problemas pessoais, sociais e religiosos.

Não permitir que os jovens queimem suas etapas de formação (de jovem), e que o dinamismo de sua evolução psicológica, social e religiosa os levem a adesão consciente e de concreto engajamento.

A atualização da Igreja, em que os novos tempos correspondam realmente aos novos valores.

È bastante esclarecedor fazer *jus* ao termo “juventude” que, segundo Helena Abramo e Branco (2004):

Juventude é desses termos que aparecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas.

O termo nunca esteve tão presente nos discursos e nas pautas políticas, mas ainda permanece uma grande indeterminação e muitas indagações a respeito do que, afinal de contas, está sendo designado por ele.

A juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada. Tal como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental (tomando um maior desenvolvimento, no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para as tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe, (ABRAMO; BRANCO, 2004, p. 37-41).

É possível, daí, entrever-se dois assuntos complexos: Juventude e Igreja Católica. Se a Juventude atual e complexa, é pauta de discussões sérias e promissoras, a Igreja Católica, também atual é complexa, torna-se vítima tanto pelos discursos conservadores como pelos discursos libertadores.

A própria juventude deixa pistas em tentar culpabilizar a Igreja Católica quando nas suas reclamações diz: “A Igreja católica é muito fechada”, “Ela não muda nunca”, “Tudo continua como no tempo da minha avó”; ou “A Igreja Católica se abriu demais!”, “Não se sabe mais o que é certo ou errado”, “Às vezes penso que estou pecando [...]”, “Às vezes não sei mais o que é pecado”.

É bom que se diga que esses depoimentos fazem parte das escutas informais desta mestrandia junto aos adolescentes e jovens, tanto em instituições de ensino como em grupos de paróquias e comunidades.

Para definir, portanto, a realidade que está por trás desses desabafos, necessário se faz uma compreensão desta realidade. Ela, a realidade, diz das estruturas e das possibilidades de uma vivência religiosa que não dá conta da complexidade e da rapidez da vida e dos conflitos da sociedade juvenil da pós-modernidade.

Nas suas colocações sobre “Eclesialidade e Processo de Educação na Fé”, Frei Aldir Crocoli, OFMcap, ao refletir sobre o VII Fórum Nacional de Assessores e Assessoras das Pastorais da Juventude do Brasil, assim afirma com relação à realidade juvenil:

O momento em que vivemos tem se caracterizado como fecundo no processo de participação da juventude no espaço eclesial e de organização da sociedade civil. Há uma busca clara da juventude por uma religiosidade mais concreta e que responda às suas inquietações.

O protagonismo dos adolescentes caracterizando a precocidade de vivências e busca, promove e exige a introdução de novas pedagogias e metodologias. A juventude tem definido novas formas de organização e articulação, destacando diferentes meios de participação em movimentos, instituições e iniciativas culturais diversas. Os jovens vêm desenvolvendo novas concepções de vivência política, a partir do descrédito com as instituições políticas tradicionais (CROCOLI, 2005, p. 35).

No entanto no contexto, eclesial diz Crocoli:

Mesmo na inclusão da temática juventude em seus (Igreja Católica) documentos oficiais, percebe-se uma falta de opção clara assumida pela Igreja em favor dos jovens e ausência de apoio e investimento efetivo e afetivo ao ministério da assessoria. O processo de mercantilização da fé tem se caracterizado pela oferta de salvação mediante contribuições estimuladas e excessivo consumo de produtos religiosos. As lideranças das Pastorais da Juventude têm apresentado dificuldade no seu relacionamento com o clero (CROCOLI, 2005, p.36-37).

Pertinente, portanto, é o refletir para adolescentes e jovens, que insatisfeitos, conclamam “algo realmente novo”.

Como Orientadora Pastoral do Liceu venho observando, nesses últimos anos, um expressivo número de alunos que, em atendimento individual ou coletivo, tem demonstrado suas dificuldades de pertença à Igreja Católica e, em desabafos, até confidenciais, dizem das suas angústias e desmotivações e, várias vezes, fazem uso de algumas expressões, tais como:

“A nossa Igreja é muito parada...”

“Tenho deixado de ir à missa, pois ela é muito morgada...”

“Algumas pessoas da Igreja não entendem os jovens...”

“Lá, a gente não pode fazer nada diferente, tudo é proibido...”, etc.

Percebe-se o quanto esses adolescentes e jovens necessitam de apoio, articulação e uma maior dinamização por parte da Igreja Católica para o estímulo à prática religiosa, principalmente na conscientização de motivações que os levem a ficar na sua religião de origem, a fim de que não precisem buscar respostas às suas inquietações religiosas com um verdadeiro “troca-troca de Igrejas”.

O assunto chama atenção, pois se julga de grande relevância, extensão e profundidade falar de modo mais científico de algo que vem despertando o interesse de estudiosos e pesquisadores do fenômeno religioso brasileiro atual, como por exemplo, o Padre Antoniazzi que, recentemente, oferece pistas para a compreensão dessas mudanças e da complexidade do fenômeno, principalmente ao demonstrar a dificuldade, por parte da Igreja, em enfrentar os pertinentes desafios atuais.

Segundo Antoniazzi, a discussão sobre as mudanças religiosas registradas e suas causas é assunto complexo e tarefa difícil de discernir, pois até os anos 70, o Brasil não só parecia um país católico como monopolizava crenças e atitudes religiosas. Sobre o registro do processo de diversificação religiosa diz ele: a diversidade religiosa tende a se tornar uma realidade comum em todo o Brasil, com exceção de três áreas: o sertão nordestino; o interior

de Minas Gerais; o interior do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (ANTONIAZZI, 2004, p.11).

Mas, ainda reportando-se a mudanças, diz ele:

Em se tratando de católicos, limitamo-nos a considerar dois fatores bem concretos: de um lado, a possível influência das migrações ou dos movimentos da população brasileira que parecem ter contribuído para enfraquecer o catolicismo; por outro lado, a resposta institucional, ou seja, o esforço feito (ou não!) pela Igreja para atender melhor à população recém-chegada nas frentes pioneiras ou na periferia das metrópoles. (*Ibid.*, p.21)

Vê-se, assim que, se muitos fiéis deixam a Igreja Católica e aderem a outras religiões, o fazem em busca de respostas aos seus anseios que, no encontro com lideranças inovadoras, dinâmicas e mobilizadas com suas estratégias de ação e de evangelização, são, de algum modo, satisfeitos.

Com certeza, os adolescentes e jovens também são partícipes desse esvaziamento da Igreja Católica, pois, nas últimas décadas, sofrem os efeitos das novas modalidades religiosas que lhes são oferecidas.

Sobre a experiência religiosa da geração jovem, segundo Regina Novaes, na sua pesquisa realizada no Rio de Janeiro, em 2001, intitulada “Jovens do Rio”, foram identificadas as seguintes características:

- a) forte disposição para mudança de religião;
 - b) ênfase na escolha individual, gerando maior disponibilidade para a reafirmação pessoal do pertencimento institucional;
 - c) desenvolvimento de religiosidade sem vínculos institucionais
- (Estudos Avançados, vol. 18, nº 52, São Paulo, Decol, 2004).

A necessidade de se refletir e pesquisar um assunto polêmico e atual, com envolvimento e influências na troca de identidade e pertença religiosa, aponta para a pesquisa divulgada, em 10/08/2005, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Indaiatuba, SP. De fato, no segundo dia da sua 43ª Assembléia Geral, sob o título Novas Formas de Crer, encomendada pela CNBB ao Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) – órgão criado em 1962, com apoio da CNBB, ela foi divulgada. De acordo com a socióloga do CERIS, Silvia Fernandes: “É a primeira pesquisa nacional que mapeia a mudança de religião e revela por que isso acontece” (CERIS, 2006).

Entre os motivos principais apontados para a troca de identidade religiosa estão: a discordância da doutrina, o convite de amigos e familiares e a falta de apoio da Instituição em momentos difíceis. Também é preocupante o índice dos que declararam não possuir religião

que está ao redor de 7,4%. A esse respeito, pronunciou-se o bispo de Tefé (AM), Dom Sérgio Eduardo Castriani, presidente da Comissão Episcopal para Ação Missionária e Cooperação Intereclesial:

Precisamos (a Igreja Católica), agora, formar uma equipe que examine esses dados. Não estamos ainda em condição de entender este fenômeno e sua complexidade. A pesquisa revela grande pluralismo religioso. Mas a indiferença religiosa preocupa. (CASTRIANI, 2005, p. 10).

Seria pertinente, aqui, lembrar as colocações de Aragão (2000, p. 11) do artigo “A Igreja na cidade pós-moderna”:

Agora, em um mundo “globalizado” pela informação e consumo padronizado pelos Estados Unidos, começa a desenhar-se uma cidade pós-moderna. Será que nossa Igreja está a fim mesmo de evangelizá-la (e evangelizar-se com isso)? E, porventura, tem condições de fazê-lo? (ARAGÃO, 2000, p.11).

A questão, portanto, é saber: como essa instituição religiosa está motivando adolescentes e jovens? O que lhe falta para isso? Continuando sobre o assunto diz ele:

Talvez o que falta à Igreja não seja uma metodologia ou um melhor conjunto de técnicas e equipamentos pastorais, mas antes uma maior consciência da fé evangélica – que brota de uma vivência mais intensa da boa notícia cristã (ARAGÃO, 2000, p.22).

Mais adiante ele vai continuar: a Igreja precisa visibilizar mais a comunhão que anseia para o mundo, através de estruturas mais democráticas de participação do Povo de Deus – principalmente das mulheres e dos jovens (ARAGÃO, 2000, p.28).

A partir desses questionamentos, também se faz necessário refletir sobre o adolescente que, em relação:

[...] À religiosidade pode manifestar-se como um ateu exacerbado ou como um místico fervoroso, experimentando uma variedade de posições religiosas e mudanças muito frequentes. É comum observar um mesmo adolescente passando por períodos místicos e por períodos de um ateísmo absoluto (CAMPOS, 1975, p.117).

Responder a essa juventude que busca “novo sentido de vida”, é enfrentar os desafios pós-modernos. Construir e reconstruir a prática fraterna e solidária entre católicos para uma vivência social e prazerosa da fé, principalmente de adolescentes e jovens, é questão prioritária eclesial.

Que adolescentes e jovens percebam na sua Igreja Católica, a sua Igreja de origem, aquela que lhe responda até hoje e ainda hoje às suas insatisfações.

Que adolescentes e jovens não precisem mudar de Igreja para religiosamente atingirem o ideal buscado.

A Mudança de Igreja, com os Mecanismos Psicossociais e Religiosos embaixadores dessa mudança entre Adolescentes e Jovens Católicos do Liceu/Unicap, terá continuidade nos próximos capítulos, com os resultados da Pesquisa de Campo e a posterior análise quantitativa e qualitativa dos dados adquiridos.

CAPÍTULO 4. - MECANISMOS PSICOSSOCIAIS E RELIGIOSOS DA MUDANÇA DE IGREJA ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS CATÓLICOS DO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS / UNICAP.

4.1 – AS CARACTERÍSTICAS DA CRISE RELIGIOSA DO ADOLESCENTE E JOVEM CATÓLICO DO LICEU.

Os adolescentes e jovens católicos do Liceu de Artes e Ofícios, em atendimento individual ou coletivo, no setor de Orientação Pastoral dessa escola, têm referido suas dificuldades de pertença à Igreja Católica em desabafos, angústias e desmotivações. Ao assumir pesquisar a Religião Católica no Liceu e a saída dos adolescentes e jovens católicos para outras denominações religiosas, procura-se mostrar a situação atual dessa clientela na sociedade e, em particular, como se sente na atual comunidade religiosa e, principalmente, visa-se descobrir os fatores da mudança da Igreja Católica para outras Igrejas ou comunidades de fé.

Conforme o relatório estatístico da pesquisa aplicada a dois grupos de estudantes do Liceu constando de 26 adolescentes, entre 14 e 17 anos e, de 20 jovens, entre 18 e 25 anos, de ambos os sexos, casados ou solteiros, são pertencentes aos cursos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio dessa escola. Esses enquanto grupos, quando católicos, participavam ativamente ou não da dinâmica da Igreja ou comunidade de fé.

A situação de pertença à Igreja Católica, segundo o relatório estatístico (cf. Apêndice A, p 125, gráfico 3.1.1.A) é a seguinte: em primeiro lugar, dos 46 estudantes pesquisados quanto à frequência à missa 24 (52,2%) responderam “sim, aos domingos” e 22 (47,8%) responderam “sim, de vez em quando”. Com relação à participação nos Sacramentos (Batismo, Confissão, Eucaristia, Crisma e Casamento) a resposta de maior frequência é de 19 (41,3 %) dos estudantes que recebiam os três Sacramentos (Batismo, Confissão e Eucaristia). Vale salientar que somente 1 (2,2 %) receberam todos os Sacramentos e 9 (19,6 %) só receberam o Batismo. Percebe-se aqui, que os adolescentes e jovens do Liceu, no tempo de preparação para o Sacramento da Crisma, ou seja, na idade dos 13 aos 15 anos, estão talvez se desmotivando na pertença à Igreja Católica. Constatou-se ainda, que dos 46 estudantes pesquisados, 27 (58,7 %) liam a Bíblia e 19 (41,3 %) não liam (cf Apêndice A, p.129, gráfico 3.1.2.B). Quanto à devoção a Maria e aos Santos, 25 (54,3 %) tinham devoção e 21 (45,7%)

não tinham essa devoção (cf. Apêndice A, p 131, gráfico 3.1.2.C). Registra-se, portanto, as práticas religiosas acima citadas para uma possível reflexão mais apurada, posteriormente assimilando uma contribuição pastoralista sobre a vivência religiosa do adolescente e do jovem.

Observa-se, em segundo lugar, ainda na situação de pertença à Igreja Católica, em relação a quem lhe agradava, os seguintes resultados: primeiro os grupos da Igreja, segundo as músicas e em terceiro as festas paroquiais, no percentual de 4 (8,7%). (cf. Apêndice A, p. 134, Tabela 3.1.3). E em relação ao que lhe desagradava na Igreja Católica, obteve-se as seguintes respostas: primeiro o padre e as normas; e em segundo o padre, as normas e os rituais. No percentual de 5 (10,9%) dos estudantes. (cf. Apêndice A, p. 136, Tabela 3.1.4).

No Serviço de Orientação Pastoral do Liceu de Artes e Ofícios é comum, na escuta informal, ouvir-se sobre rejeição às normas da Igreja Católica, principalmente, no que se refere “à proibição ao ato sexual antes do casamento”, “a não liberação do divórcio” e em relação ao “celibato dos padres”. Para os estudantes, os padres deveriam casar, principalmente “aqueles que quisessem”. No que se refere à rejeição aos padres, a crítica é: “eles são muito formais” [...] “não se abrem para os jovens” [...] “os padres velhos, implicam muito”. É evidente que também se escutam elogios sobre os padres, principalmente quando dizem: “graças a Deus, nem todos são assim” e “agora já estão chegando uns padres novos e de cabeça” [...].

Pontua-se, portanto, a grande responsabilidade da Igreja Católica para com a formação, capacitação e renovação dos agentes evangelizadores (leigos e clericais) e, o desafio que se apresenta para acompanhar essa juventude. Novas expressões da vivência do sagrado e de uma redescoberta da dimensão religiosa apontam uma nova realidade psicossocial e religiosa, principalmente para adolescentes e jovens. A Igreja Católica, através da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) revela uma preocupação com a evangelização da juventude “a Igreja não está começando do zero”. Percebe-se o interesse de buscar no seu caminho histórico o resgate das experiências acumuladas e assim aprender “com as conquistas e os erros do passado”. Certamente é no reconhecimento das mudanças e do novo que a ação evangelizadora, para a juventude atual, poderá acontecer, confirmando-se, portanto, “a necessidade de adequar as concepções e as práticas de evangelização para se relacionar com os jovens” (CNBB, 2006, p. 22).

Após essas informações sobre a situação dos adolescentes e jovens, do Liceu - quando pertencentes à Igreja católica - alvo de nossa pesquisa, passaremos à aludir à situação atual dessa clientela pesquisada, quanto à pertença à nova Igreja.

A nova Igreja ou comunidade de fé dos estudantes pesquisados, no grupo total dos 46 adolescentes e jovens, assim se destaca: Em primeiro lugar, 14 (30,4 %) pertencem à Igreja Batista. Em segundo lugar, 10 (21,7 %) pertencem os Centros Espíritas. Em terceiro lugar 4 (8,7 %) são pertencentes à Igreja Adventista do Sétimo Dia e, em quarto lugar, aparecem 3 (6,5 %) dos estudantes distribuídos igualmente na Assembléia de Deus, na Umbanda e na Wicca, perfazendo um total de 9 (19,5 %) estudantes. As outras denominações religiosas perfazem os 19,7 % dos entrevistados restantes (cf. Apêndice A, p.114, Tabela 08)..

Considerando a classificação de todas as Igrejas ou comunidade de fé como: Evangélica, Espírita, Umbanda, Wicca e Candomblé, o gráfico 15. A, ilustra que 29 (63,1%) dos estudantes pertencem à Igreja Evangélica, 10 (21,7%) pertencem a Espírita, 3 (6,5%) pertencem a Umbanda, 3 (6,5%) pertencem a Wicca e 1 (2,2%) ao Candomblé. Portanto, as Igrejas Evangélicas (1º lugar) e Espíritas (2º lugar) são as que têm mais fiéis.

Confirma-se, na amostra de 46 estudantes, a saída da Igreja Católica para outras Igrejas ou comunidades de fé, dos adolescentes e jovens do Liceu e, assim caracteriza-se a identidade e pertença religiosa desses grupos pesquisados que vivenciam, numa faixa etária de inquietudes e buscas diversas, a mudança de Igreja.

Ao diagnosticar essa clientela mudando de Igreja, confirma-se também o quanto ela ainda está influenciada “pelas emoções e sentimentos mas que seu pensamento está se libertando do concreto, se orientando para o futuro” (PIAGET apud LIBÓRIO 2005, p.63).

Em relação à distribuição dos grupos estudados, **quanto à frequência** da atual Igreja, é a seguinte: 1 (2,2%) frequenta a Igreja “todos os dias”, 15 (32,6%) freqüentam “uma vez por semana”, 6 (13,0%) freqüentam quinzenalmente e 24 (52,2%), portanto, a maioria responderam a opção “outra”, ou seja: ‘quando tenho vontade”, “na necessidade”, “quando alguém me chama”, “quando insistem”, etc.

É interessante comparar que a mesma proporção dos 24 (52,2%) dos estudantes que estão na opção “outra” nessa atual Igreja, também quando católicos, responderam à opção “aos domingos”, uma vez por semana. (cf Apêndice A, p.125, gráfico 3.1.1.A)

Na continuidade da pesquisa, percebe-se que sobre a **atuação** de cada um dos entrevistados, na sua atual Igreja, os 46 estudantes assim se sentiam: 15 (32,6%) são “simples atuantes” e igualmente 15 (32,6%) são “atuantes em grupos”; 6 (13,0%) estão “liderando grupos” e igualmente 6 (13,0%) responderam “outro”, enquanto que 4 (8,7%) não participam de nada. Destaca-se, portanto que, os maiores percentuais estão empatados: em 1º lugar “simples atuante” e “atuante em grupo” e em 2º lugar, também empatados, “liderando grupos” e à opção “outro” (cf Apêndice A p. 117, Gráfico 17).

Finalmente pode-se observar quanto à distribuição dos 46 estudantes, no que diz respeito ao **tempo que pertencem à atual Igreja** ou comunidade de fé, destaca-se que a maior frequência é 9 (19,5%) e indica duas situações no grupo total: na primeira situação 19,5% dos estudantes estão há 2 anos em sua Igreja. Na segunda situação, os 19,5% dos estudantes estão há 3 anos em sua atual Igreja. Em segundo lugar, 7 (15,2%) dos estudantes estão há um ano e, em terceiro lugar, 6 (13,0%) dos estudantes estão há 4 anos em sua atual Igreja ou comunidade de fé (cf Apêndice A p. 119, Tabela 13).

Ainda se observa que, do grupo total dos 46 estudantes: 8 (17,4%) estão em sua atual Igreja há menos de (1) um ano, 17 (36,9%) de 1 a 2 anos, 16 (34,8%) estão há mais de 2 e menos de 5 anos; e 5 (10,9%) de 6 a 12 anos estão em sua atual Igreja ou comunidade de fé (cf Apêndice A, p.120, Gráfico 18). Percebe-se assim, que a saída dos adolescentes e jovens católicos do Liceu para outras Igrejas ou comunidades de fé, deu-se desde os 2 meses até os 12 anos do tempo dessa clientela que, juntamente, perfaz a idade dos 14 aos 25 anos, na fase de instabilidade emocional, de buscas, de confusão de identidade. É justamente sobre a busca pelas Igrejas e aquelas outras Igrejas às quais esses adolescentes e jovens já pertenceram, que se observa o trânsito religioso acontecido nesses entrevistados, saindo da Igreja Católica e percorrendo às vezes, até 5 Igrejas diferentes para a atual pertença de Igreja ou comunidade de fé (cf Apêndice A p.124, Tabela 17).

Nesse transitar religioso, vivencia-se o fenômeno da “busca” e da “oferta”. Como afirma Libânio (2002), o “fenômeno religioso envolve um pulular de religiões que marcam presença na sociedade e na cultura”. Na busca de experiências religiosas e pelas possibilidades da oferta, os adolescentes e jovens fazem experiências novas numa vivência grupal de partilha afetiva de vida. Um dos grandes desafios para a realidade religiosa do jovem são as mudanças na sociedade. São novos enfoques e as novas propostas religiosas que atraem a juventude para as transformações profundas.

Também é interessante observar a distribuição dos 46 estudantes em relação à **Igreja ou Comunidade de fé dos pais ou responsáveis**. Nas seguintes respostas: 13 (28,3%) dos estudantes têm pai e mãe católicos; 6 (13,0%) dos estudantes têm pai e mãe evangélicos e também 6 (13,0%) dos estudantes têm pai católico e mãe evangélica; 5 (10,9%) dos estudantes têm pai e mãe espíritas; 4 (8,7%) dos estudantes têm mãe evangélica. Daí pode-se perceber também a diversidade religiosa dos pais ou responsáveis, que mereceriam um estudo mais minucioso para esclarecer a pertença religiosa de origem desses pais e a influência religiosa deles sobre seus filhos.

No próximo item aborda-se-ão os principais fatores Psicossociais que influenciaram os adolescentes e jovens do Liceu a mudarem de Igreja.

4.2 OS PRINCIPAIS MECANISMOS PSICOSSOCIAIS UTILIZADOS PELOS ADOLESCENTES E JOVENS DO LICEU

Os adolescentes e jovens, em geral, na Sociedade Moderna e Pós-Moderna, são tratados como vítimas e causadores de vários acontecimentos do dia-a-dia na dinâmica familiar e social, sejam positivos ou negativos. Tais acontecimentos evidenciam rupturas e mudanças comportamentais dos adolescentes e jovens eivados de preocupações, sentimentos de culpa, emoções, ações impulsivas, promiscuidades sexuais, violência, humor variado, etc. Tudo isso é resultante, sem dúvida, de transformações no processo de maturação do indivíduo.

Percebeu-se que os adolescentes e jovens do Liceu de Artes e Ofícios, ante os desafios da vida adolescente e juvenil, sentem necessidade de reorganizar valores diante da variedade de escolhas oferecidas, principalmente, no que diz respeito a um bom desenvolvimento comportamental, em especial no que concerne aos mecanismos psicossociais da pertença religiosa a uma Igreja. Essa pertença foi alimentada pelos símbolos, crenças, motivações e práticas religiosas outras que levaram o adolescente e o jovem à mudança de Igreja ou comunidade de fé.

Enquanto católicos, os adolescentes (dos 14 aos 17 anos) e os jovens (dos 18 aos 25 anos), com relação aos sentimentos de pertença à Igreja Católica, na questão 21.B, no item **relacionamento**, as respostas dos estudantes revelam uma maior frequência percentual 5 (10,9%) indicando que adolescentes e jovens se sentiam “livres”; em seguida 4 (8,7%) se sentiam “indiferentes e desvalorizados”. Na sequência houve uma frequência percentual comum (6,5%) a duas respostas assim discriminadas: 3 (6,5%) se sentiam “acolhidos, compreendidos e livres” e, 3 (6,5%) se sentiam “apoiados e livres” (Cf. Apêndice A, p. 140, Tabela 3.1.5.2).

É bom observar que o termo “livre” é comum nas respostas dos estudantes, indicando que a “tal liberdade”, tão almejada por eles nessa fase de transição, demonstra que eles (os estudantes) se sentiam soltos, não cobrados e não presos à Igreja Católica. Ambivalentemente também eles se sentem tanto “acolhidos e compreendidos” quanto

“indiferentes e desvalorizados”. É pertinente, portanto reafirmar a adolescência como “uma fase normal de crescente conflito, caracterizada por uma aparente flutuação da robustez do ego, assim como um alto potencial de crescimento” (ERICKSON, 1976, p.163). A juventude, no entanto, prolonga e socializa a adolescência, buscando novas oportunidades e grupos que vão “contribuir para o processo de formação de identidade” (Ibidem p.164).

No que concerne ao item **atuação social** (q.21C) desses estudantes (ainda católicos) os dados são os seguintes: dos 46 entrevistados, 6 (13,0%) responderam o termo “Outro” que corresponde à “não atuação social confirmando o sentir-se “livre” (solto) do item anterior. Em seguida está a frequência percentual comum (6,5%) a duas respostas: 3 (6,5%) dos estudantes se sentiam “tímidos” e 3 “não responsáveis por mudanças sociais” (cf. Apêndice A, p.142, Tabela 3.1.5.3). Percebe-se, portanto, a falta de motivação que esses adolescentes e jovens sentem para atuar nos movimentos sociais da Igreja Católica. Desmotivados, vão perdendo os seus valores humanos e cristãos tão necessários à luta e à busca por um mundo mais justo, mais fraterno e mais solidário. Precisa-se urgente de um maior despertar social de adolescentes e jovens numa Igreja teologicamente mais atuante e libertadora para que, no mundo, seja sinal e testemunha do amor e da missão evangelizadora, confirmando assim que “os jovens que são atingidos pela ação evangelizadora estão inseridos simultaneamente na sociedade e na Igreja” (CNBB, nº 93, 2006, p.22).

Nessa fase de carência, de orientação, de inquietação e de buscas, os adolescentes e jovens do Liceu confirmam que receberam influências outras que os fizeram mudar da Igreja Católica para outras Igrejas ou comunidades de fé. Na questão **quem lhe fez mudar de igreja** (q.22) dos 46 sujeitos entrevistados, os resultados são os seguintes:

Em primeiro lugar, o termo “Outro”, 8 (17,4%) apontava os seguintes dados: “eu mesmo(a); a madrinha; a evangelização; minha entrega; o Senhor Jesus; namorada; ideologia diferente; imposição da mãe; “escola; professores”.

Em segundo lugar, os termos “Amigos (as)” 4 (8,7%) e “Parentes e Amigos(as)” 4 (8,7%).

Em terceiro lugar, o termo “Mãe”, 3 (6,5%) (cf. Apêndice A, p. 147, Tabela 3.1.6.1).

Na questão **o que lhe fez mudar de Igreja**, (da Católica para a sua atual q.23), os resultados são os seguintes:

Em primeiro lugar, os termos “Convite e a beleza do culto”. 3 (6,5%).

Em segundo lugar, o percentual comum a 4 (4,3%) respostas assim distribuídas:

a) O termo “Outro” respondidos por 2 (4,3%): “a companhia da mãe”; “saudades dos guias”; “solidão”; “incentivo dos professores”.

b) Convite, busca de sentido para a vida e uma maior aproximação com Deus; 2 (4,3%).

c) Convite e discordância dos ensinamentos da Igreja; 2 (4,3%).

d) Beleza do culto, busca de sentido da vida, uma aproximação maior com Deus; 2 (4,3%); (cf. Apêndice A, p. 149, Tabela 3.1.6.2).

Conclui-se, portanto, que os principais mecanismos psicossociais da mudança de Igreja entre adolescentes e jovens católicos do Liceu tiveram as seguintes influências: de pessoas e instituições: amigos, parentes, mãe, madrinha, namorada, escola, professores, e também por decisão da própria pessoa, por ter uma ideologia diferente, pela entrega pessoal e a influência do próprio Senhor Jesus. Os mecanismos psicossociais tiveram também a influência de outros fatores que aceleraram a mudança de igreja: convite, beleza do culto, companhia da mãe, saudade dos guias, solidão, incentivo de professores, a busca de sentido para a vida, uma maior aproximação com Deus, a discordância dos ensinamentos da Igreja.

Finalmente, pode-se afirmar que a tomada de posição dos adolescentes e jovens do Liceu para saírem da Igreja Católica e assumir uma outra Igreja confirma a descoberta de novos saberes religiosos advindos dos estímulos externos, ou seja, ocorridos ao seu redor na busca da formação de sua identidade religiosa. É, portanto, uma “busca do significado e finalidade da vida; descoberta do seu eu e de seu lugar no mundo; independência do lar e estabelecimento de novas relações fora do grupo familiar” (CAMPOS, 1975, p.50).

Veremos a seguir os principais Mecanismos Religiosos que influenciaram os adolescentes e jovens do Liceu a mudarem de Igreja.

4.3 OS PRINCIPAIS MECANISMOS RELIGIOSOS UTILIZADOS PELOS ADOLESCENTES E JOVENS DO LICEU

É com a Modernidade e Pós-Modernidade que a grande problemática religiosa atinge e desafia “Igreja e Jovens” para um momento da transformação e de fortalecimento religioso. Aos adolescentes e jovens são apresentadas novas ofertas religiosas com características diferentes das tradicionais. Essa clientela católica (dos 14 aos 25 anos) busca respostas para a sua pertença religiosa, desafiando Igreja, Família e até a própria sociedade na descoberta de novos caminhos e rumos diferentes da sua fé de origem. Com o sentimento

religioso em crise e com a influência da grande mobilidade religiosa, com ofertas tentadoras, eles mudam de Igreja por diversos motivos.

Na amostra, foram diagnosticadas as razões pelas quais essa geração de adolescentes e jovens, vinda de um catolicismo tradicional e familiar, desmotivou-se com a Igreja Católica e mudou de Igreja. Percebe-se que alguns mecanismos religiosos utilizados por eles (abaixo citados), quando católicos, não levaram a um enfraquecimento religioso, pelo menos até entrar nessa fase de adolescência, mesmo que em algumas questões abordadas as insatisfações já aconteçam. Conforme já foi visto anteriormente, (capítulo 4.1), a falta de frequência à Missa, a não participação nos Sacramentos, a não leitura da Bíblia e a não devoção a Maria e aos santos são sintomas que levam, portanto, para a crise religiosa e mudança.

Com relação aos **sentimentos de pertença à Igreja Católica** (q. 21.A), no termo “culto”, aparecem os seguintes resultados: da amostra de 46 sujeitos, 4 (8,7) estudantes se sentiam “insatisfeitos(as) longe de Deus e inquietos(as)”; 4 (8,7) estudantes se sentiam “insatisfeitos(as) e inquietos(as)”, sentindo-se somente 3(6,5%) “serenos(as)” (cf. Apêndice A, p. 138, Tabela 3.1.5.1).

Ainda na questão 21, item D, em relação ao **ensinamento na Igreja Católica** eles assim se sentiam: na maior frequência percentual comum (6,5%) a duas respostas, 3 (6,5%) se sentiam “tementes a Deus” e 3(6,5%) inseguros de salvação. E no termo “Outro” 6(4,3%) aparecem os seguintes dados: sentem-se com fé, sabendo mais a bíblia devido à catequese, tementes a Deus e convictos(as). Diferentemente ainda sentiam-se não praticantes, duvidando das promessas, vazias, sem gostar do terço pois a repetição não agrada a Deus; inseguros(as) da salvação e não evangelizados(as) e não missionários(as), descrentes (cf. Apêndice A, p. 144, Tabela 3.1.5.4).

Percebe-se que há um processo de “desfiliação”, demonstrado pelos estudantes, “insegurança da salvação”, (afirmada por eles quando católicos), havendo necessidade como uma carência de firmeza doutrinal e catequética a esses adolescentes e jovens que, em crise religiosa, sentem falta de uma nova postura de Igreja. “Rever questões fundamentalistas da Escritura” e burilar os “ensinamentos morais e religiosos de uma tradição não refletida”, nem “articulada com a vida moderna”, esses são os mais importantes mecanismos religiosos que levam ao trânsito religioso, segundo Libânio (2004).

Ainda sobre o ensinamento da igreja (q. 21.E), no item **bem-estar pessoal na Igreja Católica**, os adolescentes e jovens entrevistados se sentiam: “perdidos(as) (10,9%), inseguros(as) e intranquilos” (10,9%), tranquilos (10,9%). Por outro lado, 3 (6,5%) estudantes

sentiam-se “em paz”, tranquilos(as) e seguros(as); e, 3 (6,5%) estudantes sentiam-se “em paz e tranquilos” (cf. Apêndice A, p.146, Tabela 3.1.5.5).

Vê-se, na ambigüidade das respostas, o quanto essa clientela analisada não percebe, não identifica e não direciona uma tradição familiar religiosa recebida, pois o seu bem-estar pessoal não condiz com os “antigos laços” vivenciados quando pequenos e hoje já não são “mais confortáveis como eram anteriormente” (PIERUCCI, 2004). Em síntese, os motivos religiosos principais revelados pelos sujeitos da amostra, na troca de identidade religiosa, são as seguintes: insatisfação, insegurança quanto à salvação, incerteza doutrinal e catequética, descrença, vazios na fé, etc.

Veremos a seguir como estão esses adolescentes e jovens do Liceu com a mudança e pertença à nova Igreja, ou seja, na sua nova caracterização Psicossocial e Religiosa.

4.4. A NOVA CARACTERIZAÇÃO PSICOSSOCIAL E RELIGIOSA DA MUDANÇA E PERTENÇA À NOVA IGREJA DOS ADOLESCENTES E JOVENS DO LICEU.

Ao enfrentar os desafios modernos e pós-modernos da busca de “novo sentido de vida”, adolescentes e jovens do Liceu transitam na pertença religiosa e mudam de Igreja. Essa mudança é percebida e assumida como uma nova caracterização Psicossocial e Religiosa em que essa clientela (dos 14 aos 25 anos) vivencia uma nova tradição religiosa e não mais aquela de sua Igreja de origem. Ao sair da Igreja Católica para outras Igrejas ou comunidade de fé, confirma-se que “a religião pode ser vista como um dos aspectos que compõem o mosaico da grande diversidade da juventude brasileira” (NOVAES, apud. ABRAMO; BRANCO, 2005).

Os dados dos entrevistados do Liceu de Artes e Ofícios, em relação à pertença à nova Igreja (comunidade de fé) estão assim distribuídos: 14 (30,4%) na Igreja Batista; 10 (21,7%) nos Centros Espíritas; 4 (8,7%) Adventista do Sétimo Dia e igualmente distribuídos: 3 (6,5%) na Assembléia de Deus, na Umbanda e na Wicca (cf Apêndice A, p. 114, Tabela 8).

Com a mudança e a nova pertença de Igreja, adolescentes e jovens confirmam quem lhes faz ficar nessa atual igreja, assim revelando: a maior freqüência percentual (56,5%) indica que 26 (56,5%) estudantes responderam “Eu mesmo(a)”; 4 (8,7%) estudantes responderam “Amigos e eu mesmo(a); e, 3 (6,5%) estudantes responderam “outros” (a tia

pastora, a comunhão com o Senhor Jesus, escola, Deus, coral, medo...), (cf apêndice A, p-tabela 3.1.6.3 e apêndice B, p. 151, questão 24).

Chama atenção para a quase nenhuma influência do item “Pais, Pai, Mãe”, apresentando-se assim, como pessoas não mais tão significativas para a permanência desses adolescentes e jovens (seus filhos(as)), numa Igreja. Para uma reflexão posterior, pergunta-se: Por que os pais (Pai ou Mãe) já não tem tanta influência na religião dessa clientela?

No entanto, na nossa pesquisa, a questão **a posição e as famílias em relação à Igreja do (a) filho (a)** (q. 29), ou seja, o fato de adolescentes e jovens pertencerem a essa Igreja atualmente, os resultados são os seguintes: dentre os 46 estudantes entrevistados, 25 (54,3%) disseram que os pais “apoiam”; 11 (23,9%) responderam “não interferem”; 8 (17,4%) responderam “não apoiam” e 2 (4,3%) responderam “não sabe”.

Conclui-se, portanto, que apesar de uma maior falta de incentivo na pertença à Igreja, a família ainda se faz presente, mesmo que nos chame a atenção o item “não sabe” (cf Apêndice A, p. 164, gráfico 4.2).

Em relação à questão: **o que você acha de sua atual Igreja** (q.14), as respostas dos estudantes pertencentes agora aos grupos evangélicos (63%); ao grupo dos espíritas (21,7%); aos grupos da Umbanda e Wicca (6,5%) e ao grupo do Candomblé (2,2%) (cf Apêndice A, p. 122, tabela 16), são as seguintes no que concerne à pertença e caracterização (Gráfico 15A):

	4 (13,8%) acham sua Igreja “aberta, alegre e espiritualizada”;
	3 (10,3%) acham sua Igreja moderna alegre, outro;
Evangélicos:	3 (10,3%) acham sua Igreja espiritualizada;
	3 (10,3%) acham sua Igreja conservadora (fechada)
	4 (40,0%) acham sua Igreja espiritualizada
Espíritas:	2 (20,0%) acham sua Igreja aberta, alegre, espiritualizada e outros.
	1 (33,3%) acham sua Igreja aberta, alegre, espiritualizada.
Adeptos (as) à Umbanda:	1 (33,3%) acham sua Igreja moderna, alegre, espiritualizada
	1 (33,4%) acham sua Igreja aberta.
Adeptos (as) à Wicca:	1 (33,3%) acham sua Igreja alegre.

1 (33,3%) acham sua Igreja alegre, conservadora (fechada) e outros.

1 (33,4%) acham sua Igreja alegre e conservadora (fechada).

Adeptos (as) ao 1 (100,0%) acham sua Igreja moderna, aberta, espiritualizada.

Candomblé:

Vê-se, portanto, nessa diversidade religiosa, que o termo “espiritualizada” tem destaque nessa nova caracterização de pertença religiosa, bem como os termos “alegre, aberta e moderna”. Reconhece-se assim, a função social da Igreja que deverá reunir e integrar os indivíduos de uma mesma comunidade. Ao se perceber a variedade dos grupos e denominações religiosas, com as funções acima aludidas, parece confirmar-se a linha funcionalista de Durkheim, caracterizada por enfatizar mais as funções sociais desenvolvidas pela religião do que suas doutrinas e o sentimento religioso. A religião é para ele a “matriz dos laços sociais” de qualquer sociedade (DURKHEIM, 1912, p. 203). A religião seria uma espécie de pré-condição da vida em sociedade em todas as épocas.

Nos dados estatísticos com relação aos **sentimentos**, (q. C), e quanto à atuação social na nova Igreja, as respostas indicaram que 3 (6,5%) estudantes responderam “espontâneo(a)”. A seguir, há o percentual (4,3%) comum a 10 respostas com as quais os estudantes enfatizam sentir-se na atuação social mais espontâneos, solidários, comprometidos, fraternos, generosos e tímidos.

Caberia ressaltar que, na amostra, os adolescentes e jovens do Liceu, caracterizam psicossocialmente sua nova Igreja como moderna e pós-moderna, com uma juventude que busca não só a sua espiritualização, mas principalmente a alegria, a abertura, a espontaneidade, a solidariedade, a fraternidade, a generosidade e, principalmente o comprometimento. Constatam-se assim, esses sentimentos tão necessários à religiosidade e pertença a uma igreja, onde a vivência da liberdade e dos valores expressam uma nova perspectiva de realização religiosa e de um pensar novo, mudando de formas tradicionais e institucionais. Os mecanismos psicossociais e religiosos utilizados pelos estudantes levam-nos à conquista de posições, de papéis e de funções importantes, que vão desde a adolescência até a sua vida adulta. É justamente nesse período de transição entre infância e vida adulta que a vivência religiosa do adolescente e jovem sofre crises na busca de uma identidade mais configurada. Conservar uma identidade estável, em que as opções pluralistas influenciam o sentido dos padrões, das ações e das experiências vão fazer parte dos desafios adolescentes e

juvenis. Apesar de uma identidade psicossocial ainda confusa, nesse período, na amostra dos 46 estudantes do Liceu, confirma-se o que afirmou Erickson: “o ego ativo e seletivo está no comando e capacitado para estar no comando [...]”. (ERICKSON, 1976); a pertença à nova Igreja aconteceu por causa de uma estrutura social que conferiu a um “grupo etário o lugar de que necessita e em que é necessitado” (Ibidem).

Aos adolescentes e jovens coube-lhes uma mudança e pertença à nova Igreja que lhes possibilita (mesmo que momentaneamente) um novo agir comportamental pela inserção deles, lenta ou apressadamente, no mundo adulto.

Quanto à nova caracterização religiosa da mudança e pertença ativa à nova Igreja dos adolescentes e jovens do Liceu, a distribuição se apresenta assim: 15 (32,6%) se dizem “simples atuantes”; 15 (32,6%) são “atuantes em grupos”; 6 (13,0%) estão “liderando grupos”; 6 (13%) responderam “outro” e 4 (8,7%) não participam de nada. Destaca-se, portanto, que “simples atuantes” e “atuantes em grupo” estão em 1º lugar; “liderando grupos” e “outro” em 2º lugar (cf Apêndice A, p. 117, gráfico 17).

A seguir, na questão 25 sobre **o que você mais gosta na atual Igreja** eles responderam: “culto, música e outro (medium, freqüentador, assistente, campanha do quilo, entidade, desbravador, gestor)”. Cinco (10,9%) dos entrevistados responderam que o que mais gosta na nova igreja seria: “culto, música, pregação missionária, amor á bíblia, acampamentos, eventos e trabalhos sociais na comunidade”.

Pode-se comparar que, quando católicos, o que mais lhes agradavam eram: os “grupos da Igreja, as músicas e as festas paroquiais”. Percebe-se uma semelhança “do antes” e “do depois”; na “música e nos eventos/festas”.

Ressalta-se o que é próprio da faixa etária dessa clientela, o gosto pela música e significação dos eventos/festas como atrativos religiosos de grandes motivações.

Com relação aos **sentimentos**, (q. 26. A), no item como se sente mais no **culto da atual Igreja**, assim foi evidenciado na amostra: a maior freqüência percentual (15,2%) revela que 7 (15,2%) estudantes responderam “animados(as), confiantes e fortalecidos(as). Em seguida, está o percentual comum (10,9%) a duas respostas: 5 (10,9%) estudantes se sentem “animados(as), confiantes, abençoados(as) e 5 (10,9%) “confiantes, fortalecidos(as), abençoados(as). Apresenta-se novamente um outro percentual comum (8,7%) a duas respostas: 4 (8,7%) estudantes se sentem “animados(as), fortalecidos(as), abençoados(as) e 4 (8,7%) se sentem “confiantes, fortalecidos(as), abençoados(as)” (cf Apêndice A, p. 155, tabela 3.1.7.1).

Ao comparar os sentimentos de pertença desses adolescentes e jovens do Liceu, em relação ao culto nas duas Igrejas, nota-se que:

- a) Quando católicos: “eram insatisfeitos (as), sentiam-se longe de Deus e inquietos (as)”.
- b) Na nova Igreja: “sentem-se animados (as), confiantes, fortalecidos (as), abençoados (as)”;

Pontua-se, portanto, a clareza das respostas, tanto do grupo quando católicos quanto do grupo não católicos que, “insatisfeitos (as) e inquietos (as)”, perderam o entusiasmo pela sua Igreja e, vindos de um catolicismo tradicional e familiar reacenderam a chama religiosa através dos mecanismos psicossociais e religiosos atendidos, fizeram experiência com outros grupos e satisfizeram sua dimensão pessoal de espiritualidade e de religiosidade. Esses dados parecem confirmar o que afirmou Durkheim sobre a experiência religiosa em que “o sentimento religioso é alimentado e reforçado pelos símbolos, crenças e práticas religiosas” (DURKHEIM, 1912, p. 203). Esses adolescentes e jovens buscam necessariamente renovação e não podem ser ofuscados pelas tradições e leis, pois devem visar sempre ao bem comum, acatado por todos.

Nos dados estatísticos da questão 26 D, quanto ao **ensinamento da atual Igreja**, os entrevistados assim se **sentiam**: a maior frequência percentual (19,6%) de resposta dos estudantes foi: “sentiam-se evangelizados (as), tementes a Deus e seguros (as) da salvação”. A seguir, está o percentual comum (6,5%) a 4 respostas: 3 (6,5%) estudantes se sentiam mais “evangelizados (as), missionários (as), convictos (as)”;

3 (6,5%) “evangelizados(as) e convictos (as)”;

3 (6,5%) “evangelizados (as)” e 3 (6,5%) “convictos(as)” (cf. Apêndice A, p. 160, Tabela 3.1.7.4).

Percebe-se, portanto, a “certeza religiosa” como fonte principal dessas respostas, tendo em vista que eles se sentem mais evangelizados (as), convictos (as), missionários (as), tementes a Deus e seguros (as) da salvação. Se esses valores são indispensáveis ao bom cristão, pode-se dizer que essa clientela vivencia uma experiência religiosa das mais felizes na história da fé. O “temor a Deus” é destaque, como um dos valores religiosos no ensinamento atual Igreja, confirmando a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira (2004)”, que traz como destaque o “temor a Deus” como um dos “valores mais importantes para uma sociedade ideal”, como resposta de um número significativo de jovens (NOVAES *apud* ABRAMO; BRANCO, 2005, p. 264).

Assim, mereceria uma reflexão posterior sobre o assunto e “amadurecer” mais a pergunta: se adolescentes e jovens têm o “temor a Deus” como valor preponderante, por que tantos, nessa faixa etária, vivenciam e participam de momentos tão negativos como violências, drogas, prostituição, etc?

Ainda com relação aos **sentimentos** (a q. 26 E) no que diz respeito ao **bem-estar pessoal**, na atual Igreja, os estudantes assim se posicionaram: a maior frequência percentual (14,4%) apresenta 8 (17,4%) que se sentem “em paz, amados(as) por Jesus e tranqüilos(as)”; 7 (15,2%) se sentem “em paz, amados(as) por Jesus e seguros(as); 5 (10,9%) responderam “em paz, tranqüilos(as) e seguro(as); e, 3 (6,5%) se sentem mais “em paz e tranqüilos(as) (cf. Apêndice A, p. 162, tabela 3.1.7.5).

Ao comparar os sentimentos de pertença religiosa dessa clientela quando católicos, e hoje, na atual igreja, em relação ao seu bem-estar pessoal, os dados são os seguintes:

a) Quando católicos: “perdidos (as), inseguros (as), intranqüilos (as)”, e também “tranqüilos (as), em paz e seguros (as).”

b) Na atual igreja: “em paz, amados (as) por Jesus, tranqüilos (as) e seguros(as)”.

No confronto das respostas em destaque, percebe-se a confusão dos católicos com sentimentos (negativos e positivos), quanto ao bem-estar pessoal, denotando mais incerteza do que certeza religiosa. No entanto, com os outros estudantes de denominações religiosas diversas (não mais católicos) é demonstrado “seriamente” o bem-estar pessoal, a certeza religiosa, mesmo que sugeriram outras atividades eclesiais desejadas como necessárias de serem realizadas: “ainda faltam muitas coisas para suas igrejas fazerem”.

Os anseios estão assim caracterizados: 12 (26,1%) desejam “motivações litúrgico-pastorais”; 11 (23,9%) desejam “orientações políticas”; 6 (13,0%) desejam “encontros de jovens” e 5 (10,0%) desejam trabalhos missionários (cf. apêndice A, p. 163, gráfico 3.1.8).

Nota-se o interesse e a disposição desses adolescentes e jovens que, mesmo sentindo-se “cheios de satisfações”, buscam novidades, interessam-se pelo diferente e registram o sentimento de cidadania.

Constata-se ainda, no relato desses adolescente e jovens do Liceu, o “sonho” tão necessário à esperança de uma vida de qualidade cuja influência religiosa deve ter seu papel prioritário na busca pessoal de maior felicidade num encontro cristão de umas com as outras e consigo mesmo.

Ao indagar-se, na questão 28, **qual a Igreja ideal para Adolescente e Jovens**, eles assim o dizem: aquela que é “decente, atraente, livre, acolhedora, jovial, espiritualizada e fundamentada biblicamente” (cf. apêndice A, p. 164, gráfico 4.1).

No posicionamento e percepção religiosa ainda não são amadurecidos e bastante esperançosos, essa clientela já apresenta uma dimensão religiosa coerente, quando na questão 30 sobre o “**diálogo entre as religiões**” demonstra um sentimento inovador de perspectivas teológicas avançadas, respondendo, nas duas maiores frequências percentuais: 15 (32,6%) estudantes acham que o diálogo entre as religiões seria “legal (bom)” e 13 (28,3%) “importante” (cf. apêndice A, p. 165, gráfico 4.3).

Portanto, tem-se uma amostra “além das expectativas”, vivenciando - nessa faixa etária a flexibilidade, a instabilidade e inclinações próprias de sua fase de desenvolvimento global - os mecanismos (ações) psicossociais e religiosos provocadores de mudanças na identidade e pertença religiosa. Essa adesão religiosa é uma realidade que se situa dentro do seu horizonte, ou seja, nas fases da mudança, isto é, no seu desenvolvimento psicossocial e religioso. Confirmam-se assim como afirmou Piaget, que “as aquisições afetivas fundamentais da adolescência são paralelas as suas aquisições intelectuais”. (PIAGET, 1976, p. 260). Isso se constatou pela pesada carga de justificativa racional e afetiva para sua mudança e pertença à nova Igreja que o realiza como adolescente e jovem.

Ainda pode-se acrescentar sobre a postura da amostra dos 46 sujeitos entrevistados do Liceu que, como adultos jovens necessitam ter compromissos pessoais profundos com os outros. A capacidade para adquirir uma identidade bem configurada, compreender a sua singularidade, o seu papel no mundo vai depender das virtudes fundamentais que surgem na crise de identidade que são a fidelidade e a lealdade aos seus amigos, companheiros, tipos de valores, uma ideologia ou uma religião. A identidade construída ao longo da vida com as mudanças pessoais, interagindo com os novos valores significativos para uma vida em sociedade, vai definir também nos novos saberes religiosos, questionados ou não da pertença religiosa. Com as novidades que livremente lhes chegam, adolescentes e jovens buscam argumentos para suas próprias revisões e certezas, argumentos esses próprios da idade e que respondem às suas tomadas de posição entre um credo e outro. No amadurecimento para atingir a fase adulta, deixa-se um pouco de lado os familiares e, aos poucos, vai acontecendo a identificação com outros grupos. Criam-se assim, situações com novos valores religiosos e novos comportamentos pessoais ou coletivos, nos quais a religião e a religiosidade vão transparecer uma completa realização transcendental.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao caracterizar a crise religiosa do adolescente e jovem católico do Liceu que, desmotivado em sua pertença à Igreja Católica, muda de Igreja, pode-se avançar na compreensão da complexa realidade que envolve o sentimento religioso dessa clientela que se encontra na faixa etária dos 14 aos 25 anos.

A análise qualitativa dos mecanismos psicossociais e religiosos que levam adolescentes e jovens a mudarem de Igreja, baseou-se bibliograficamente nos seguintes temas: Mecanismos Psicossociais e Religiosos; Mudança de Igreja; Adolescência e Juventude; Identidade e Pluralismo religioso; Modernidade e Cristianismo e Diálogo – Inter-religioso .

Pelos estudos realizados para o processo de construção de propostas viáveis e consistentes, no âmbito do fenômeno religioso, procurou-se conhecer as realidades e as questões práticas sobre a mudança de Igreja e nova pertença religiosa dos adolescentes e dos jovens do Liceu / Unicap. Buscando novas informações sobre a opinião e vivência religiosa desses grupos (adolescentes e jovens), compreendeu-se suas experiências com o sagrado, na fase de instabilidade emocional e plenitude cognitiva em que vivem.

Pela diversidade das respostas dos entrevistados e o conjunto de perspectivas por eles apresentado na dimensão religiosa, percebem-se novos aspectos no caminhar do amadurecimento religioso em que o trânsito religioso lhes permite confirmações ou negações a respeito de suas procuras de religiosidade.

Nas reflexões, problematizações e revelações analisadas, nota-se a necessidade de uma devida atenção dos educadores, formadores e demais interessados, pois, não foi pretensão esgotar a análise e o debate, tendo em vista que muitas variantes precisam estabelecer-se como fonte de interesse e de interpretações.

Há uma grande importância de se ressaltar a sociedade em que estão inseridos os grupos estudados em que o espaço informativo religioso deva fazer parte da busca e necessidade deles para suas experiências de vida. É uma nova religiosidade que essa clientela experimenta, mas a pertença a uma Igreja revela o elemento importante de um desejo de mudança.

Pessoas e Instituições ainda são as grandes influenciadoras para a identidade religiosa de adolescentes e jovens. O fortalecimento religioso é desafiado pela grande mobilidade religiosa e ofertas tentadoras. A insegurança, incerteza, insatisfação motivam a crise religiosa e uma nova caracterização Psicossocial e Religiosa dos adolescentes e jovens.

A posição da família e o acompanhamento dessa fase de instabilidade humana ainda se faz muito necessária ao sentimento religioso e ao novo agir comportamental no mundo do adulto.

Na “clareza das respostas” e nas “certezas religiosas” demonstradas pelos adolescentes e jovens pesquisados, vislumbra-se um novo pensar com perspectivas teológicas institucionais, com mais revisões cuidadosas e novos posicionamentos. A partir desses dados, pode-se refletir sobre possíveis estratégias psicossociais e religiosas que ajudem adolescentes e jovens à uma vivência religiosa mais realizadora e estável.

CONCLUSÃO

A “mudança da Igreja” é um tema atual que gera discussões e expectativas na religiosidade brasileira. Pesquisar os aspectos dessa mudança, entre adolescentes e jovens do Liceu de Artes e Ofícios / Unicap, significa ter uma área para despertar questionamentos e aprofundar conhecimentos.

Apesar de o assunto “mudar de Igreja” apresentar-se novo no Brasil, o interesse sobre ele e o reflexo disto, como fenômeno religioso, trouxe uma relevante contribuição ao crescimento pessoal que tivemos como educadora de adolescentes e jovens. Como Orientadora Religiosa vimos nesse fenômeno religioso da modernidade (a mudança de Igreja), um dos grandes desafios no processo de construção e diversificação da identidade religiosa.

Constata-se que a amostra utilizada de 46 sujeitos aponta para a necessidade de rever conceitos, aprimorar valores, ficar atento à crise de pertença religiosa adolescente e juvenil, tanto no campo da atuação e da prática pastoral como no familiar e escolar.

O tema da “mudança de Igreja”, feito neste estudo, foi a saída da Igreja Católica para outras Igrejas ou comunidades de fé dos adolescentes (14 e 17 anos); e jovens (18 a 25 anos) do Liceu / Unicap, onde foram identificados e analisados os mecanismos psicossociais e religiosos determinantes da mudança de Igreja desses estudantes, com suas dificuldades e suas perspectivas, relacionadas à pertença da Igreja Católica e à situação atual de nova pertença religiosa dos dois grupos que vivem o “trânsito e pluralismo” religioso, gerando uma nova identidade religiosa, com suas novas características.

Os resultados da investigação entre os adolescentes e jovens são os seguintes:

I – Situação da pertença nas Igrejas ou comunidades de fé.

Situação dos adolescentes e jovens quando católicos:

Modo de Participação:

Freqüência à Missa, aos Domingos 24 (52,2%), e de vez em quando 22 (47,8%).

Recepção dos Sacramentos: Batismo, Confissão e Eucaristia 19 (41,3%),

Leitura da Bíblia: 19 (41,3%).

Devoção à Maria e aos Santos: 25 (54,3%).

Fatores agradáveis na Igreja Católica: Grupos, Músicas, Festas Paroquiais.

Fatores desagradáveis na pertença católica: Padre, Normas, Rituais.

Sentimentos na pertença católica:

No Culto: Insatisfeitos (as), Longe de Deus, Inquietos (as), Serenos (as)

No Relacionamento: Livres, Indiferentes, Desvalorizados (as), Acolhidos (as), Compreendidos (as), Apoiados (as).

Na Atuação Social: Não atuantes, Tímidos (as), Não responsáveis por mudanças sociais.

No Ensino: Tementes a Deus, Inseguros (as) da Salvação, com Fé, Sabendo mais a Bíblia devido à catequese, Convictos (as), Não praticantes, Duvidando das promessas, Vazios (as), Sem gostar do Terço, Não Evangelizados (as), Não Missionários (as), Descrentes.

No Bem - Estar pessoal: Perdidos (as), Inseguros (as), Intranqüilos (as), em paz.

Situação dos adolescentes e jovens na nova Fase.

Igreja da nova pertença: Evangélicas 29 (63,1%); Centros Espíritas 10 (21,7%); Umbanda 3 (6,5%); Wicca 3 (6,5%); Candomblé 1 (22%).

Modo de Participação: Simples atuantes 15 (32,6%), Atuantes em grupos 15 (32,6%), Liderando grupos 6 (13,0%).

Frequência: “todos os dias” 1 (2,2%), “uma vez por semana” 15 (32,6%), “quinzenalmente” 6 (13,0%) e “outra” 24 (52,2%).

Percepção da Nova Igreja

Nas Igrejas Evangélicas (Batista, Adventista, Assembléia, Renascer, Presbiteriana, Rompendo em fé, Ministério Apostólico Bíblico da Graça, Missão Evangélica, Pentecostal do Brasil, Evangelho Quadrangular, Amor em evolução):

Igreja Aberta, Alegre, Espiritualizada, Moderna, conservadora.

Nos Centros Espíritas:

Igreja Espiritualizada, Aberta, Alegre.

Na Umbanda:

Igreja Aberta, Alegre, Espiritualizada, Moderna.

Na Wicca:

Igreja Alegre, Conservadora fechada.

No Candomblé:

Moderna, Aberta, Espiritualizada.

Fatores agradáveis na nova Igreja: Culto, Música, Pregação Missionária, Amor à Bíblia, Acampamentos, Eventos, Trabalhos Sociais Médiun, Freqüentador, Assistente, Campanha do quilo, Entidade, Desbravador, Gestor.

Sentimentos na pertença às novas Igrejas

No Culto: Animados (as), Confiantes, Fortalecidos (as), Abençoados (as).

No Relacionamento: Acolhidos (as), Apoiados (as), Compreendidos (as), Livres.

Na atuação social: Espontâneos (as), Solidários (as), Comprometidos (as), Fraternos (as), Generosos (as), Tímidos (as).

No Ensino: Evangelizados (as), Tementes a Deus, Seguros (as) da Salvação, Missionários (as), Convictos (as).

No Bem Estar Pessoal: Em paz, Amados (as) por Jesus, Tranqüilos (as), Seguros (as).

Situação da Igreja dos Pais

Pai e Mãe Católicos: 13 (28,3%)

Pai e Mãe Evangélicos: 6 (13,0%)

Pai Católico e Mãe Evangélica: 6 (13,0%)

Pai e Mãe Espíritas: 5 (10,9%)

Outros: Pai sem religião e Mãe Espírita, Pai sem religião e Mãe Evangélica, Pai Católico e Mãe Espírita, Pai Espírita e Mãe Católica, Pai Evangélico e Mãe Católica, Pai Espírita e Mãe sem religião, Mãe Católica, Avó e Tia Católicas, Mãe Evangélica: 16 (34,8%).

A posição das famílias sobre a atual Igreja dos (as) filhos (as):

Apóiam: 25 (54,3%).

Não Interferem: 11 (23,9%).

Não Apóiam: 8 (17,4%).

Não Sabem: 2 (4,3%).

II – Mudança de Igreja.

Os Mecanismos Psicossociais que levaram Adolescentes e Jovens Católicos do Liceu / Unicap a mudarem de Igreja.

Pessoas e causas da mudança de Igreja:

Eu mesmo (a); a Madrinha; a Evangelização; minha Entrega; o Senhor Jesus; a Namorada; Ideologia diferente; Imposição da Mãe; Escola; Professores; Amigos (as); Parentes.

Fatores da mudança de Igreja: Convite; Beleza do Culto; a Companhia da Mãe; Saudades dos Guias; Solidão; Incentivo dos Professores; Busca de sentido para a vida; Uma maior aproximação com Deus; Discordância dos ensinamentos da Igreja.

Os Mecanismos Religiosos que levaram Adolescentes e Jovens Católicos do Liceu / Unicap a mudarem de Igreja:

Os sentimentos da mudança de Igreja:

Insatisfação; Insegurança quanto à Salvação; Incerteza doutrinal e catequética; Descrença Vazios(as) na fé.

Fatores para a permanência na nova Igreja:

Eu mesmo (a); Amigos; a tia Pastora; a comunhão com o Senhor Jesus; a Escola; Deus; o Coral; o medo.

Conclui-se, portanto, que a Modernidade, Pós-Modernidade e as crises de paradigmas atingiram instituições religiosas e fiéis; dentre esses fiéis, os adolescentes e jovens são partícipes das mudanças, tanto devido às fases comportamentais de suas faixa etárias de desenvolvimento, quanto devido ao mundo religioso plural em que vivem, eivados de “ofertas” tentadoras e encantadoras.

No que diz respeito à Igreja Católica, às causas de desfiliação a esta instituição e ao abandono da tradição religiosa familiar por parte dos adolescentes e jovens do Liceu / Unicap e sua conseqüente filiação às novas Igrejas confirma-se a hipótese de que convites, eventos, contatos, escola, professores e amigos são, portanto, no grupo e pares as principais causas do trânsito religioso mudança religiosa, além de outros fatores como: culto, música, pregação, etc.

Os resultados da Pesquisa de Campo, rica e complexa, tornam-se preciosos aos pertencimentos confessionais e, em especial à Igreja Católica, por permitirem possibilidades de reflexões e mudanças no que diz respeito “a velhos e novos fundamentalismos” dogmáticos e falta de inovações da Igreja de primeira pertença. Um novo processo de formação expressiva de uma linguagem e ação religiosa mais atual e direcionada aos adolescentes e jovens se faz urgentemente necessário.

Os dados coletados serão transferidos, através de articulações internas e externas do Liceu / Unicap, por meio de folders, seminários, artigos, palestras para instituições e grupos outros que se interessem pela pesquisa. Aos sistemas de comunicação das Igrejas Cristãs os resultados dessa pesquisa são disponibilizados, especialmente às Instituições de formação religiosa ligadas à educação dos adolescentes e jovens, que desejem receber essa pequena análise crítica dos Mecanismos Psicossociais e Religiosos da Mudança de Igreja entre Adolescentes e Jovens Católicos do Liceu / Unicap.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1980.

ABRAMO, H. W; BRANCO, P.P.M. **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Prol Editora gráfica, 2005.

ALAIZ, A. **O valor da amizade**. São Paulo: Paulinas, 1986 (Coleção mensagens).

ANTONIAZZI, A. **Porque o panorama religioso no Brasil mudou tanto?** São Paulo: Paulus, 2004.

ARAGÃO, G.S. A Igreja na cidade pós-moderna. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**, vol. 2, p. 1 – 28, Recife: FASA, 2002.

AURÉLIO. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira AS, 1977.

AZEVEDO, F. Unicap: subsídios para a sua história. **Revista Symposium**. Recife, v. 18, n. 2, p. 5-25, 1976.

CABRAL, A. e NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo, Cultrix. MCMLXXIX.

CAMARGO, C. P. F. **Católicos, Protestantes e Espíritas**. Petrópolis, Vozes, 1973.

CAMPOS, D. M. da S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. Petrópolis; Vozes, 1975.

CASTRIANI, D.S.E. **25% da população mudou de religião**. J. b on line. Acesso em 11/08/2005.

CERIS – Centro de Estatística Religiosa e Investigações sociais. **Mobilidade religiosa no Brasil – 2005**. Disponível em:< <http://www.ceris.org.br>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2006.

CIOTTI, P.; DIANA, M. **Psicologia e religione – Modelli problemi prospettive**. Bologna: Grafiche Deoniane, 2005.

CROCOLI, F. A. A Espiritualidade como projeto de vida. **Revista Pastoral da Juventude a Caminho**. São Paulo, v. 3, n. 97, p.18-61, 2006.

DADOS DE RELIGIÃO. **Censo Demográfico 2000**. Religião IBGE. Disponível em <<http://www2.ceris.org.br/estatística/religioibge>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2006.

DHAVAMONY, M. Religião. In: **Dicionário de Teologia Fundamental**. São Paulo: Aparecida, 1994.

DORIN, E. **Dicionário de Psicologia**. Melhoramentos, 1978.

DORON R. e PAROT, F. **Dictionnaire de Psychologie**. Paris. PUF, 1991.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

EICHER, P. **Dicionário Conceitos Fundamentais de Teologia**. São Paulo: Paulus, 1993.

ERIKSON, E. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

ESTUDOS DA CNBB. **Documento 45**. Leigos e participação da Igreja. São Paulo: Paulus, 1986.

_____. **Documento 93**. Evangelização da Juventude – desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulus, 2006.

FERNANDES, S. **25% da População mudou de Religião**. J.b. On Line. Acesso em: 11 de agosto de 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. Parte III Entrevistas – A construção da escola democrática na rede pública de ensino. São Paulo: UNESP, 2001.

FRIES, H. **Dicionário de teologia: conceitos fundamentais da teologia atual**. São Paulo: Loyola, 1970.

GOURLART, J. B. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 21 ed. Ver. Petrópolis: Vozes, 2005, p.184.

HOLANDA, B. **Novo dicionário da língua portuguesa**. RJ: Nova Fronteira, 1986.

KLOPPENBURG, F. B. OFM – **Compêndio do vaticano II – Constituições Decretos declarações**. São Paulo: VOZES, Introdução Geral aos Documentos do Concílio, 1979.

LIBÂNIO, J. B. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações sócio-culturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **As Lógicas da Cidade – o impacto sobre a fé e sobre o impacto da fé**. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

LIBÓRIO, L. A. **A existência humana e a dimensão psíco-religioso**. Recife, 2005. Mimeo.

LOIOLA, M. **Os jovens hoje e em 2015**. Disponível em: <<http://arruda.rits.org.br/notitia1/servlet>>. Acesso em 29 de outubro de 2005.

MACKENZIE, J. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983.

MARTELLI, S. A religião. In: **Dicionário de teologia Fundamental**. Aparecida: São Paulo, 1994.

MARTINO, L. M. S. e SOUZA, B. M. de. **Sociologia da Religião e Mudança Social – católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**, São Paulo: Paulus, 2004.

MOTA, A. **Transformação cultural na 2ª modernidade e a experiência religiosa cristã juvenil**. Recife: 2003. Mimeo.

_____. **A visão juvenil latino-americana do mundo**. Recife: 2005. Mimeo.

_____. **Contextos sócio-cultural-religioso, econômico e político da crise da modernidade pós-moderna: uma síntese do pensamento de Edgar Morin**. Recife: 2004. Mimeo.

NOVAES, R. **Os jovens “sem religião”**: ventos secularizantes, “espíritos de época” e novos sincretismos – notas preliminares. Estudos Avançados. São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.

PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.

PIAGET, J; INHELDER, B. **Da lógica da criança à lógica do adolescente**: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais. Trad.de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1976.

PIERUCCI, A. F. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. (Org.). **Sociologia da religião e mudança social**. São Paulo: Paulus, 2004.

PIMENTEL, R. **Liceu de Artes e Ofícios**. Recife, 2006, Mimeo.

PINTO, A.V. **Sete lições sobre educação de adultos**: introdução e entrevista de Demerval Saviani e Betty Antunes de Oliveira. Versão final pelo autor. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1985 (coleção Educação Contemporânea).

ROSA, M. **Psicologia Evolutiva – Volume III – Psicologia da Adolescência**. Rio de Janeiro, 1985.

SOUZA, B. M; MARTINO, L.MS. (orgs). Prefácio. In CAMARGO, C. P. F: **Sociologia da religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

APÊNDICE A - RELATÓRIO ESTATÍSTICO DA PESQUISA.

OBJETIVOS:

Geral:

Identificar e analisar os mecanismos psicossociais e religiosos que levam adolescente e jovens a mudarem de Igreja.

Específicos:

- Elencar os mecanismos psicossociais e religiosos da amostra escolhida;
- Caracterizar a identidade religiosa dos grupos pesquisados;
- Detectar a inquietude de adolescentes e jovens na busca de mudança de Igreja;
- Entender a experiência religiosa do sagrado entre adolescentes e jovens;
- Constatar vivência religiosa e familiar dos membros da amostra;

• METODOLOGIA ESTATÍSTICA:

Nas análises estatísticas foram utilizadas técnicas de Estatística Descritiva tais como: Média, Moda, Desvio Padrão, Percentuais, Distribuições de frequências e Gráficos. Além disso, foram utilizadas técnicas de inferência estatística (a um nível de significância de 5%) através dos testes: Shapiro-Wilk, Levene, Mann-Whitney, Quiquadrado de homogeneidade de Pearson, Exato de Fisher e Razão de verossimilhança e a porcentagem.

Os testes de Shapiro-Wilk (para a verificação de distribuição normal) e de Levene (para a verificação de homogeneidade de variâncias entre grupos) foram usados para auxiliar na seleção dos testes estatísticos a serem usados nas Tabelas 14 e 15.

Para essas duas Tabelas, o teste de Shapiro-Wilk indicou que as duas amostras não são normalmente distribuídas, mas que não existe diferença significativa entre as

variâncias dos dois grupos envolvidos (Masculino e Feminino ou Adolescente e Jovem) indicando que o teste não-paramétrico de Mann-Whitney é o mais indicado (em comparação com o teste t-Student) e pode ser usado como um teste de comparação entre duas médias.

Nas demais situações (Tabelas: 10, 11, 12, 3.1.1.A, 3.1.1.B, 3.1.2.A, 3.1.2.B, 3.1.2.C, 3.1.2.D, 3.1.2.E, 3.1.2.F) foram utilizados o teste exato de Fisher, quando haviam frequências esperadas menores que 5, ou os testes: Quiquadrado de Pearson e da Razão de verossimilhança, quando todas as frequências esperadas são maiores que 5.

Os dados foram analisados através do Software de estatística SPSS (Statistical Package of the Social Sciences) na versão 13. Os gráficos foram feitos no software EXEL 97.

RESULTADOS:

- **Caracterização da amostra:**

1. Perfil Sociodemográfico / Familiar

1.1- Gênero, Idade, Estado Civil e Escolaridade:

Os dois grupos de estudantes selecionados, são compostos da seguinte forma: Um grupo de 26 adolescentes (entre 14 e 17 anos) e outro de 20 jovens (entre 18 e 25 anos). O gráfico 1 ilustra que os 26 adolescentes representam 56,5% do total nos dois grupos e que os 20 jovens representam 43,5% do total nos dois grupos. Além disso, o gráfico 2 ilustra que no grupo total dos 46 estudantes 14 (30,4%) são do sexo masculino e 32 (69,6%) são do sexo feminino.

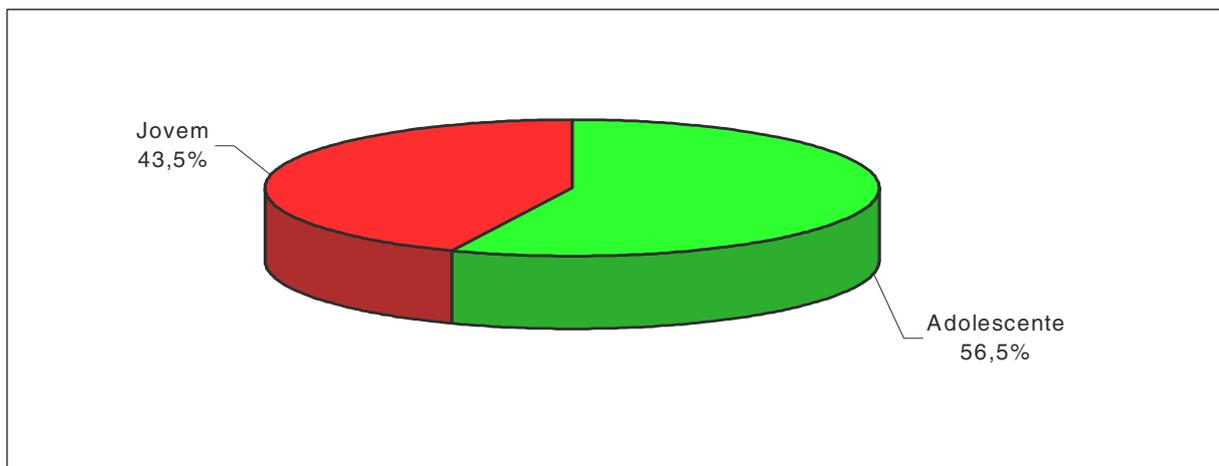


Gráfico 01 – Distribuição dos 46 estudantes por grupo.

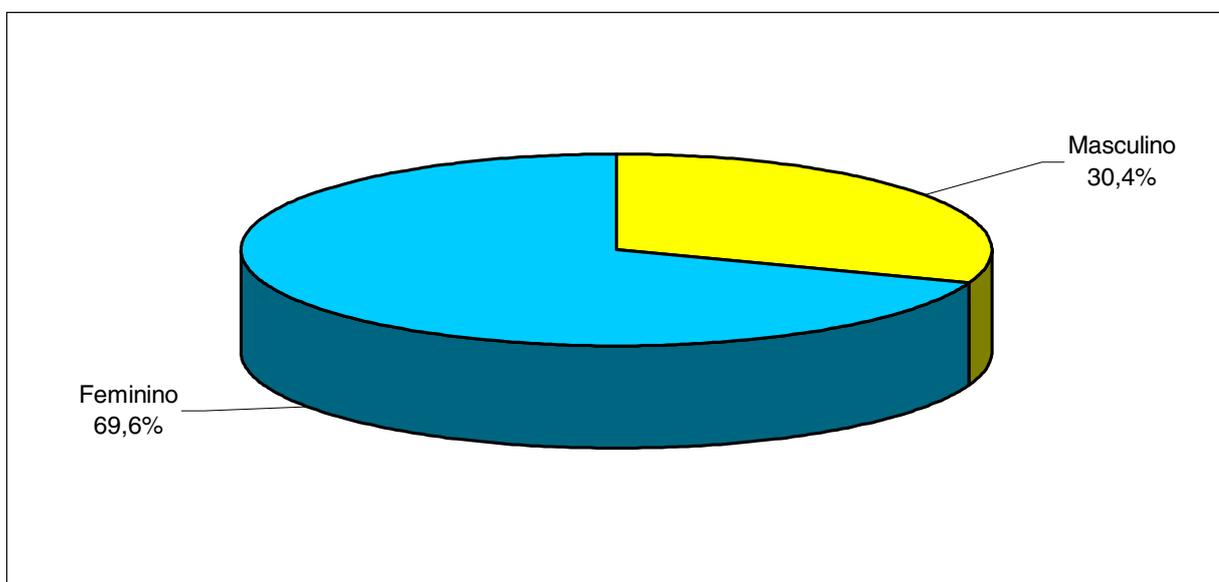


Gráfico 02 – Distribuição dos 46 estudantes por gênero.

O gráfico 3 ilustra que no grupo de adolescentes 5 (19,2%) são do sexo masculino e 21 (80,8%) são do sexo feminino, enquanto que no grupo de jovens, 9 (45,0%) são do sexo masculino e 11 (55,0%) são do sexo feminino.

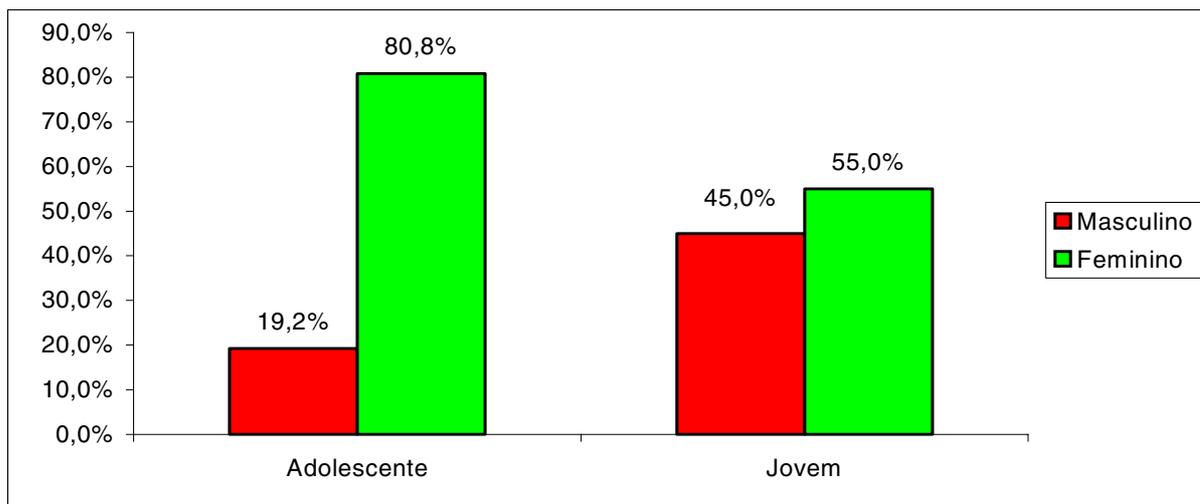


Gráfico 03 – Distribuição dos 46 estudantes por grupo e por gênero.

Observa-se da Tabela 1, que no grupo de adolescentes, tanto os 5 do sexo masculino quanto os 21 do sexo feminino são solteiros. Por outro lado, no grupo dos 20 jovens observa-se que dentre os 9 do sexo masculino todos (100%) são solteiros e dentre as 11 estudantes do sexo feminino 10 (90,9%) são solteiras e apenas 1 (9,1%) é casada.

Tabela 01 – Distribuição dos 46 estudantes por grupo e por gêneros em relação ao estado civil.

Grupo	Gênero	Estado Civil	Frequência	Frequência %
Adolescente	Masculino	Solteiro	5	100,0%
		Casado	0	0,0%
		Total	5	
	Feminino	Solteiro	21	100,0%
		Casado	0	0,0%
		Total	21	
Jovens	Masculino	Solteiro	9	100,0%
		Casado	0	0,0%
		Total	9	
	Feminino	Solteiro	10	90,9%
		Casado	1	9,1%
		Total	11	

O gráfico 4 ilustra que no grupo dos 26 adolescentes 6 (23,1%) pertencem ao ensino fundamental e 20 (76,9%) pertencem ao ensino médio.

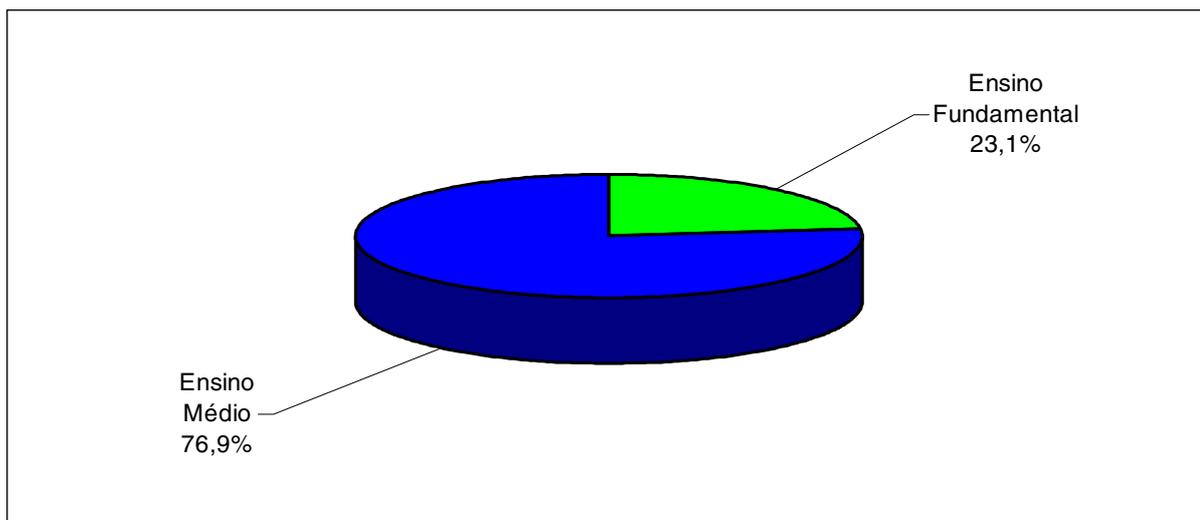


Gráfico 04 – Distribuição dos 26 adolescentes por curso.

O gráfico 5 ilustra que no grupo dos 20 jovens: 13 (65,0% são do ensino médio, 4 (20,0%) do curso técnico em contabilidade e 3 (15,0%) do curso técnico em administração.

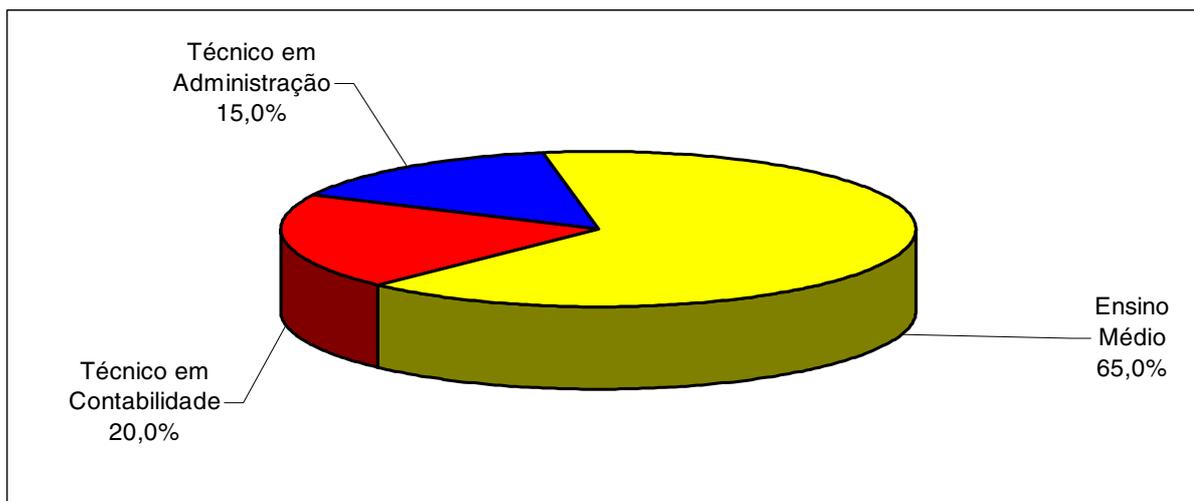


Gráfico 05 – Distribuição do grupo dos 20 jovens com relação ao curso.

O Gráfico 05A ilustra que dos 46 estudantes pesquisados, 33 (71,7%) estudam pela manhã, 6 (13,0%) estudam à tarde e 7 (15,3%) estudam à noite.

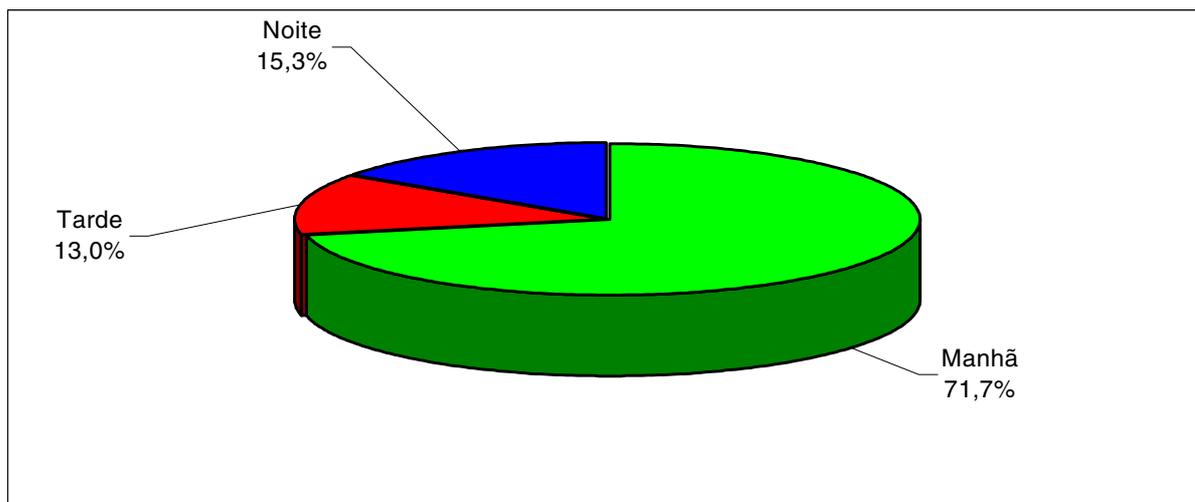


Gráfico 05A – Distribuição dos 46 estudantes em relação ao turno.

O gráfico 6 ilustra que no grupo dos 26 adolescentes: 8 (30,8%) fazem o primeiro ano do ensino médio, 8 (30,8%) o segundo ano médio, 4 (15,4%) o terceiro ano médio, 1 (3,8%) faz a Sexta série do curso fundamental, 1 (3,8%) faz a sétima série e 4 (15,4%) fazem a oitava série.

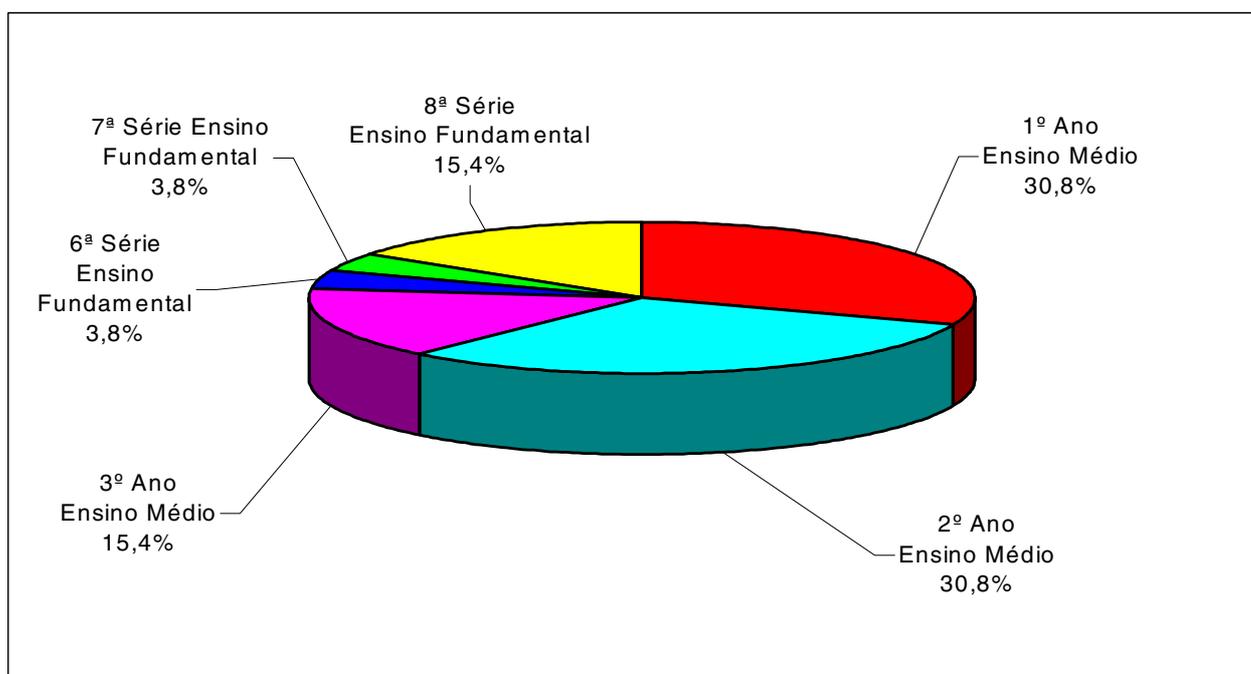


Gráfico 06 – Distribuição do grupo de Adolescente em relação a série / ano / módulo / curso, que está fazendo.

O gráfico 7 ilustra que no grupo dos 20 jovens: 2 (10,0%) fazem o primeiro ano do ensino médio, 2 (10,0%) o primeiro módulo do curso técnico em contabilidade, 3 (15,0%) o primeiro módulo do curso técnico em administração, 5 (25,0%) o segundo ano do curso

médio, 6 (30,0%) o terceiro ano do curso médio e 10 (10,0%) o terceiro módulo do curso técnico em contabilidade.

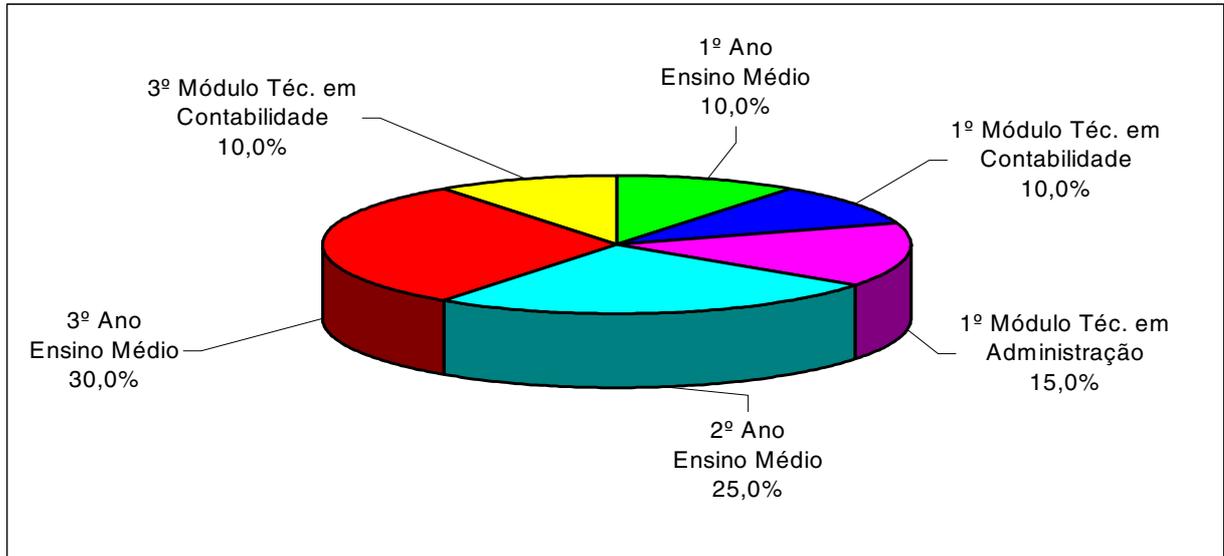


Gráfico 07 – Distribuição do grupo de Jovens em relação ao ano / módulo / curso, que está fazendo.

1.2 - Inserção no mercado de trabalho

Apurou-se do gráfico 8, que no grupo total dos 46 estudantes pesquisados, 14 (30,4%) trabalham e 32 (69,6%) não trabalham

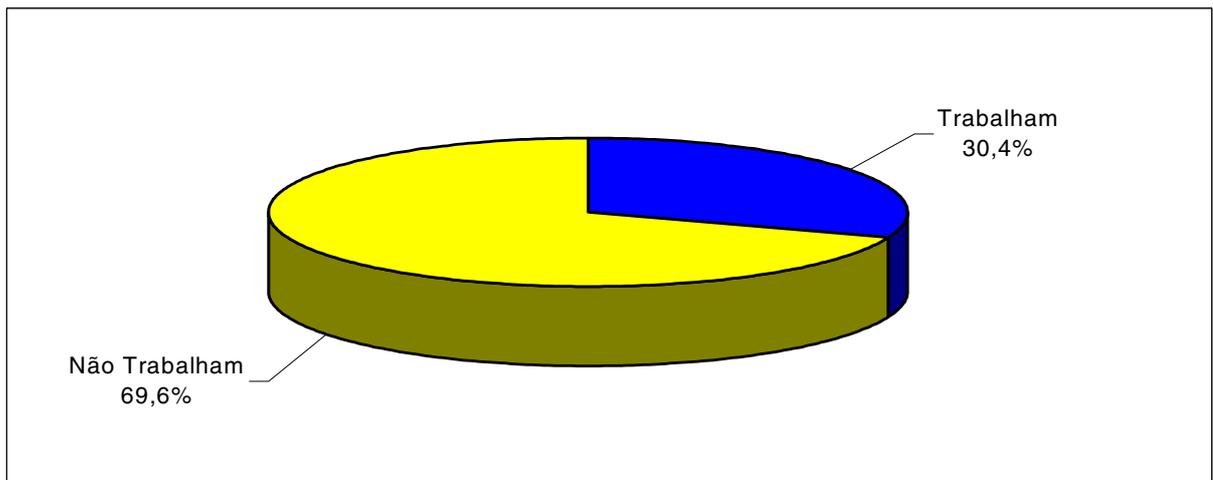


Gráfico 08 – Distribuição dos 46 estudantes conforme trabalhem ou não.

O gráfico 9 ilustra que no grupo dos 26 adolescentes: 5 (19,2%) trabalham e 21 (80,8%) não trabalham. Por outro lado, no grupo dos 20 jovens: 9 (45,0%) trabalham e 11 (55,0%) não trabalham.

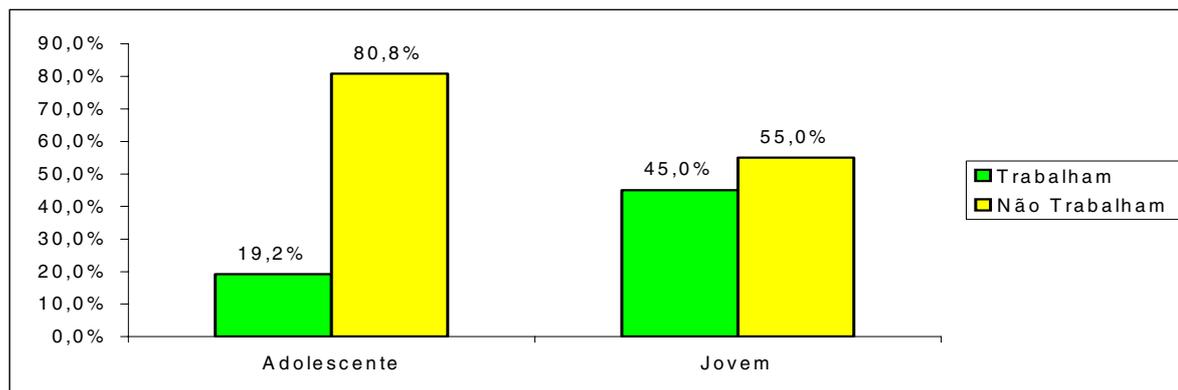


Gráfico 09 – Distribuição das respostas dos 46 estudantes dos dois grupos conforme trabalhem ou não.

Observa-se da Tabela 2 que: no grupo de adolescentes, 5 são do sexo masculino e destes, 5 (100,0%) não trabalham. Neste mesmo grupo, observa-se que 21 são do sexo feminino e destes 5 (23,8%) trabalham e 16 (76,2%) não trabalham. Por outro lado, no grupo de jovens observa-se que: 9 são do sexo masculino e destes 3 (33,3%) trabalham e 6 (66,7%) não trabalham. Neste mesmo grupo, 11 são do sexo feminino e destes 6 (54,5%) trabalham e 5 (45,5%) não trabalham. Destaca-se que tanto no grupo de adolescentes, quanto no grupo de jovens, o sexo feminino é maioria no mercado de trabalho (23,8% do total de mulheres contra 0,0% do total de homens, no grupo de adolescentes e 54,5% do total de mulheres contra 33,3% do total de homens, no grupo de jovens). Os números entre parênteses são percentuais em relação ao total na **linha correspondente**.

Tabela 02 – Distribuição dos grupos em função do gênero e conforme trabalhem ou não.

Grupo	Gênero	Trabalham	Não trabalham	Total
Adolescente	Masculino	0 (0,0%)	5 (100%)	5 (100%)
	Feminino	5 (23,8%)	16 (76,2%)	21 (100%)
	Total	5 (19,2%)	21 (80,8%)	26 (100%)
Jovem	Masculino	3 (33,3%)	6 (66,7%)	9 (100%)
	Feminino	6 (54,5%)	5 (45,5%)	11 (100%)
	Total	9 (45,0%)	11 (55,0%)	20 (100%)

1.3 - Posição na ocupação por grupo

O gráfico 10 ilustra que no grupo dos 46 estudantes pesquisados, os 14 estudantes que trabalham estão distribuídos nas seguintes áreas de trabalho: 1 (7,1%) faz estágio no E.C.E.O, 7 (50,0%) fazem estágio em área administrativa 2 (14,3%) trabalham como autônomo, 1 (7,1%) faz estágio na secretaria de educação, 1 (7,1%) faz estágio em uma assessoria de gerência, 1 (7,1%) faz estágio no ministério Público (auxiliar administrativo) e 1 (7,1%) faz estágio no Trainné Contable.

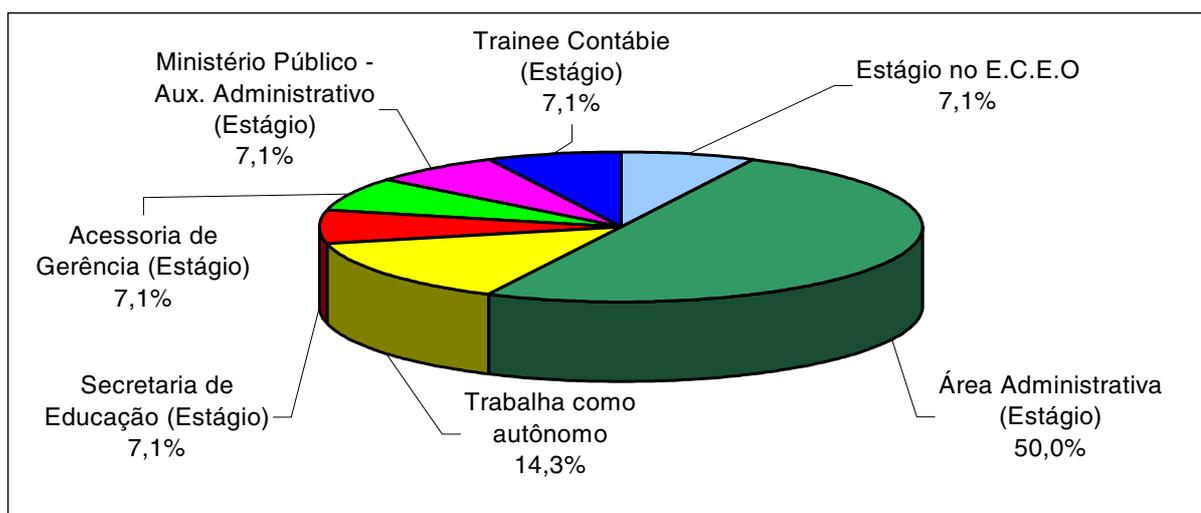


Gráfico 10 – Distribuição dos 46 estudantes por tipo de ocupação e regulamentação trabalhista.

O gráfico 11 ilustra que no grupo dos 5 adolescentes que trabalham: 1 (20,0%) faz estágio no E.C.E.O, 3 (60,0%) fazem estágio na área administrativa e 1 (20,0%) trabalha como autônomo.

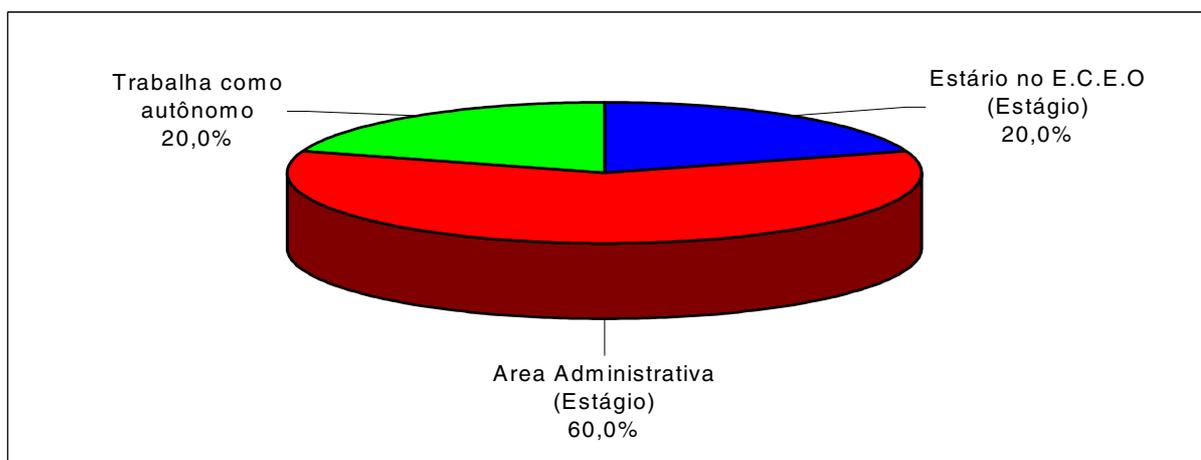


Gráfico 11 – Distribuição dos **Adolescentes** em relação a ocupação e regulamentação trabalhista.

O gráfico 12 ilustra que no grupo dos 9 jovens que trabalham: 4 (44,4%) fazem estágio na área administrativa, 1 (11,1%) trabalha como autônomo, 1 (11,1%) faz estágio na Secretaria de Educação 1 (11,1%) faz estágio na Assessoria de Gerência, 1 (11,1%) faz estágio no Ministério Público e 1 (11,1%) faz estágio no Trainee Contable.

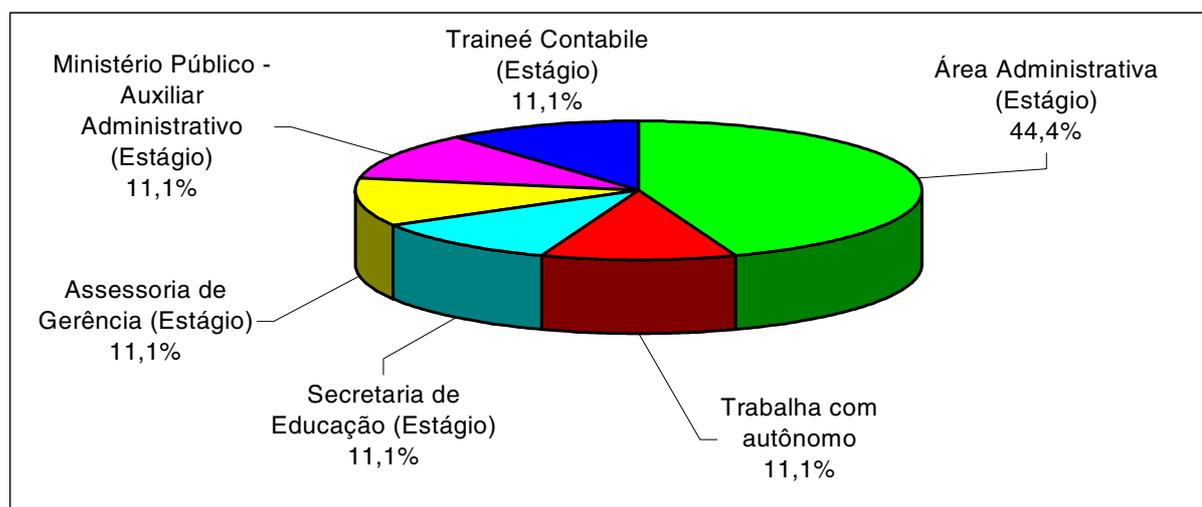


Gráfico 12 – Distribuição do grupo de **jovens** em relação a ocupação e regulamentação trabalhista.

1.4 - Meio onde reside / Com quem mora / Por sexo e por grupo.

A tabela 3 relaciona os bairros onde residem os 46 estudantes do grupo total estudado. O bairro Ibura foi o de maior frequência, isto é, onde residem 4 (8,7%) e em segundo lugar vem o bairro de Casa amarela, onde residem 3 (6,5%) estudantes. Como pode-se observar os 46 estudantes residem em bairros muito dispersos, o que acarreta frequências muito baixas.

Tabela 03 – Distribuição dos 46 estudantes em relação ao Bairro onde mora.

Bairro	Frequência	Frequência %
Nova Descoberta	2	4,3
Barro	1	2,2
Macaxeira	1	2,2
Dois Unidos	2	4,3
Zumbi do Pacheco	2	4,3
Casa Amarela II	3	6,5*
Sítio Novo	1	2,2

Jaboatão dos Guararapes	1	2,2
Campo Grande	1	2,2
Ipsep	1	2,2
Pina	2	4,3
Torrões	2	4,3
Maranguape I	1	2,2
Jordão Alto	1	2,2
Alto da Bondade	1	2,2
Vista Alegre	1	2,2
Ouro Preta	1	2,2
Loteamento Conceição	1	2,2
Jardim Brasil II	1	2,2
Ibura	4	8,7*
Muribeca	1	2,2
Boa Viagem	1	2,2
Caetés I	1	2,2
Bultrins	1	2,2
Linha do Tiro	1	2,2
Peixinhos	2	4,3
Água Fria	1	2,2
Coqueiral	1	2,2
Rio Doce	1	2,2
Jardim São Paulo	1	2,2
Águas Compridas	2	4,3
Cruz de Rebouças	1	2,2
Torre	1	2,2
São José	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

A tabela 4 relaciona os bairros onde residem os 26 estudantes do grupo de adolescentes. O bairro Casa Amarela foi o de maior frequência, isto é, onde residem 3 (11,5%) estudantes deste grupo e em segundo lugar vem os bairros Nova Descoberta, Dois Unidos e Zumbi do Pacheco, onde em cada um destes residem 2 (7,7%) estudantes do referido grupo. Como era de se esperar, haja vista os resultados do grupo total, os estudantes desse grupo, também residem em bairros muito dispersos.

Tabela 04 – Distribuição dos 26 adolescentes em relação ao Bairro onde mora.

Bairro	Frequência	Frequência %
Nova Descoberta	2	7,7
Barro	1	3,8
Macaxeira	1	3,8
Dois Unidos	2	3,8
Zumbi do Pacheco	2	7,7
Casa Amarela II	3	11,5*

Sítio Novo	1	3,8
Jaboatão dos Guararapes	1	3,8
Campo Grande	1	3,8
Ipsep	1	3,8
Pina	1	3,8
Torrões	1	3,8
Maranguape I	1	3,8
Jordão Alto	1	3,8
Alto da Bondade	1	3,8
Vista Alegre	1	3,8
Ouro Preta	1	3,8
Loteamento Conceição	1	3,8
Jardim Brasil II	1	3,8
Ibura	1	3,8
Muribeca	1	3,8
Boa Viagem	1	3,8
Total	26	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

A tabela 5 relaciona os bairros onde residem os 20 estudantes do grupo de jovens. O bairro Ibura, foi o de maior frequência, isto é, onde residem 3 (15,0%) estudantes desse grupo e em segundo lugar vem os bairros Peixinhos e Águas Compridas, onde em cada um destes residem 2 (10,0%) estudantes do referido grupo. Como pode-se observar os estudantes desse grupo também residem em bairros muito dispersos (destaques inexpressivos).

Tabela 05 – Distribuição dos 20 jovens em relação ao Bairro onde mora.

Bairro	Frequência	Frequência %
Dois Unidos	1	5,0
Pina	1	5,0
Torrões	1	5,0
Ibura	3	15,0*
Caetés I	1	5,0
Bultrins	1	5,0
Linha do Tiro	1	5,0
Peixinhos	2	10,0*
Água Fria	1	5,0
Coqueiral	1	5,0
Rio Doce	1	5,0
Jardim São Paulo	1	5,0

Águas Compridas	2	10,0*
Cruz de Rebouças	1	5,0
Torre	1	5,0
São José	1	5,0
Total	20	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

O gráfico 13 ilustra que dentre os 46 estudantes pesquisados, 28 (60,9%) moram com os pais, 13 (28,3%) moram com a mãe, 4 (8,7%) moram com parentes e 1 (2,2%) mora com Esposo(a) e Filhos(as).

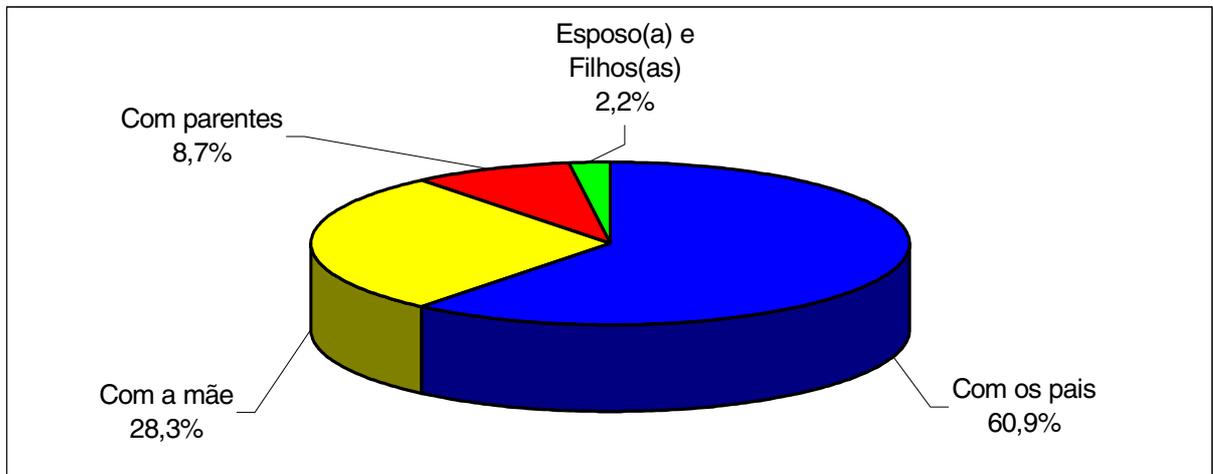


Gráfico 13 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a moradia (com quem mora).

O gráfico 14 ilustra que no grupo dos 14 estudantes do sexo masculino: 10 (71,4%) moram com os pais, 3 (21,4%) moram com a mãe e 1 (7,2%) mora com parentes.

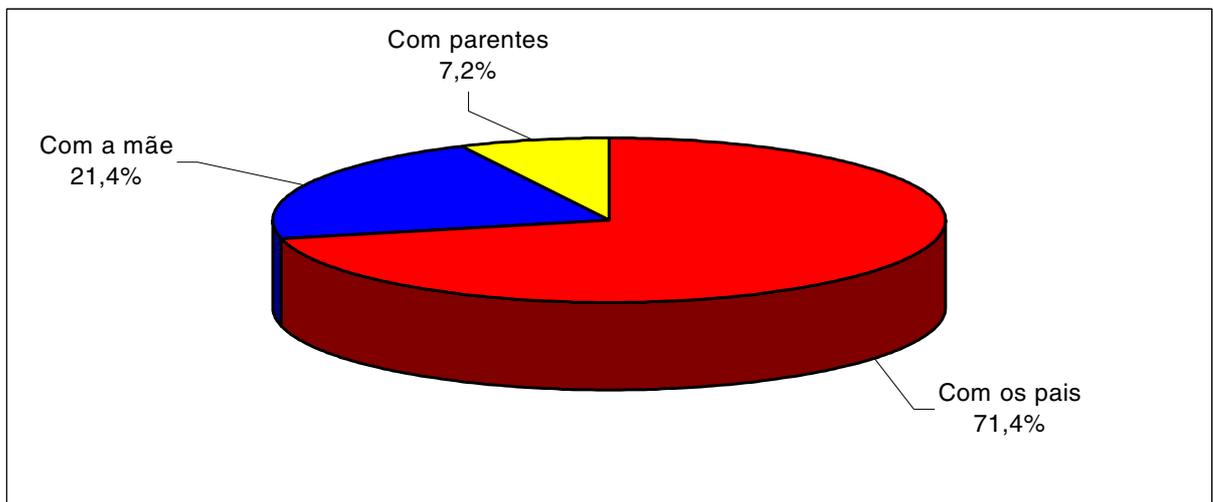


Gráfico 14 – Distribuição dos 14 estudantes do sexo masculino em relação a moradia (com quem mora)

O gráfico 15 ilustra que no grupo dos 32 estudantes do sexo feminino: 18 (56,3%) moram com os pais, 10 (31,3%) moram com a mãe, 3 (9,4%) moram com parentes e 1 (3,1%) mora com Esposo(a) e Filhos(as).

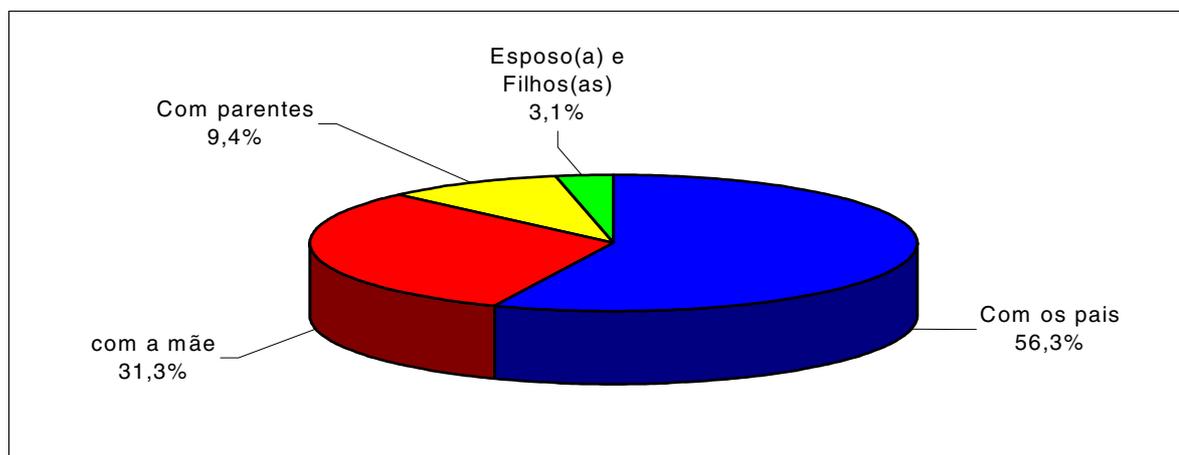


Gráfico 15 – Distribuição dos 32 estudantes do sexo feminino em relação à moradia.

Observa-se da tabela 6, que no grupo dos 5 adolescentes do sexo masculino: 4 (80,0%) moram com os pais e 1 (20,0%) mora com parentes; enquanto que no grupo dos 21 adolescentes do sexo feminino: 11(52,4%) moram com os pais, 9 (42,8%) moram com a mãe e 1 (4,8%) mora com parentes. Por outro lado, no grupo dos 9 jovens (do sexo masculino) 6 (66,7%) moram com os pais e 3 (33,3%) moram com a mãe; enquanto que no grupo dos 11 jovens do sexo feminino: 7 (63,6%) moram com os pais, 1 (9,1%) mora com a mãe, 2 (18,2%) moram com parentes e 1 (9,1%) mora com esposo(a) e filhos(as).

Tabela 06 – Distribuição do grupo dos 46 estudantes com relação ao grupo e ao gênero com respeito a moradia (com quem mora).

Grupo	Gênero	Estado Civil	Frequência	Frequência %
Adolescente	Masculino	Com os pais	4	80,0
		Com parentes	1	20,0
		Total	5	100,0
	Feminino	Com os pais	11	52,4
		Com a mãe	9	42,8
		Com parentes	1	4,8
Total		21	100,0	
Jovem	Masculino	Com os pais	6	66,7

	Com parentes	3	33,3
	Total	9	100,0
Feminino	Com os pais	7	63,6
	Com a mãe	1	9,1
	Com parentes	2	18,2
	Esposo(a) e Filho(a)	1	9,1
	Total	11	100,0

1.5 - Igreja ou Comunidade de fé dos Pais: Pai e Mãe ou responsáveis.

A tabela 7 relaciona a Igreja ou comunidade de fé dos pais ou responsáveis dos estudantes do grupo total estudado. Destaca-se que a maior frequência foi 13, indicando que no grupo total, 28,3% dos estudantes têm pai e mãe católicos; em segundo lugar vem a frequência 6, indicando que 13,0% dos estudantes têm pai e mãe evangélicos e também 13,0% dos estudantes têm pai católico e mãe evangélica; e em terceiro lugar vem a frequência 5, indicando que 10,9% dos estudantes têm pai e mãe espíritas.

Tabela 07 – Distribuição dos 46 estudantes em relação a Igreja ou comunidade de fé dos pais ou responsáveis.

Igreja/comunidade de fé dos pais/responsáveis	Frequência	Frequência %
Mãe Católica	1	2,2
Pai e Mãe Católicos	13	28,3*
Avó e Tia Católicas	1	2,2
Mãe Evangélica	4	8,7*
Pai e Mãe Espíritas	5	10,9*
Pai sem religião e Mãe Espírita	2	4,3
Pai sem religião e Mãe Evangélica	2	4,3
Pai e Mãe Evangélicos	6	13,0*
Pai Católico e Mãe Evangélica	6	13,0*
Pai Católico e Mãe Espírita	2	4,3
Pai Espírita e Mãe Católica	2	4,3
Pai Evangélico e Mãe Católica	1	2,2
Pai Espírita e Mãe sem religião	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

2. Pertença Religiosa.

2.1-Nome da atual Igreja / Freqüência / Atuação (Participação)

A tabela 8 relaciona a Igreja ou comunidade de fé dos estudantes do grupo total estudado. Destaca-se que a maior freqüência é 14, e indica que no grupo total, 30,4%% dos estudantes pertencem à Igreja Batista; em segundo lugar vem a freqüência 10, indicando que 21,7% dos estudantes são Espíritas e em terceiro lugar, vem a freqüência 4, indicando que 8,7% dos estudantes são da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Assembléia de Deus, Umbanda e Wicca, aparecem em quarto lugar com 6,5% dos estudantes cada uma.

Tabela 08 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito ao nome de sua atual Igreja ou comunidade de fé.

Igreja/comunidade de fé	Freqüência	Freqüência %
Rompendo em fé	1	2,2
Assembléia de Deus	3	6,5*
Igreja Batista	14	30,4*
Espírita	10	21,7*
Umbanda	3	6,5*
Adventista do 7º dia	4	8,7*
Ministério Apostólico Bíblico da Graça (MABG)	1	2,2
Missão Evangélica Petencostal do Brasil	1	2,2
Igreja do Evangélico Quadrangular	1	2,2
Presbiteriana	1	2,2
Wicca	3	6,5*
Candomblé	1	2,2
Amor em evolução	1	2,2
Renascer em Cristo	2	4,3
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

Considerando a classificação das Igrejas ou comunidades de fé como: Evangélica, Espírita, Umbanda, Wicca e Candomblé, o gráfico 15.A, ilustra que 29 (63,0%) dos estudantes pertencem à Igreja Evangélica, 10 (21,7%) pertencem à Espírita, 3 (6,5%)

pertencem à Umbanda, 3 (6,5%) pertencem à Wicca e 1 (2,2%) ao Candomblé. As Igrejas Evangélicas (1^o lugar) e Espíritas (2^o lugar) são as que têm mais fieis.

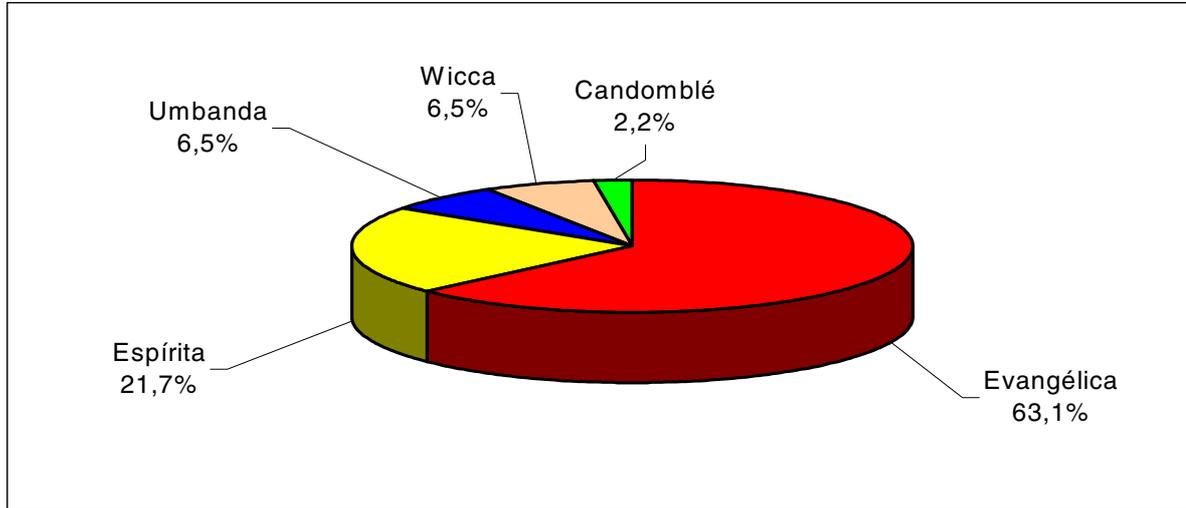


Gráfico 15A. – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a sua atual Igreja ou comunidade de fé.

O gráfico 16 ilustra que no grupo total dos 46 estudantes pesquisados: 1 (2,2%) frequenta a Igreja todos os dias, 15 (32,6%) frequentam uma vez por semana 6 (13,0%) frequentam quinzenalmente e 24 (52,2%) responderam “outra”. Destaca-se que a maioria 52,2% responderam outra.

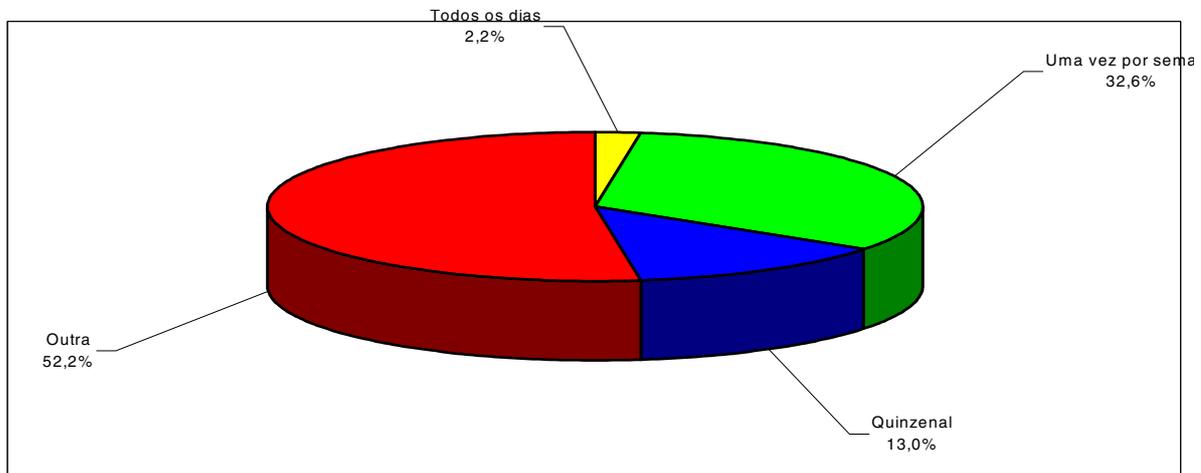


Gráfico 16 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a sua frequência à Igreja.

A tabela 9 compara, no grupo total dos 46 estudantes, os gêneros (Masculino “versus” Feminino), com respeito a frequência à Igreja.

O teste exato de Fisher de homogeneidade de grupos revela, com uma probabilidade de significância $P = 0,519$, que os dois grupos são homogêneos (frequenciam igualmente em relação a cada alternativa de frequência) com respeito a frequência à Igreja. As diferenças amostrais verificadas na tabela 9, são não significativas ($P > 0,05$) em termos

populacionais. Os testes **exatos**: Quiquadrado de Pearson e Razão de verossimilhança, também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste exato de Fisher.

Tabela 09 – Comparação dos gêneros (Masculino “versus” Feminino), com respeito a sua frequência à Igreja.

Gênero	Frequências	Como é sua frequência à Igreja				Total	P ⁽¹⁾
		Todos os dias	Uma vez por semana	Quinzenal	Outra: Como?		
Masculino	Frequência	1	5	1	7	14	0,519
	Freq. Esperada	0,3	4,6	1,8	7,3	14,0	
	% Linha	7,1%	35,7%	7,1%	50,0%	100,0%	
Feminino	Frequência	0	10	5	17	32	
	Freq. Esperada	7,7	10,4	4,2	16,7	32,0	
	% Linha	0,0%	31,3%	15,6%	53,1%	100,0%	
Total	Frequência	1	15	6	24	46	
	Freq. Esperada	1,0	15,0	6,0	24,0	46,0	
	% Linha	2,2%	32,6%	13,0%	52,2%	100,0%	

A tabela 10 compara, no grupo total dos 46 estudantes, os grupos (Adolescente “versus” Jovem), com respeito a frequência à Igreja. O teste exato de Fisher de homogeneidade de grupos revela, com uma probabilidade de significância $P = 0,033$, que os dois grupos **não são** homogêneos ($P < 0,05$) com respeito as alternativas de frequência à Igreja. Nas alternativas “Uma vez por semana” e “Quinzenal”, os percentuais no grupo jovem são significativamente maiores que os correspondentes no grupo adolescente, enquanto que na alternativa “Outra”, o percentual (69,2) no grupo adolescente é significativamente maior que o correspondente (30,0%) no grupo jovem. A diferença amostral verificada na alternativa “todos o dias” não aparenta ser significativa (as frequências esperadas não estão muito afastadas)

Tabela 10 – Comparação dos grupos (Adolescente “versus” Jovem), com relação a sua frequência à Igreja

Grupo	Frequências	Como é sua frequência à Igreja				Total	P ⁽¹⁾
		Todos os dias	Uma vez por semana	Quinzenal	Outra: Como?		
Adolescente	Frequência	0	6	2	18	26	0,033
	Freq. Esperada	0,6	8,5	3,4	13,6	26,0	

	% Linha	0,0%	23,1%	7,7%	69,2%	100,0%
Jovem	Frequência	1	9	4	6	20
	Freq. Esperada	0,4	6,5	2,6	10,4	20,0
	% Linha	5,0%	45,0%	20,0%	30,0%	100,0%
Total	Frequência	1	15	6	24	46
	Freq. Esperada	1,0	15,0	6,0	24,0	46,0
	% Linha	2,2%	32,6%	13,0%	52,2%	100,0%

O gráfico 17 ilustra que no grupo total dos 46 estudantes pesquisados 15 (32,6% são simples atuante, 15 (32,6%) são atuantes em grupo(s), 6 (13,0%) liderando grupo(s), 6 (13,0%) responderam “outro” e 4 (8,7%) não participam de nada. Destaca-se que: Simples atuante (1^o lugar), Atuante em grupo (1^o lugar), Liderando grupos (2^o lugar) e “Outro” (2^o lugar) são os de maiores percentuais.

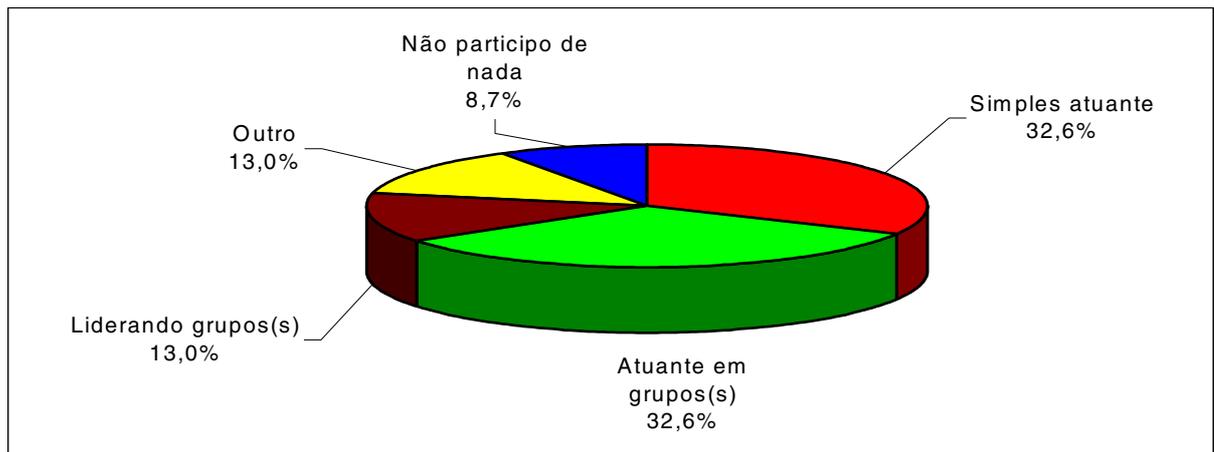


Gráfico 17 – Distribuição dos 46 estudantes de acordo com a sua atuação nessa Igreja.

A tabela 11 compara, no grupo total dos 46 estudantes, os grupos (Masculino “versus” Feminino), com respeito a atuação nas atividades da Igreja

O teste exato de Fisher de homogeneidade de grupos revela, com uma probabilidade de significância $P = 0,214$, que os dois grupos são **homogêneos** (atuam igualmente em relação a cada atividade) com respeito às atividades da Igreja. As diferenças amostrais verificadas na tabela 11, são **não significativas** ($P > 0,05$) em termos populacionais. Os testes **exatos**: Quiquadrado de Pearson e Razão de verossimilhança, também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste exato de Fisher.

Tabela 11 – Comparação dos gêneros (Masculino “versus” Feminino), com relação a sua atuação nessa Igreja.

Gênero	Frequências	Como é sua frequência à Igreja					Total	P ⁽¹⁾
		Simple atuante Como?	Atuante em grupo(s) Como?	Liberando grupo(s) Como?	Outro: Como?	Não participo de nada – Por quê?		
Masculino	Frequência	5	3	4	2	0	14	0,214
	Freq. Esperada	4,6	4,6	1,8	1,8	1,2	14,0	
	% Linha	35,7%	21,4%	28,6%	14,3%	0,0%	100,0%	
Feminino	Frequência	10	12	2	4	4	4	0,214
	Freq. Esperada	10,4	10,4	4,2	4,2	2,8	32	
	% Linha	31,3%	37,5%	6,3%	12,5%	12,5%	100,0%	
Total	Frequência	15	15	6	6	4	46	0,214
	Freq. Esperada	15,0	15,0	6,0	6,0	4,0	46,0	
	% Linha	32,6%	32,6%	13,0%	13,0%	8,7%	100,0%	

(1) Probabilidade de significância do teste exato de Fisher.

A tabela 12 compara, no grupo total dos 46 estudantes, os grupos (Adolescente “versus” Jovem), com respeito a atuação nas atividades da Igreja

O teste exato de Fisher de homogeneidade de grupos, revela, com uma probabilidade de significância $P = 0,718$, que os dois grupos são **homogêneos** (atuam igualmente em relação a cada atividade) com respeito às atividades da Igreja. As diferenças amostrais verificadas na tabela 12, são não significativas ($P > 0,05$) em termos populacionais. Os testes **exatos**: Quiquadrado de Pearson e Razão de verossimilhança, também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste exato de Fisher.

Tabela 12 – Comparação dos grupos (Adolescentes “versus” Jovens), com relação a sua atuação nessa Igreja.

Gênero	Frequências	Como é sua frequência à Igreja					Total	P ⁽¹⁾
		Simple atuante Como?	Atuante em grupo(s) Como?	Liderando grupo(s) Como?	Outro: Como?	Não participo de nada – Por quê?		
Adolescente	Frequência	9	10	2	3	2	26	0,718
	Freq. Esperada	8,5	8,5	3,4	3,4	2,3	26,0	
	% Linha	34,6%	38,5%	7,7%	11,5%	7,7%	100,0%	
Jovem	Frequência	6	5	4	3	2	20	0,718
	Freq. Esperada	6,5	6,5	2,6	2,6	1,7	100,0	
	% Linha	32,6%	32,6%	13,0%	13,0%	8,7%	100,0%	

	% Linha	30,0%	25,0%	20,0%	15,0%	10,0%	100,0%
Total	Frequência	15	15	6	6	4	46
	Freq. Esperada	15,0	15,0	6,0	6,0	4,0	46,0
	% Linha	32,6%	32,6%	13,0%	13,0%	8,7%	100,0

(1) Probabilidade de significância do teste exato de Fisher.

2.2-Tempo que pertencem a essa Igreja.

A tabela 13 relaciona os tempos em que os estudantes, no grupo total, pertencem a sua atual Igreja ou comunidade de fé. Destaca-se que a maior frequência é 9, e indica duas situações no grupo total: na primeira situação 19,5% dos estudantes estão há dois anos, na atual Igreja, enquanto que na Segunda situação os 19,5% dos estudantes estão há 3 anos em sua atual Igreja; em segundo lugar vem a frequência 7, indicando que 15,2% dos estudantes estão há um ano e em terceiro lugar, vem a frequência 6, indicando que 13,0% dos estudantes estão há 4 anos em sua atual Igreja ou comunidade de fé.

Tabela 13 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito ao tempo que pertencem à sua atual Igreja.

Tempo	Frequência	Frequência %
2 meses	1	2,2
3 meses	1	2,2
5 meses	2	4,3
6 meses	1	2,2
8 meses	1	2,2
8,5 meses	1	2,2
9 meses	1	2,2
1 ano	7	15,2*
1 ano e 2 meses	1	2,2
2 anos	9	19,6*
2 anos e 6 meses	1	2,2
3 anos	9	19,6*
4 anos	6	13,0*

6 anos	2	4,3
7 anos	1	2,2
8 anos	1	2,2
12 anos	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

O gráfico 18, ilustra que, do grupo total dos 46 estudantes: 8 (17,4%) estão em sua atual Igreja há menos de 1 ano, 17 (36,9%) de 1 a 2 anos, 16 (34,8%) estão há mais de 2 e menos de 5 anos e 5 (10,9%) estão de 6 a 12 anos, em sua atual Igreja ou comunidade de fé.

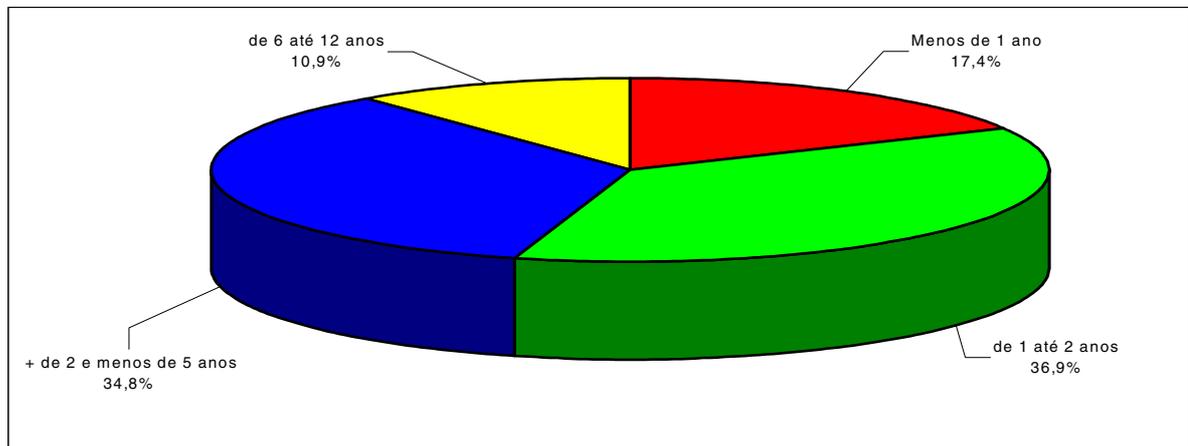


Gráfico 18 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito ao tempo que pertencem a sua atual Igreja.

A tabela 14, relaciona a média (meses), o desvio padrão (meses) e a probabilidade de significância do teste exato de Mann-Whitney, na comparação dos gêneros (masculino e feminino) com respeito ao tempo que pertencem a atual Igreja. O teste revelou, com uma probabilidade de significância $P = 0,318$, que **não existe** diferença significativa ($P > 0,05$) entre os tempos médios desses dois grupos (masculino e feminino).

Tabela 14 – Média e Desvio padrão do tempo (meses) de pertença à Igreja em relação ao gênero, e o resultado do teste comparativo.

Grupo	N ⁽³⁾	Estatística		P ⁽¹⁾
		Média	D. P ⁽²⁾	
Masculino	14	34,50	23,1	0,318

Feminino	32	30,86	29,2
Total	46		

(1) Teste exato de Mann-Whitney.

A tabela 15 relaciona a média (meses), o desvio padrão (meses) e a probabilidade de significância do teste **exato** de Mann-Whitney, na comparação dos dois grupos (Adolescente e Jovem) com respeito ao tempo que pertencem à atual Igreja. O teste revelou, com uma probabilidade de significância $P = 0,057$, que **não existe** diferença significativa ($P > 0,05$) entre os tempos médios populacionais desses dois grupos (adolescente e jovem). O teste t-Student de duas amostras independentes, também confirma essa decisão estatística, com uma probabilidade de significância $p = 0,564$.

Tabela 15 – Média e Desvio padrão do tempo (meses) de pertença à Igreja, em relação ao grupo e o resultado do teste comparativo.

Grupo	N ⁽³⁾	Estatística		P ⁽¹⁾
		Média	D. P ⁽²⁾	
Adolescente	26	29,90	32,6	0,057
Jovem	20	34,65	18,8	
Total	46			

(1) Probabilidade de significância do teste exato de Mann-Whitney.

2.3-Situação da atual Igreja (como é vista)

Com relação à pergunta o que você acha de sua atual Igreja, as 46 respostas dos estudantes estão ilustradas na tabela 16 e foram rotuladas da seguinte forma:

1. Aberta
2. Moderna
3. Alegre
4. Espiritualizada
5. Conservadora (fechada)
6. Outro

As seqüências de números mostradas nessa tabela, são combinações desses principais rótulos. Por exemplo, a resposta 1-3-4 no grupo dos evangélicos, significa que 4 (13,8%) dos estudantes desse grupo acham a sua Igreja: Aberta, Alegre e Espiritualizada. Esta é a resposta de maior freqüência nesse grupo.

Tabela 16 – Distribuição das respostas dos 46 estudantes por Igreja, em relação ao que eles acham de sua atual Igreja.

Igreja	Respostas	Freqüência	Freqüência %
Evangélica	1-2-4	2	6,9
	1-3-4	4	13,8*
	1-3-6	1	3,4
	1-3	1	3,4
	1-6	2	6,9
	2-3-4	1	3,4
	2-3-6	3	10,3*
	2-3	1	3,4
	2-4	1	3,4
	2-5	1	3,4
	3-4-5	2	6,9
	3-4-6	1	3,4
	3-6	1	3,4
	3	1	3,4
	4-5-6	1	3,4

	4	3	10,3*
	5	3	10,3*
	Total	29	100,0
Espírita	1-2-4	1	10,0
	1-3-4	1	10,0
	4	4	40,0*
	1-2-3-4	1	10,0
	1-3-4-6	2	20,0
	1-4	1	10,0
	Total	10	100,0
Umbanda	1-3-4	1	33,3
	2-3-4	1	33,3
	1	1	33,4
	Total	3	100,0
Wicca	3	1	33,3
	3-5-6	1	33,3
	3-5	1	33,4
	Total	3	100,0
Candomblé	1-2-4	1	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

2.4 - Outras Igrejas a que já pertenceu (trânsito religioso)

A tabela 17 relaciona a religião atual e outras religiões pelas quais os 46 estudantes já passaram. Assim, dentre os 29 estudantes que atualmente são evangélicos, 15 (51,7%) foi apenas católico, 5 (17,2%) já foram católicos e evangélicos, 5 (17,2%) já foram católicos e também já passaram por 2 ou 3 Igrejas evangélicas, 3 (10,3%) já pertenceram à Igreja católica e à comunidade de fé Wicca e 1 (3,4%) foram católicos episcopal.

Dentre os 10 estudantes que atualmente são Espíritas, 7 (70,0%) foram apenas católicos e 3 (30,0%) já foram Católicos e Evangélicos.

Tabela 17 – Distribuição das respostas dos 46 estudantes por Igreja, em relação às Igrejas que já pertenceram.

Igreja atual	Igrejas que já passaram	Frequência	Frequência %
Evangélica	Católica	15	51,7*
	Católica e Evangélica	5	17,2*
	Católica e Evangélicas (2 ou 3)	5	17,2*
	Católica e Wicca	3	10,3*
	Católica/Episcopal	1	3,4
	Total	29	100,0
Espírita	Católica	7	70,0*
	Católica e Evangélica	3	30,0*
	Total	10	100,0
Umbanda	Católica e Evangélica	2	66,7
	Católica, Evangélica, Messiânica e Espírita	1	33,3
	Total	3	100,0
Wicca	Católica e Evangélicas (2 ou 3)	1	33,3
	Católica, Evangélica e Espírita	1	33,3
	Católica, Episcopal e Espírita	1	33,3
	Total	3	100,0
Candomblé	Católica, Evangélica e Mormon	1	100,0

3. Mudança de Igreja

3.1- Quando você era Católico:

3.1.1- Você freqüentava a missa ?

Com respeito a essa pergunta, o gráfico 3.1.1.A ilustra que todas as 46 estudantes freqüentam a missa, sendo que: 24 (52,2%) responderam “**sim, aos domingos**” e 22 (47,8%) responderam “**sim, de vez em quando**”.

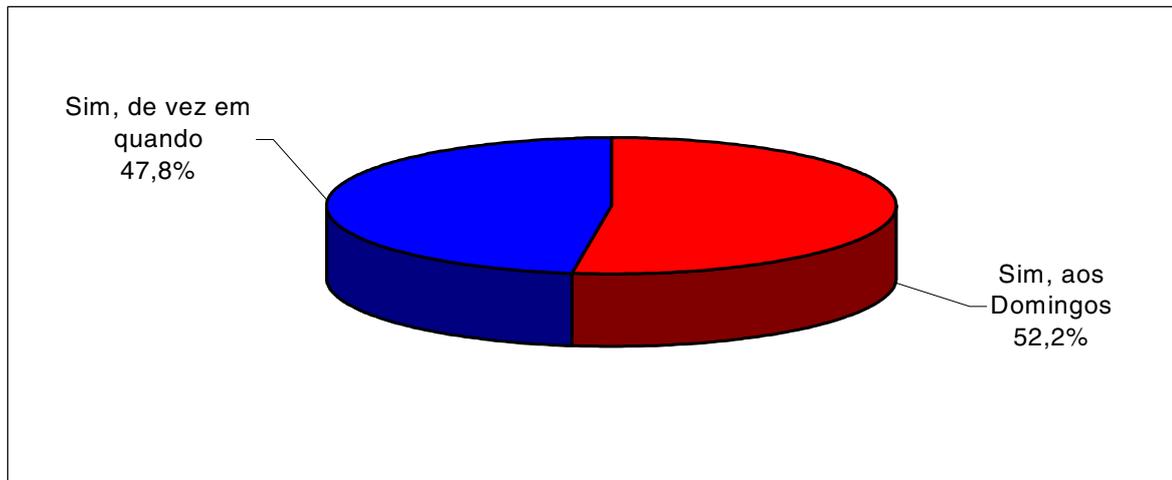


Gráfico 3.1.1.A – Distribuição dos 46 estudantes segundo a sua freqüência à missa.

• **Comparação entre os gêneros (masculino e feminino) com respeito a freqüência à missa.**

Observa-se da tabela 3.1.1.A, através do teste Quiquadrado de homogeneidade de Pearson, com uma probabilidade de significância $P = 0,845$, que não existe diferença significativa ($P > 0,05$) entre os dois gêneros (Masculino e Feminino) com respeito a freqüência à Missa. Os testes: Exato de Fisher ($P = 1,000$) e Razão de Verossimilhança ($P = 0,845$), obviamente, também confirmam esta decisão estatística (para todos eles, $P > 0,05$). As diferenças amostrais observadas na referida tabela: (50,0% contra 53,1%) e (50,0% contra 46,9%) são, em termos populacionais, não significativas.

Tabela 3.1.1A – Comparação entre os gêneros (Masculino e Feminino) em relação a freqüência à Missa.

Gênero	Freqüências	Você freqüentava a Missa?		Total	P ⁽¹⁾
		Sim, aos Domingos	Sim, de vez em quando		
Masculino	Freqüência	7	7	14	0,845
	Freq. Esperada	7,3	6,7	14,0	
	% Linha	50,0%	50,0%	100,0%	
Feminino	Freqüência	17	15	32	0,845
	Freq. Esperada	16,7	15,3	32,0	
	% Linha	53,1%	46,9%	100,0%	
	Freqüência	24	22	46	

Total	Freq. Esperada % Linha	24,0 52,2%	22,0 47,8%	46,0 100,0%
-------	------------------------------	---------------	---------------	----------------

(1) Probabilidade de significância do teste Quiquadrado de homogeneidade de Pearson

• **Comparação entre os grupos (adolescente e jovem) com respeito a frequência à missa.**

Observa-se da tabela 3.1.1.B, através do teste Quiquadrado de homogeneidade de Pearson, com uma probabilidade de significância $P = 0,351$, que não existe diferença significativa ($P > 0,05$) entre os dois grupos (Adolescente e Jovem) com respeito a frequência à Missa. Os testes: Exato de Fisher ($P = 0,388$) e Razão de Verossimilhança ($P = 0,350$), obviamente, também confirmam esta decisão estatística (para todos eles, $P > 0,05$). As diferenças amostrais observadas na referida tabela: (46,2% contra 60,0%) e (53,8% contra 40,0%) são, em termos populacionais, não significativas.

Tabela 3.1.1B – Comparação entre os grupos (Adolescente e Jovem) em relação a frequência à Missa.

Grupo	Frequência %	Você freqüentava a Missa?		Total	P ⁽¹⁾
		Sim, aos Domingos	Sim, de vez em quando		
Adolescente	Frequência	12	14	26	0,351
	Freq. Esperada % Linha	13,6 46,2%	12,4 53,8%	12,4 100,0%	
	Jovem	Frequência	12	8	
Freq. Esperada % Linha		10,4 60,0%	9,6 40,0%	20,0 100,0%	
Total		Frequência	24	22	
	Freq. Esperada % Linha	24,0 52,2%	22,0 47,8%	46,0 100,0%	

(1) Probabilidade de significância do teste quiquadrado de homogeneidade de Pearson

3.1.2 - Participação nos Sacramentos / Leitura da Bíblia / Devoção a Maria e aos Santos.

Com relação à pergunta você recebia os sacramentos, as 46 respostas dos estudantes estão ilustradas no gráfico 3.1.2.A e foram rotuladas da seguinte forma:

1. Batismo
2. Confissão
3. Eucaristia
4. Crisma
5. Casamento

As seqüências de números mostradas nesse gráfico, são combinações desses principais rótulos. Por exemplo, a resposta 1-2-3 significa que 19 (41,3%) estudantes desse grupo recebiam os sacramentos: Batismo, Confissão e Eucaristia. Esta é a resposta de maior freqüência.

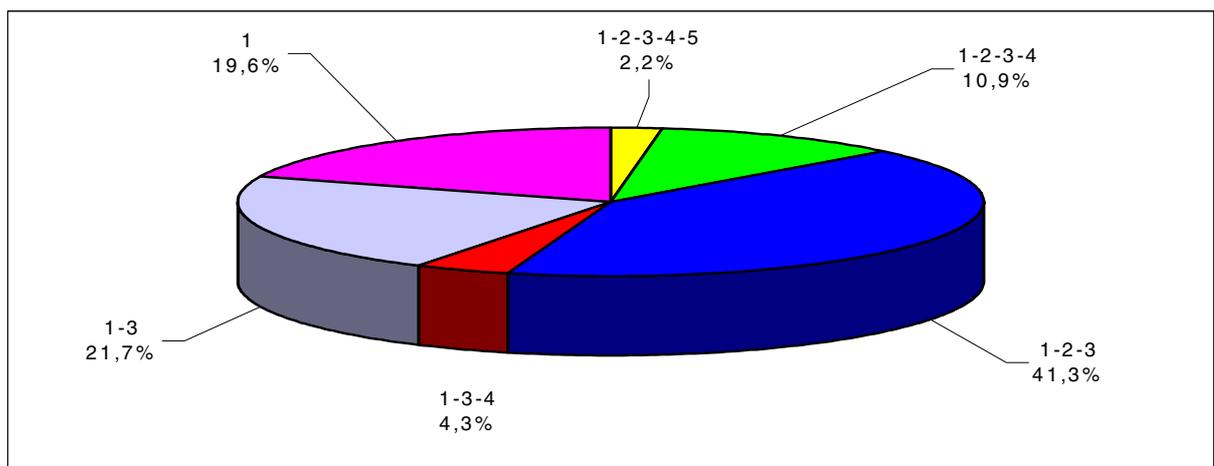


Gráfico 3.1.2A – Distribuição dos 46 estudantes segundo o recebimento dos sacramentos.

• **Comparação entre os gêneros (masculino e feminino) com respeito ao recebimento dos sacramentos.**

A tabela 3.1.2A compara, no grupo total dos 46 estudantes, os gêneros (Masculino “versus” Feminino), com respeito ao recebimento dos sacramentos.

O teste exato de Fisher de homogeneidade de grupos revela, com uma probabilidade de significância $P = 0,919$, que os dois grupos (Masculino e Feminino), são homogêneos (recebiam igualmente os sacramentos, em relação a cada seqüência de resposta) com respeito ao recebimento dos sacramentos. As diferenças amostrais verificadas na tabela

3.1.2A são não significativas ($P > 0,05$) em termos populacionais. Os testes **exatos**: Quiquadrado de Pearson ($P = 0,949$) e Razão de verossimilhança ($P = 0,961$), também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste exato de Fisher.

Tabela 3.1.2A – Comparação entre os gêneros (Masculino e Feminino) em relação ao recebimento dos sacramentos.

Gênero	Frequências	Você recebia os sacramentos						Total	P ⁽¹⁾
		1	1-2-3	1-2-3-4	1-2-3-4-5	1-3	1-3-4		
Masculino	Frequência	3	5	1	0	4	1	14	0,919
	Freq. Esperada	2,7	5,8	1,5	0,3	3,0	0,6	14,0	
	% Linha	21,4%	35,7%	7,1%	0,0%	28,6%	7,1%	100,0%	
Feminino	Frequência	6	14	4	1	6	1	32	
	Freq. Esperada	6,3	13,2	3,5	0,7	7,0	1,4	32,0	
	% Linha	18,8%	43,8%	12,5%	3,1%	18,8%	3,1%	100,0%	
Total	Frequência	9	19	5	1	10	2	46	
	Freq. Esperada	9,0	19,0	5,0	1,0	10,0	2,0	46,0	
	% Linha	19,6%	41,3%	10,9%	2,2%	21,7%	4,3%	100,0%	

(1) Probabilidade de significância do **teste exato de Fisher** de homogeneidade de grupos.

• **Comparação entre os grupos (adolescente e jovem) com respeito ao recebimento dos sacramentos.**

A tabela 3.1.2B compara, no grupo total dos 46 estudantes, os grupos (Adolescente “versus” Jovem), com respeito ao recebimento dos sacramentos. O teste exato de Fisher de homogeneidade de grupos revela, com uma probabilidade de significância $P = 0,140$, que os dois grupos **são** homogêneos (recebiam igualmente os sacramentos, em relação a cada seqüência de resposta) com respeito ao recebimento dos sacramentos. As diferenças amostrais verificadas na tabela 3.1.2B são não significativas ($P > 0,05$) em termos populacionais. Os testes **exatos**: Quiquadrado de Pearson ($P = 0,122$) e Razão de verossimilhança ($P = 0,126$), também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste exato de Fisher.

Tabela 3.1.2B – Comparação entre os grupos (Adolescente e Jovem) em relação ao recebimento dos sacramentos.

Grupo	Frequências	Você recebia os sacramentos						Total	P ⁽¹⁾
		1	1-2-3	1-2-3-4	1-2-3-4-5	1-3	1-3-4		
	Frequência	7	12	1	1	5	0	26	0,140

Adolescente	Freq. Esperada	5,1	10,7	2,8	0,6	5,7	1,1	26,0
	% Linha	26,9%	46,2%	3,8%	3,8%	19,2%	0,0%	100,0%
Jovem	Frequência	2	7	4	0	5	2	20
	Freq. Esperada	3,9	8,3	2,2	0,4	4,3	9	20,0
	% Linha	10,0%	35,0%	20,0%	0,0%	25,0%	10,0%	100,0%
Total	Frequência	9	19	5	1	10	2	46
	Freq. Esperada	9,0	19,0	5,0	1,0	10,0	2,0	46,0
	% Linha	19,6%	41,3%	10,9%	2,2%	21,7%	4,3%	100,0%

(1) Probabilidade de significância do teste exato de Fisher de homogeneidade de grupos

• **Você lia a Bíblia ?**

O gráfico 3.1.2B ilustra que no grupo total dos 46 estudantes pesquisados, 27 (58,7%) liam a Bíblia e 19 (41,3%) não liam.

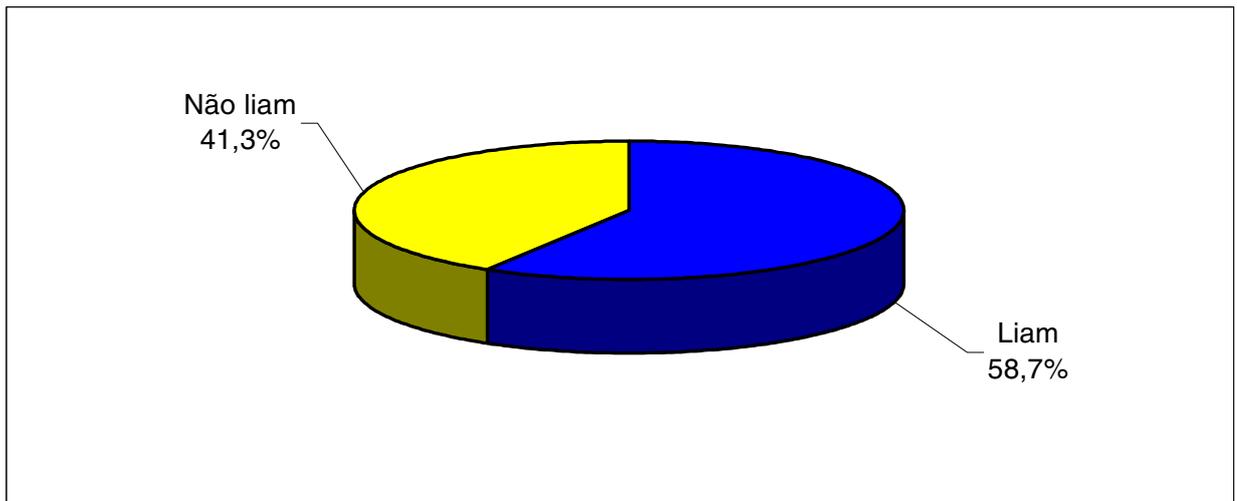


Gráfico 3.1.2B – Distribuição dos 46 estudantes segundo liam ou não a bíblia.

• **Comparação entre os gêneros (masculino e feminino) com respeito a se eles liam ou não a Bíblia.**

A tabela 3.1.2C compara, no grupo total dos 46 estudantes, os gêneros (Masculino “versus” Feminino), com respeito a se eles liam ou não a Bíblia.

O teste Quiquadrado de Pearson, de homogeneidade de grupos, revela com uma probabilidade de significância $P = 0,887$, que os dois grupos (Masculino e Feminino), são

homogêneos (liam igualmente a Bíblia, em relação a cada uma das respostas: **SIM** ou **NÃO**) com respeito a se liam ou não a bíblia. As diferenças amostrais verificadas na tabela 3.1.2C são não significativas ($P > 0,05$), em termos populacionais. O teste exato de Fisher ($P = 1,000$) e o teste da Razão de verossimilhança ($P = 0,888$), obviamente, também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste de Pearson.

Tabela 3.1.2C - Comparação entre os gêneros (Masculino e Feminino) em relação à leitura da Bíblia.

Gênero	Frequências	Você lia a Bíblia?		Total	P ⁽¹⁾
		Sim	Não		
Masculino	Frequência	8	6	14	0,887
	Freq. Esperada	8,2	5,8	14,0	
	% Linha	57,1%	42,9%	100,0%	
Feminino	Frequência	19	13	32	
	Freq. Esperada	18,8	13,2	32,0	
	% Linha	59,4%	40,6%	100,0%	
Total	Frequência	27	19	46	
	Freq. Esperada	27,0	19,0	46,0	
	% Linha	58,7%	41,3%	100,0%	

(1) Teste Quiquadrado de Pearson de homogeneidade de grupos

• **Comparação entre os grupos (adolescente e jovem) com respeito a se eles liam ou não a Bíblia.**

A tabela 3.1.2D compara, no grupo total dos 46 estudantes, os grupos (adolescente “versus” Jovem), com respeito a se eles liam ou não a Bíblia.

O teste Quiquadrado de Pearson, de homogeneidade de grupos, revela com uma probabilidade de significância $P = 0,655$, que os dois grupos (Adolescente e Jovem), são homogêneos (liam igualmente a Bíblia, em relação a cada uma das respostas: **SIM** ou **NÃO**) com respeito a se liam ou não a bíblia. As diferenças amostrais verificadas na tabela 3.1.2D são não significativas ($P > 0,05$), em termos populacionais. O teste exato: de Fisher ($P =$

0,766) e o teste Quiquadrado da Razão de verossimilhança ($P = 0,655$), obviamente, também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste de Pearson.

Tabela 3.1.2D – Comparação entre os grupos (Adolescente e Jovem) em relação à leitura da Bíblia.

Grupo	Frequências	Você lia a Bíblia?		Total	P ⁽¹⁾
		Sim	Não		
Adolescente	Frequência	16	10	26	0,655
	Freq. Esperada	15,3	10,7	26,0	
	% Linha	61,5%	38,5%	100,0%	
Jovem	Frequência	11	9	20	
	Freq. Esperada	11,7	8,3	20,0	
	% Linha	55,0%	45,0%	100,0%	
Total	Frequência	27	19	46	
	Freq. Esperada	27,0	19,0	46,0	
	% Linha	58,7%	41,3%	100,0%	

(1) Teste Quiquadrado de Pearson de homogeneidade de grupos

• **Você tinha devoção a Maria e aos Santos?**

O gráfico 3.1.2C ilustra que dos 46 estudantes estudados, 25 (54,3%) tinham devoção à Maria e aos santos e 21 (45,7%), não tinham.

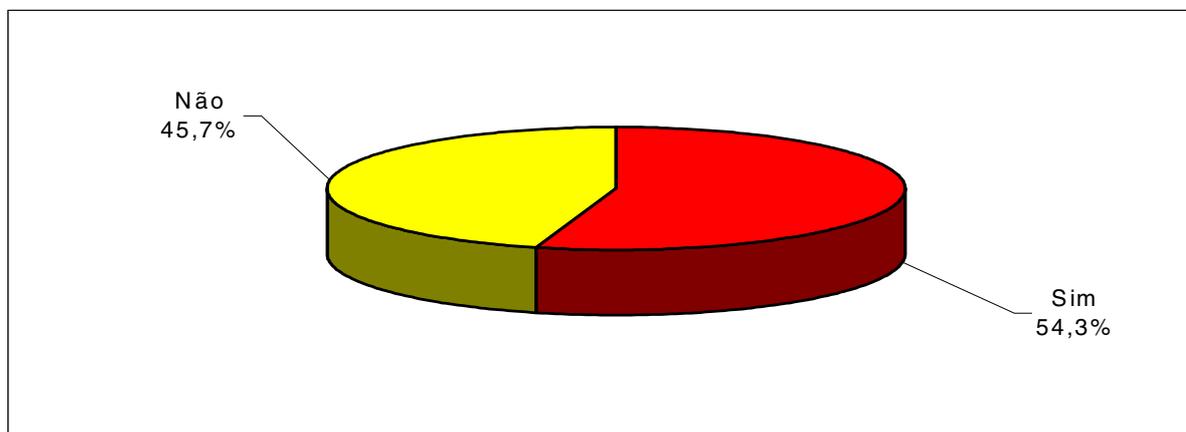


Gráfico 3.1.2C. Distribuição dos 46 estudantes em relação à devoção a Maria e aos Santos.

• **Comparação entre os gêneros (masculino e feminino) com respeito a se eles tinham ou não devoção a Maria e aos Santos**

A tabela 3.1.2.E compara, no grupo total dos 46 estudantes, os gêneros (Masculino “versus” Feminino), com respeito a se eles tinham ou não devoção a Maria e aos santos.

O teste Quiquadrado de Pearson, de homogeneidade de grupos, revela com uma probabilidade de significância $P = 0,801$, que os dois grupos (Masculino e Feminino), são homogêneos (tinham igualmente devoção a Maria e aos Santos, em relação a cada uma das respostas: **SIM** ou **NÃO**) com respeito a se tinham ou não devoção à Maria e aos Santos. As diferenças amostrais verificadas na tabela 3.1.2E são não significativas ($P > 0,05$), em termos populacionais. O teste exato de Fisher ($P = 1,000$) e o teste da **Razão de verossimilhança** ($P = 0,801$), obviamente, também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste Quiquadrado de Pearson.

Tabela 3.1.2E – Comparação entre os gêneros (Masculino e Feminino) em relação à devoção a Maria e aos Santos.

Gênero	Frequências	Você tinha devoção a Maria e aos Santos		Total	P ⁽¹⁾
		Sim	Não		
Masculino	Frequência	8	6	14	0,801
	Freq. Esperada	7,6	6,4	14,0	
	% Linha	57,1%	42,9%	100,0%	
Feminino	Frequência	17	15	32	
	Freq. Esperada	17,4	14,6	32,0	
	% Linha	53,1%	46,9%	100,0%	
Total	Frequência	25	21	46	
	Freq. Esperada	25,0	21,0	46,0	
	% Linha	54,3%	45,7%	100,0%	

(1) Teste Quiquadrado de Pearson de homogeneidade de grupos

• **Comparação entre os grupos (adolescente e jovem) com respeito a se eles tinham ou não devoção a Maria e aos Santos**

A tabela 3.1.2F compara, no grupo total dos 46 estudantes, os grupos (Adolescente “versus” Jovem), com respeito a se eles tinham ou não devoção a Maria e aos Santos.

O teste Quiquadrado de Pearson, de homogeneidade de grupos, revela com uma probabilidade de significância $P = 0,203$, que os dois grupos (Adolescente e Jovem), são homogêneos (tinham igualmente devoção a Maria e aos Santos, em relação a cada uma das respostas: **SIM** ou **NÃO**) com respeito a se tinham ou não devoção à Maria e aos Santos. As diferenças amostrais verificadas na tabela 3.1.2F são não significativas ($P > 0,05$), em termos populacionais. O teste exato de Fisher ($P = 0,244$) e o teste da Razão de verossimilhança ($P = 0,201$), obviamente, também comprovam a mesma decisão estatística (para todos eles $P > 0,05$) do teste Quiquadrado de Pearson.

Tabela 3.1.2F – Comparação entre os grupos (Adolescente e Jovem) em relação à devoção a Maria e aos Santos.

Grupo	Frequências	Você tinha devoção a Maria e aos Santos		Total	P ⁽¹⁾
		Sim	Não		
Adolescente	Frequência	12	14	26	0,203
	Freq. Esperada	14,1	11,9	26,0	
	% Linha	46,2%	53,8%	100,0%	
Jovem	Frequência	13	7	20	
	Freq. Esperada	10,9	9,1	20,0	
	% Linha	65,0%	35,0%	100,0%	
Total	Frequência	25	21	46	
	Freq. Esperada	25,0	21,0	46,0	
	% Linha	54,3%	45,7%	100,0%	

(1) Teste Quiquadrado de Pearson de homogeneidade de grupos

3.1.3 - Pessoas e fatores que agradavam

• Quem ou o que lhe agradava na Igreja Católica?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.3 e são seqüências de no máximo três alternativas, selecionadas das 9 seguintes alternativas:

1. O Padre
2. As pessoas. Quem
3. Os grupos que haviam na Igreja
4. A Catequese
5. As Normas
6. Os Rituais
7. As Músicas
8. As Festas paroquiais
9. Outro

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a freqüência percentual (8,7%), associada à seqüência (3-7-8), indica que 4 (8,7%) estudantes responderam que o que mais **agradava** eram: os **grupos que haviam**, as **músicas** e as **Festas paroquiais**.

Tabela 3.1.3 – Distribuição dos 46 estudantes em relação a quem ou que lhe agradava na Igreja.

Respostas	Freqüência	Freqüência %
1-2-3	1	2,2
1-3-4	1	2,2
1-3-7	1	2,2
1-3-8	1	2,2
1-4-9	1	2,2
1-4	2	4,3
1-7-8	1	2,2

1-7-9	1	2,2
1-9	1	2,2
2-3	1	2,2
2-7-8	1	2,2
2-7	2	4,3
2-8-9	1	2,2
2-8	1	2,2
2-9	2	4,3
2	3	6,5*
3-4-7	1	2,2
3-4-8	2	4,3
3-7-8	4	8,7*
3-7	2	4,3
3-8	1	2,2
3-9	1	2,2
4-7-8	1	2,2
4-8	1	2,2
4	1	2,2
5-9	1	2,2
6-8	1	2,2
7-9	1	2,2
7	2	4,3
9	6	13,0*
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.4 - Pessoas e fatores que desagradavam

• Quem ou o que lhe desagradava na Igreja Católica?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.4 e são seqüências de no máximo cinco alternativas, selecionadas das 9 seguintes alternativas:

1. O Padre
2. As pessoas. Quem?
3. Os grupos que haviam na Igreja

4. A Catequese
5. As Normas
6. Os Rituais
7. As Músicas
8. As Festas paroquiais
9. Outro:

Os asteriscos ao lado das frequências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores frequências percentuais). Por exemplo, a maior frequência percentual (13,0%), associada à seqüência (1-5), indica que 6 (13,0%) estudantes responderam que o que mais **desagradava** eram: o **padre** e as **normas**.

Tabela 3.1.4 – Distribuição dos 46 estudantes em relação à quem ou o que lhe desagradava na Igreja católica.

Respostas	Frequência	Frequência %
Não responderam	1	2,2
1-2-5-6-8	1	2,2
1-2	1	2,2
1-3-5	1	2,2
1-4-6	1	2,2
1-4	1	2,2
1-5-6-7	1	2,2
1-5-6-8	1	2,2
1-5-6	5	10,9*
1-5-7	1	2,2
1-5-9	1	2,2
1-5	6	13,0*
2-5-6	1	2,2
2-5	3	6,5*
2-6	1	2,2
3-5-6	1	2,2
3-5	1	2,2

4-6	1	2,2
4	1	2,2
5-6-8-9	1	2,2
5-6-9	2	4,3
5-6	3	6,5*
5-8	1	2,2
5-9	3	6,5*
5	1	2,2
6	1	2,2
9	4	8,7*
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.5 – Sentimentos como Católico.

3.1.5.1 – No culto da Igreja Católica como você se sentia ?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.5.1 e são seqüências de no máximo três alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Animado(a)
2. Insatisfeito(a)
3. Confiante
4. Longe de Deus
5. Sereno(a)
6. Triste
7. Fortalecido(a)
8. Inquieto(a)
9. Conformado(a)
10. Abençoado(a)
11. Outro

Os asteriscos ao lado das frequências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores frequências percentuais). Por exemplo, a maior frequência percentual (8,7%), é comum a duas respostas ou seqüências (2-4-8), e (2-8) indicando que: (a) 4 (8,7%) estudantes se sentiam insatisfeitos, longe de Deus e inquietos; (b) 4 (8,7%) estudantes se sentiam insatisfeitos e inquietos.

Tabela 3.1.5.1 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a como se sentia no culto da Igreja Católica.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-2-4	2	4,3
1-3-10	1	2,2
1-5-10	1	2,2
1-7-10	2	4,3
1-8	1	2,2
1-9	1	2,2
1	1	2,2
10-11	1	2,2
2-3-9	1	2,2
2-4-8	4	8,7*
2-4	1	2,2
2-5-9	1	2,2
2-6-8	1	2,2
2-7-8	1	2,2
2-8-9	1	2,2
2-8	4	8,7*
3-10	1	2,2
3-5-10	1	2,2
3-6-10	1	2,2
3-7-10	1	2,2
3-7	2	4,3
3-9-10	1	2,2
4-5-9	1	2,2

4-5	1	2,2
4-8	2	4,3
5-10	1	2,2
5-7-10	1	2,2
5-7-11	1	2,2
5-8-10	1	2,2
5-8-11	1	2,2
5	3	6,5*
6-9-10	1	2,2
6-9	1	2,2
8-10	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam respostas de destaque.

3.1.5.2 – No relacionamento com a Igreja Católica, como você se sentia?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.5.2 e são seqüências de no máximo três alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Acolhido(a)
2. Ameaçado(a)
3. Apoiado(a)
4. Dominado(a)
5. Compreendido(a)
6. Submisso(a)
7. Indiferente
8. Livre
9. Valorizado(a)
10. Desvalorizado(a)
11. Outro:

Os asteriscos ao lado das frequências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores frequências percentuais). Por exemplo, a maior frequência percentual (10,9%), associada à seqüência (8), indica que 5 (10,9%) estudantes responderam que se sentiam **livres**.

Tabela 3.1.5.2 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a como se sentia no relacionamento com a Igreja Católica.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-3	1	2,2
1-4-6	1	2,2
1-5-8	3	6,5*
1-8-9	1	2,2
10	1	2,2
2-3-9	1	2,2
2-6-10	1	2,2
2-8-10	1	2,2
3-5	1	2,2
3-8	3	6,5*
3	1	2,2
4-6	2	4,3
4-7-10	1	2,2
4-8	1	2,2
4	1	2,2
5-7-10	1	2,2
5-7-8	2	4,3
5	1	2,2
6-10	1	2,2
6-11	1	2,2
6-7	2	4,3
6	1	2,2
7-10	4	8,7*
7-11	2	4,3

7-8-10	1	2,2
7-8	1	2,2
7	2	4,3
8-10	2	4,3
8	5	10,9*
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.5.3 – Na sua atuação social, na Igreja Católica, como você se sentia?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.5.3 e são seqüências de no máximo três alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Comprometido(a)
2. Espontâneo(a)
3. Responsável por mudanças sociais
4. Egoísta
5. Solidário(a)
6. Não responsável por mudanças sociais
7. Tímido(a)
8. Fraternal(a)
9. Generoso(a) com os necessitados
10. Solitário(a)
- 11. Outro:**

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a freqüência percentual (6,5%), é comum a duas respostas ou seqüências (6), e (7) indicando que: (a) 3 (6,5%) estudantes se sentiam não responsáveis por mudanças sociais; (b) 3 (6,5%) estudantes se sentiam tímidos.

Tabela 3.1.5.3 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a como se sentia na sua atuação social na Igreja Católica.

Respostas	Frequência	Frequência %
Não responderam	1	2,2
1-2-7	1	2,2
1-3-5	1	2,2
1-3	1	2,2
1-6-7	1	2,2
1-7-10	1	2,2
1-9	1	2,2
1	1	2,2
10-11	1	2,2
11	6	13,0*
2-3-9	1	2,2
2-5-8	2	4,3
2-5-9	2	4,3
2-7	1	2,2
2	2	4,3
5-10	1	2,2
5-7-9	1	2,2
5-7	1	2,2
5-8-9	1	2,2
5-8	2	4,3
5	2	4,3
6-10	1	2,2
6-7-10	1	2,2
6-7	1	2,2
6	3	6,5*
7-10	2	4,3
7	3	6,5*
8-9	1	2,2

8	1	2,2
9-10	1	2,2
9	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.5.4 – Com o ensinamento na Igreja Católica, como você se sentia?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.5.4 e são seqüências de no máximo cinco alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Evangelizado(a)
2. Inseguro(a) da Salvação
3. Não evangelizado(a)
4. Temente a Deus
5. Missionário(a)
6. Seguro(a) da Salvação
7. Convicto(a)
8. Não temente a Deus
9. Descrente
10. Não missionário(a)
11. Outro:

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a maior freqüência percentual (6,5%), é comum a duas respostas ou seqüências (2), e (4) indicando que: (a) 3 (6,5%) estudantes se sentiam **inseguros(as) da salvação**; (b) 3 (6,5%) estudantes se sentiam **tementes a Deus**.

Tabela 3.1.5.4 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a como se sentia com os ensinamentos da Igreja Católica.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-10	1	2,2
1-11	1	2,2
1-2-4-10-11	1	2,2
1-2-4	1	2,2
1-4-11	1	2,2
1-4-6	1	2,2
1-4	1	2,2
1-5	1	2,2
1-6-10	1	2,2
1-6-7	1	2,2
1-7-8	1	2,2
1	1	2,2
11	2	4,3
2-10	1	2,2
2-11	1	2,2
2-3-	1	2,2
2-3-10	1	2,2
2-3-8	1	2,2
2-3	2	4,3
2-4-10	2	4,3
2-4-7	2	4,3
2-4-9	1	2,2
2-8-10	1	2,2
2-9-10	2	4,3
2-9	2	4,3
2	3	6,5*
3-11	1	2,2
3-8-9	1	2,2
3-9-10	1	2,2

3	1	2,2
4-6	1	2,2
4-7	1	2,2
4	3	6,5*
6	1	2,2
8	1	2,2
9-10	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.5.5 – No que diz respeito ao seu bem estar pessoal, na Igreja Católica, como você se sentia?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.5.5 e são seqüências de no máximo três alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Em paz
2. Perdido(a)
3. Amado(a) por Jesus
4. Culpado(a)
5. Tranqüilo(a)
6. Não amado(a) por Jesus
7. Seguro(a)
8. Salvo(a)
9. Inseguro(a)
10. Intranqüilo(a)
11. Outro:

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a maior freqüência percentual (10,9%), é comum a três respostas ou seqüências (2-9-10), (2,9) e (5) indicando que: (a) 5 (10,9%) estudantes se sentiam **perdidos(as)**,

Inseguros(as) e Intranqüilos(as); (b) 5 (10,9%) estudantes se sentiam **perdidos(as) e inseguros;** **(c) 5 (10,9%)** estudantes se sentiam **tranqüilos(as)**.

Tabela 3.1.5.5 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a como se sentiam no que diz respeito ao seu bem estar.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-2-5	1	2,2
1-3-5	2	4,3
1-3-7	2	4,3
1-3-8	1	2,2
1-3	1	2,2
1-5-7	3	6,5*
1-5-8	1	2,2
1-5-9	2	4,3
1-5	3	6,5*
1-8	1	2,2
1	1	2,2
10	1	2,2
2-11	1	2,2
2-3	1	2,2
2-4-9	1	2,2
2-6	1	2,2
2-9-10	5	10,9*
2-9-11	1	2,2
2-9	5	10,9*
2	1	2,2
3-9-10	1	2,2
4-9-10	1	2,2
5	5	10,9*
9-10	2	4,3
9	2	4,3

Total	46	100,0
-------	----	-------

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.6 – Pessoas e fatores da mudança (de católico para a atual religião).

3.1.6.1 – Quem lhe fez mudar da Igreja Católica para a sua atual Igreja?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.6.1 e são seqüências de no máximo três alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Pais
2. Pai
3. Mãe
4. Avô
5. Avó
6. Parentes
7. Vizinhos(as)
8. Escola
9. Professores
10. Amigos(as)
11. Outro:

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a freqüência percentual (8,7%), é comum a duas respostas ou seqüências (10), e (6-10) indicando que: (a) 4 (8,7%) estudantes responderam “**amigos(as)**”; (b) 4 (8,7%) estudantes responderam “**parentes e amigos**”.

Tabela 3.1.6.1 – Distribuição do 46 estudantes com respeito a quem lhe fez mudar da Igreja Católica para a atual Igreja.

Respostas	Freqüência	Freqüência %
-----------	------------	--------------

1-10-11	1	2,2
1-10	1	2,2
1-8-10	1	2,2
10-11	1	2,2
10	4	8,7*
11	8	17,4*
2	2	4,3
3-10-11	2	4,3
3-10	2	4,3
3-11	2	4,3
3-6-10	1	2,2
3-6	1	2,2
3-9	1	2,2
3	3	6,5*
4-5-10	1	2,2
5-10-11	1	2,2
6-10	4	8,7*
6-11	1	2,2
6-9	1	2,2
6	2	4,3
7-8-10	1	2,2
7-8-9	1	2,2
7-8	1	2,2
8-11	1	2,2
9-10	2	4,3
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.6.2 – O que lhe fez mudar de Igreja (da Católica para a sua atual)?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.6.2 e são seqüências de no máximo quatro alternativas, selecionadas das 12 seguintes alternativas:

1. Obediência: A quem?
2. Convite: De quem?
3. Amizade
4. Insistência
5. A beleza do culto
6. A pregação do líder religioso
7. As ameaças do líder religioso
8. Discordância dos ensinamentos da Igreja
9. Falta de apoio da Igreja em momentos difíceis
10. Busca de sentido para a vida
11. Uma aproximação maior com Deus
12. Outro:

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a maior freqüência percentual (6,5%), associada à seqüência (2-5), indica que 3 (6,5%) estudantes responderam “**convite e a beleza do culto**”.

Tabela 3.1.6.2 – Distribuição dos 46 estudantes em relação a o que lhe fez mudar da Igreja Católica para a sua atual.

Respostas	Freqüência	Freqüência %
1-2-10	1	2,2
1-2-11	1	2,2
1-3-11	1	2,2
1-6-11	1	2,2
1	1	2,2
11	1	2,2
12	2	4,3
2-10-11	2	4,3
2-10-12	1	2,2

2-11	1	2,2
2-3-11	1	2,2
2-3-5	1	2,2
2-3-6	1	2,2
2-3-9	1	2,2
2-4-7	1	2,2
2-4-8-10	1	2,2
2-5-8	1	2,2
2-5	3	6,5*
2-6-11	1	2,2
2-6-8-11	1	2,2
2-8-11	1	2,2
2-8-12	1	2,2
2-8	2	4,3
2	1	2,2
3-11	1	2,2
3-4-10	1	2,2
3-4-8	1	2,2
3-5-11	1	2,2
3-5-12	1	2,2
3-8-10-11	1	2,2
3-8-10	1	2,2
4-10-11	1	2,2
5-10-11	2	4,3
5-11-12	1	2,2
5-6-10	1	2,2
5-6-11	1	2,2
6-10-11	1	2,2
6-8-10	1	2,2
8-10-11	1	2,2
8-10-12	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.6.3 – Quem lhe faz ficar nessa atual Igreja?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.6.3 e são seqüências de no máximo três alternativas, selecionadas das 12 alternativas a seguir e que foram rotuladas convenientemente:

1. Pai
2. Mãe
3. Pai e Mãe
4. Parentes ou familiares. Quem?
5. Amigos(as)
6. Eu mesmo(a)
7. Líder religioso
- 8. Outro:**

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a maior freqüência percentual (56,5%), associada à seqüência (6), indica que 26 (56,5%) estudantes responderam “**Eu mesmo(a)**”.

Tabela 3.1.6.3 – Distribuição dos 46 estudantes em relação a quem lhe faz ficar nessa atual Igreja.

Respostas	Freqüência	Freqüência %
1-5-6	1	2,2
1-6	1	2,2
2-4-6	1	2,2
2-4-8	1	2,2
2-5-6	1	2,2
4-6	1	2,2
5-6-7	1	2,2

5-6-8	2	4,3
5-6	4	8,7*
5	1	2,2
6-7	1	2,2
6-8	1	2,2
6	26	56,5*
7	1	2,2
8	3	6,5*
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.6.4 – O que você mais gosta na atual Igreja?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.6.4 e são seqüências de no máximo sete alternativas, selecionadas das 12 seguintes alternativas:

1. Culto
2. Música
3. Amor a Bíblia
4. Encontros de Jovens
5. Acampamentos
6. Retiros
7. Eventos da comunidade. Quais?
8. Trabalho social na comunidade:
9. Encenações teatrais e catequéticos
10. Valorização dos membros da Igreja
11. A pregação missionária
12. Outro:

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a maior freqüência percentual (6,5%), associada à seqüência (1-2-12), indica que 3 (6,5%) estudantes responderam “**culto, música e outro**”.

Tabela 3.1.6.4 – Distribuição dos 46 estudantes em relação ao que eles mais gostam na atual Igreja.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-10-12	1	2,2
1-11-12	1	2,2
1-12	1	2,2
1-2-10	1	2,2
1-2-11	2	4,3
1-2-12	3	6,5*
1-2-3-4-5-6	1	2,2
1-2-3-4-5	1	2,2
1-2-3	2	4,3
1-2-4-12	1	2,2
1-2-4-5-7-9-12	1	2,2
1-2-4-8	1	2,2
1-2-4	1	2,2
1-2-8	1	2,2
1-2	2	4,3
1-3-11	1	2,2
1-4-7-8	1	2,2
1-5-11	1	2,2
1-5	2	4,3
1-6-11	1	2,2
1-6-8	1	2,2
1-7-12	1	2,2
1-7-8	2	4,3
1-8	1	2,2
11	1	2,2
12	2	4,3
2-10-12	1	2,2
2-3-4	1	2,2

2-4-5	1	2,2
2-4-6	1	2,2
2-4-9-10	1	2,2
3-4	1	2,2
3-5-10	1	2,2
4-10-11	1	2,2
4-12	1	2,2
4-5	1	2,2
8-10-11	1	2,2
8	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.7 – Sentimentos na atual Igreja

3.1.7.1 - No culto da atual Igreja, como você se sente?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.7.1 e são seqüências de no máximo cinco alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Animado(a)
2. Insatisfeito(a)
3. Confiante
4. Longe de Deus
5. Sereno(a)
6. Triste
7. Fortalecido(a)
- 8. Inquieto(a)**
9. Conformado(a)
10. Abençoado(a)
11. Outro:

Os asteriscos ao lado das frequências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores frequências percentuais). Por exemplo, a maior frequência percentual (15,2%), associada à seqüência (1-3-7), indica que 7 (15,2%) estudantes responderam “**animado(a), confiante e fortalecido(a)**”.

Tabela 3.1.7.1 – Distribuição dos 46 estudantes com relação a o que você mais sente no culto de sua atual Igreja.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-3-10	5	10,9*
1-3-11	1	2,2
1-3-7-10-11	1	2,2
1-3-7-10	2	4,3
1-3-7	7	15,2*
1-5-7	1	2,2
1-7-10	4	8,7*
1-7	1	2,2
1-9-10	1	2,2
1-9	1	2,2
11	2	4,3
2-4-8	1	2,2
2-8	1	2,2
3-10	1	2,2
3-5-7	4	8,7*
3-6-9	1	2,2
3-7-10	5	10,9*
3-7-11	2	4,3
3-7	1	2,2
7-10-11	2	4,3
7-10	1	2,2
7-9-10	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.7.2 – No relacionamento com a sua atual Igreja como você se sente?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.7.2 e são seqüências de no máximo quatro alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Acolhido(a)
2. Ameaçado(a)
3. Apoiado(a)
4. Dominado(a)
5. Compreendido(a)
6. Submisso(a)
7. Indiferente
8. Livre
9. Valorizado(a)
- 10. Desvalorizado(a)**
- 11. Outro:**

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por exemplo, a maior freqüência percentual (17,4%), associada à seqüência (1-3-5), indica que 8 (17,4%) estudantes responderam “**acolhido(a), apoiado(a) e compreendido(a)**”.

Tabela 3.1.7.2 – Distribuição dos 46 estudantes com respeito a o que mais sente no relacionamento com a sua atual Igreja.

Respostas	Freqüência	Freqüência %
1-2-5	1	2,2
1-3-5-6	1	2,2
1-3-5-9	2	4,3
1-3-5	8	17,4*
1-3-8	1	2,2
1-3-9	2	4,3

1-5-8	4	8,7*
1-5-9	5	10,9*
1-5	2	4,3
1-6-7	1	2,2
1-8-9	1	2,2
1-8	1	2,2
1-9	1	2,2
1	2	4,3
2-4-10	1	2,2
3-5-8	1	2,2
3-5-9	2	4,3
3-5	1	2,2
3-8-11	1	2,2
3-8-9	1	2,2
3-9-11	2	4,3
3	1	2,2
5-8-11	1	2,2
5-8-9	1	2,2
5	1	2,2
6-9	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.7.3 – Na sua atuação social da sua atual Igreja, como você se sente?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.7.3 e são seqüências de no máximo quatro alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Comprometido(a)
2. Espontâneo(a)
3. Responsável por mudanças sociais

4. Egoísta
5. Solidário(a)
6. Não responsável por mudanças sociais
7. Tímido(a)
8. Fraternal(a)
9. Generoso(a) com os necessitados
10. Solitário(a)
- 11. Outro:**

Os asteriscos ao lado das frequências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores frequências percentuais). Por exemplo, a maior frequência percentual (6,5%), associada à seqüência (2), indica que 3 (6,5%) estudantes responderam “**espontâneo(a)**”.

Tabela 3.1.7.3 – Distribuição dos 46 estudantes em relação a o que eles mais sente na atuação social da sua atual Igreja.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-2-10	1	2,2
1-2-3	1	2,2
1-2-5	2	4,3
1-2-9	1	2,2
1-2	2	4,3
1-3-5-8	1	2,2
1-3-5	1	2,2
1-3-8	1	2,2
1-3-9	1	2,2
1-5-8	2	4,3
1-5-9	2	4,3
1-5	1	2,2
1-9	1	2,2
11	1	2,2
2-11	1	2,2

2-3-5	1	2,2
2-3-9	1	2,2
2-5-8	2	4,3
2-5	2	4,3
2-7	1	2,2
2-8-9	2	4,3
2-8	1	2,2
2-9	2	4,3
2	3	6,5*
4-7-11	1	2,2
5-6-7	1	2,2
5-8-9	1	2,2
5-9	1	2,2
5	2	4,3
6	1	2,2
7-11	1	2,2
7	2	4,3
8-9-11	1	2,2
9	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.7.4 – Com o ensinamento da sua atual Igreja, como você se sente?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.7.4 e são seqüências de no máximo cinco alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Evangelizado(a)
2. Inseguro(a) da Salvação
3. Não evangelizado(a)
4. Temente a Deus

5. Missionário(a)
6. Seguro(a) da Salvação
7. Convicto(a)
8. Não teme a Deus
9. Descrente
10. Não missionário(a)
11. Outro:

Os asteriscos ao lado das frequências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores frequências percentuais). Por exemplo, a maior frequência percentual (19,6%), associada à seqüência (1-4-6), indica que 9 (19,6%) estudantes responderam “**evangelizado, teme a Deus e seguro da salvação**”.

Tabela 3.1.7.4 – Distribuição dos 46 estudantes em relação a como eles se sentem com o ensinamento da sua atual Igreja.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-11	1	2,2
1-4-10	1	2,2
1-4-5-6-7	1	2,2
1-4-5-6	1	2,2
1-4-6-7	1	2,2
1-4-6	9	19,6*
1-4-7	2	4,3
1-5-6	1	2,2
1-5-7	3	6,5*
1-5	1	2,2
1-6-7	2	4,3
1-6	1	2,2
1-7	3	6,5*
1-8	1	2,2
1	3	6,5*
11	2	4,3
2-3-9	1	2,2

2-3	1	2,2
2-8	1	2,2
4	1	2,2
5-6-7	1	2,2
5-7-8	1	2,2
7-10	1	2,2
7-11	2	4,3
7	3	6,5*
8	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.7.5 – No que diz respeito ao seu bem estar pessoal na atual Igreja, como você se sente?

As respostas dos estudantes encontram-se na tabela 3.1.7.5 e são seqüências de no máximo cinco alternativas, selecionadas das 11 seguintes alternativas:

1. Em paz
2. Perdido(a)
3. Amado(a) por Jesus
4. Culpado(a)
5. Tranqüilo(a)
6. Não amado(a) por Jesus
7. Seguro(a)
8. Salvo(a)
9. Inseguro(a)
10. Intranqüilo(a)
11. Outro:

Os asteriscos ao lado das freqüências percentuais, na tabela a seguir, identificam os destaques (seqüências de números associadas às maiores freqüências percentuais). Por

exemplo, a maior frequência percentual (17,4%), associada à sequência (1-3-5), indica que 8(17,4%) estudantes responderam “**em paz, amado(a) por Jesus e tranqüilo(a)**”.

Tabela 3.1.7.5 – Distribuição dos 46 estudantes em relação a como eles se sentem com respeito ao seu bem estar pessoal na atual Igreja.

Respostas	Frequência	Frequência %
1-3-11	1	2,2
1-3-5-7-8	1	2,2
1-3-5-7	1	2,2
1-3-5	8	17,4*
1-3-7-8	2	4,3
1-3-7	7	15,2*
1-3-8	2	4,3
1-3	1	2,2
1-5-7	5	10,9*
1-5	3	6,5*
1-7-11	1	2,2
1	2	4,3
13-4	1	2,2
2-4-9	1	2,2
2-4	1	2,2
2-9-10	1	2,2
3-5-7	1	2,2
3-5-8	1	2,2
3-5	1	2,2
3-7-8	1	2,2
3-8-10	1	2,2
3-8-11	1	2,2
5-11	1	2,2
5	1	2,2
Total	46	100,0

(*) Indicam as respostas de destaque.

3.1.8 – Outras atividades eclesiais desejadas pelos entrevistados:

O gráfico 3.1.8, ilustra que dentre os 46 estudantes entrevistados assim responderam: 11 (23,9%) “orientações políticas”; 2 (4,3%) “mais trabalhos assistenciais”; 3 (6,5%) “mais encontros religiosos bíblicos”; 2 (4,3%) “outros serviços”; 12 (26,1%) “motivações litúrgico-pastorais”; 6 (13,0%) “encontro de jovens”; 5 (10,9%) “trabalho missionário”; 2 (4,3%) “acampamentos” e 3 (6,5%) “outros”.

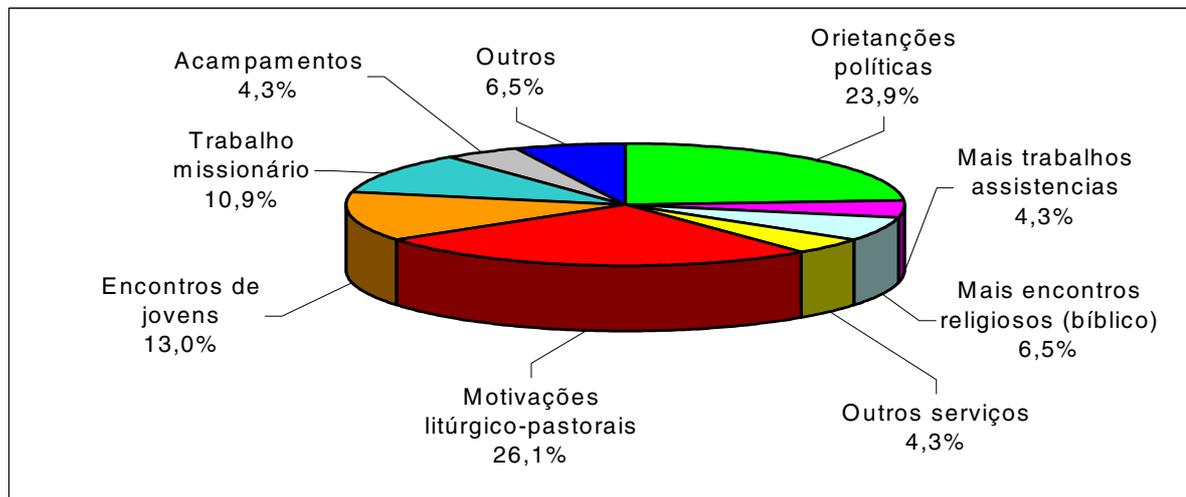


Gráfico 3.1.8 – Distribuição das respostas dos estudantes com respeito a outras atividades eclesiais desejadas.

4. Posicionamento e Percepção religiosa

4.1 – Igreja ideal para os entrevistados

O gráfico 4.1, ilustra que dentre os 46 estudantes entrevistados assim responderam: 12 (26,1%) “decente”; 10 (21,7%) “atraente”; 9 (19,6%) “livre”; 5 (10,9%) “acolhedora”; 4 (8,7%) “jovial”; 3 (6,5%) “espiritualizada” e 3 (6,5%) “fundamentada biblicamente”.

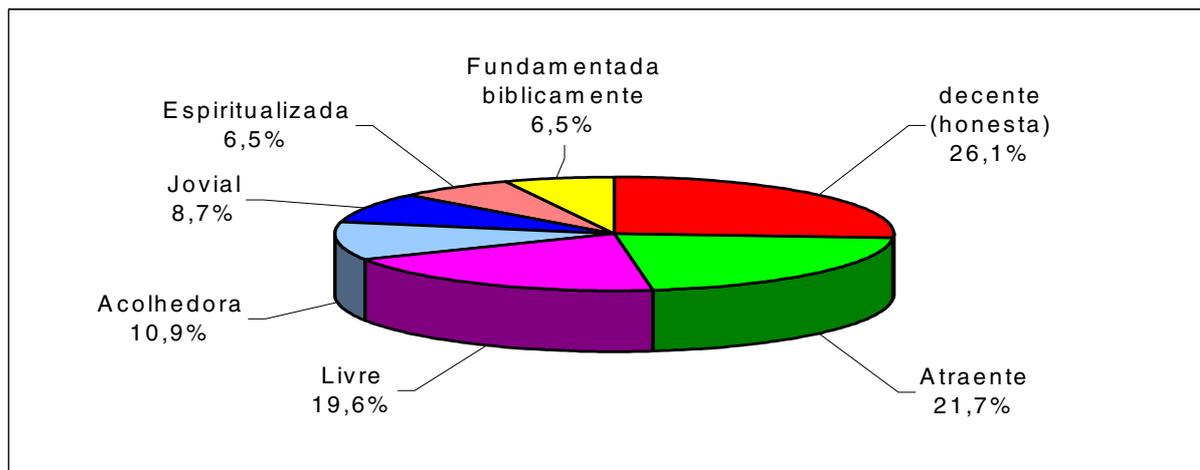


Gráfico 4.1 – Distribuição das respostas dos estudantes com respeito à Igreja ideal.

4.2 - Posição da família em relação à Igreja do(a) filho(a)

O gráfico 4.2, ilustra que dentre os 46 estudantes entrevistados assim responderam: 25 (54,3%) “apóia”; 11 (23,9%) “não interfere”; 8 (17,4%) “não apoia” e 2 (4,3%) “não sabe”.

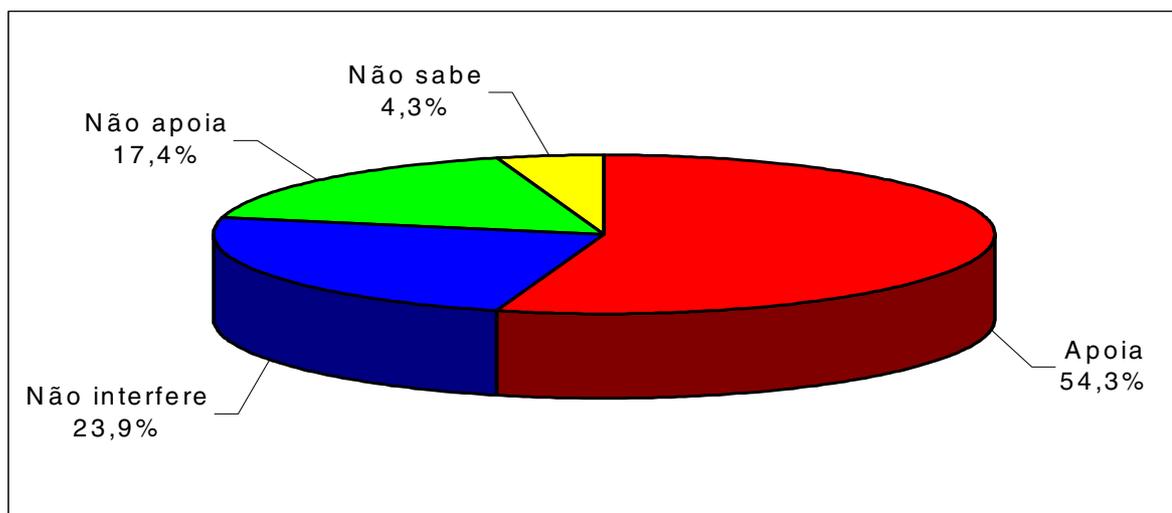


Gráfico 4.2 – Distribuição da posição da família em relação à Igreja do(a) filho(a)

4.3 - Diálogo sobre as religiões.

O gráfico 4.3, ilustra que dentre os 46 estudantes entrevistados assim responderam: 15 (32,6%) “legal (bom)”; 13 (28,3%) “importante”; 7(15,2%) “contra”; 5 (10,9%) “necessário”; 2 (4,3%) “difícil” e 4 (8,7%) “chato”.

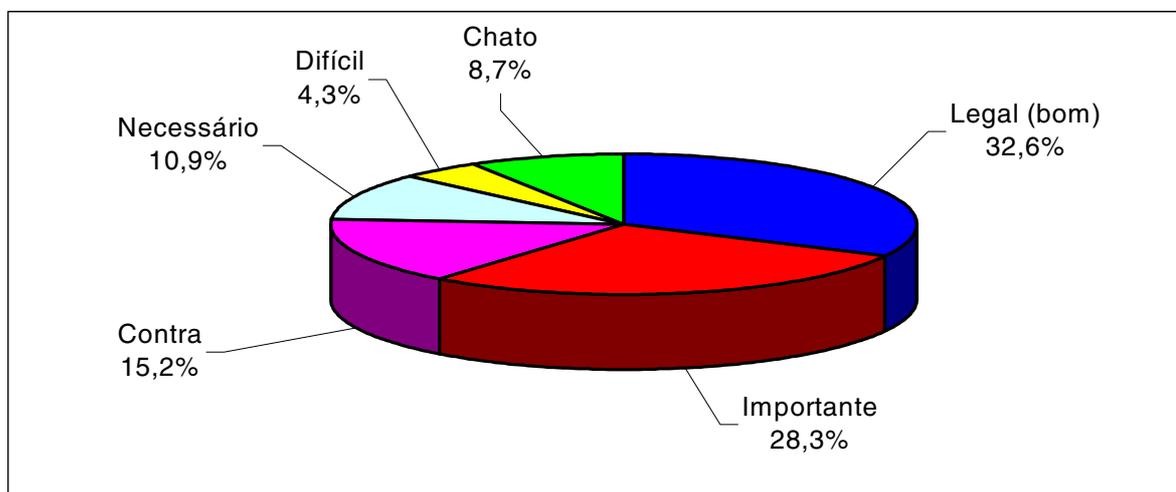


Gráfico 4.3 – Distribuição das respostas dos estudantes em relação ao diálogo sobre as religiões

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO MISTO

Título: “Os Mecanismos Psicossociais e Religiosos da Mudança de Igreja entre Adolescentes e Jovens Católicos do Liceu de Artes e Ofícios/Unicap”.

A) Dados Sociodemográficos

Código do entrevistador: _____

1) Idade (entre 14 – 25 anos) _____ anos.

2) Sexo:

1 () M

2 () F

3) Curso:

1 () Fundamental Série: _____

2 () Médio Série: _____

3 () Técnico Série: _____ () Contabilidade

() Administração

4 () Outro Qual? _____

4) Turno:

1 () Manhã

2 () Tarde

3 () Noite

5) Estado Civil:

1 () Solteiro(a)

2 () Casado(a)

3 () Outro

6) Bairro onde mora: _____

7) Moradia:

- 1 () Sozinho(a)
- 2 () Com os pais
- 3 () Com o pai
- 4 () Com a mãe
- 5 () Com parentes ou familiares. Quem? _____
- 6 () Outros. Quem? _____

8) Você Trabalha?

- 1 () Sim
- 2 () Não

9) Em que você trabalha? _____

- 1 () Carteira assinada
- 2 () Estágio
- 3 () Sem vínculo profissional
- 4 () Autônomo(a)
- 5 () Outro(a) _____

10) Qual a Igreja (comunidade de fé) dos seus pais ou responsáveis?

Pai _____

Mãe _____

B) Pertença Religiosa

11) Qual o nome de sua atual Igreja (comunidade de fé)?

12) Há quanto tempo você pertence a essa Igreja (comunidade de fé)?

13) A que outras Igrejas você já pertenceu?

14) O que você acha de sua atual Igreja ? (até 03 alternativas)

- 1 () Aberta
- 2 () Moderna
- 3 () Alegre
- 4 () Espiritualizada
- 5 () Conservadora (fechada)
- 6 () Outro: _____

15) Como é sua frequência à Igreja? (apenas 01 alternativa)

- 1 () Todos os dias
- 2 () Uma vez por semana
- 3 () Quinzenal
- 4 () Mensalmente
- 5 () Anualmente
- 6 () Outra: Como? _____
- 7 () Não frequente

16) Como você atua nessa Igreja? (apenas 01 alternativa)

- 1 () Simples atuante – Como? _____
- 2 () Atuante em grupo(s) – Como? _____
- 3 () Liderando grupo(s) – Como? _____
- 4 () Outro – Como? _____
- 5 () Não participo de nada – Por que? _____

C) Mudança de Igreja

17) Quando você era católico(a):

1) Você frequentava a Missa?

- () Sim, aos Domingos
- () Sim, de vez em quando
- () Não frequentava

2) Você recebia os Sacramentos? (Batismo, Confissão, Eucaristia, Crisma e Casamento)

- () Sim. Quais? _____
- () Não. Por que? _____

3) Você lia a Bíblia?

() Sim. Como? _____

() Não. Por que? _____

4) Você tinha devoção a Maria e aos Santos?

18) Sua frequência à Igreja Católica era:

1 () Com os Pais: () Pai ou () Mãe

2 () Com parentes familiares: Quem? _____

3 () Com colegas ou amigos(as) _____

4 () Com estranhos: Quem? _____

5 () Sozinho(a)

19) Quem ou o que lhe agradava na Igreja Católica? (até 03 alternativas)

1 () O Padre

2 () As pessoas. Quem? _____

3 () Os grupos que haviam na Igreja

4 () A Catequese

5 () As Normas

6 () Os Rituais

7 () As Músicas

8 () As Festas paroquiais

9 () Outro: _____

20) Quem ou o que lhe desagradava na Igreja Católica? (Até 03 alternativas)

1 () O Padre

2 () As pessoas. Quem? _____

3 () Os grupos que haviam na Igreja

4 () A Catequese

5 () As Normas

6 () Os Rituais

7 () As Músicas

8 () As Festas paroquiais

9 () Outro: _____

21) Com relação aos sentimentos, o que mais você sentia quando pertencia à Igreja Católica.

(Responder até 03 alternativas)

A) No culto da Igreja Católica, você se sentia mais...(até 03 alternativas)

1 () Animado(a)

2 () Insatisfeito(a)

3 () Confiante

4 () Longe de Deus

5 () Sereno(a)

6 () Triste

7 () Fortalecido(a)

8 () Inquieto(a)

9 () Conformado(a)

10 () Abençoado(a)

11 () Outro: _____

B) No relacionamento com a Igreja Católica você se sentia mais...(até 03 alternativas)

1 () Acolhido(a)

2 () Ameaçado(a)

3 () Apoiado(a)

4 () Dominado(a)

5 () Compreendido(a)

6 () Submisso(a)

7 () Indiferente

8 () Livre

9 () Valorizado(a)

10 () Desvalorizado(a)

11 () Outro: _____

C) Na sua atuação social na Igreja Católica você se sentia mais... (até 03 alternativas)

1 () Comprometido(a)

2 () Espontâneo(a)

- 3 () Responsável por mudanças sociais
- 4 () Egoísta
- 5 () Solidário(a)
- 6 () Não responsável por mudanças sociais
- 7 () Tímido(a)
- 8 () Fraternal(a)
- 9 () Generoso(a) com os necessitados
- 10 () Solitário(a)
- 11 () Outro: _____

D) Com o ensinamento na Igreja Católica você se sentia mais... (até 03 alternativas)

- 1 () Evangelizado(a)
- 2 () Inseguro(a) da Salvação
- 3 () Não evangelizado(a)
- 4 () Temente a Deus
- 5 () Missionário(a)
- 6 () Seguro(a) da Salvação
- 7 () Convicto(a)
- 8 () Não temente a Deus
- 9 () Descrente
- 10 () Não missionário(a)
- 11 () Outro: _____

E) No que diz respeito ao seu bem estar pessoal, na Igreja Católica você se sentia... (até 03 alternativas)

- 1 () Em paz
- 2 () Perdido(a)
- 3 () Amado(a) por Jesus
- 4 () Culpado(a)
- 5 () Tranquilo(a)
- 6 () Não amado(a) por Jesus
- 7 () Seguro(a)
- 8 () Salvo(a)
- 9 () Inseguro(a)
- 10 () Intranquilo(a)

11 () Outro: _____

22) Quem lhe fez mudar da Igreja Católica para a atual Igreja? (até 03 alternativas)

1 () Pais

2 () Pai

3 () Mãe

4 () Avô

5 () Avó

6 () Parentes

7 () Vizinhos(as)

8 () Escola

9 () Professores

10 () Amigos(as)

11 () Outro: _____

23) O que lhe fez mudar de Igreja (da Católica para a sua atual)?

1 () Obediência: A quem? _____

2 () Convite: De quem? _____

3 () Amizade

4 () Insistência

5 () A beleza do culto

6 () A pregação do líder religioso

7 () As ameaças do líder religioso

8 () Discordância dos ensinamentos da Igreja

9 () Falta de apoio da Igreja em momentos difíceis

10 () Busca de sentido para a vida

11 () Uma aproximação maior com Deus

12 () Outro: _____

24) Quem lhe faz ficar nessa atual Igreja? (até 03 alternativas)

1 () Pais [() Pai () Mãe]

2 () Parentes ou familiares. Quem? _____

3 () Amigos(as)

4 () Eu mesmo (a)

5 () Líder religioso

6 () Outro: _____

25) O que você mais gosta na atual Igreja? (até 03 alternativas)

1 () Culto

2 () Música

3 () Amor à Bíblia

4 () Encontros de Jovens

5 () Acampamentos

6 () Retiros

7 () Eventos da comunidade. Quais? _____

8 () Trabalho social na comunidade: _____

9 () Encenações teatrais e catequéticos

10 () Valorização dos membros da Igreja

11 () A pregação missionária

12 () Outro: _____

26) Com relação aos sentimentos o que mais você sente na sua atual Igreja?

A) No culto da atual Igreja, você se sente mais... (até 03 alternativas)

1 () Animado(a)

2 () Insatisfeito(a)

3 () Confiante

4 () Longe de Deus

5 () Sereno(a)

6 () Triste

7 () Fortalecido(a)

8 () Inquieto(a)

9 () Conformado(a)

10 () Abençoado(a)

11 () Outro: _____

B) No relacionamento com a sua atual Igreja, você se sente mais... (até 03 alternativas)

1 () Acolhido(a)

2 () Ameaçado(a)

- 3 () Apoiado(a)
- 4 () Dominado(a)
- 5 () Compreendido(a)
- 6 () Submisso(a)
- 7 () Indiferente
- 8 () Livre
- 9 () Valorizado(a)
- 10 () Desvalorizado(a)
- 11 () Outro: _____

C) Na sua atuação social da sua atual Igreja, você se sente mais... (até 03 alternativas)

- 1 () Comprometido(a)
- 2 () Espontâneo(a)
- 3 () Responsável por mudanças sociais
- 4 () Egoísta
- 5 () Solidário(a)
- 6 () Não responsável por mudanças sociais
- 7 () Tímido(a)
- 8 () Fraternal(a)
- 9 () Generoso(a) com os necessitados
- 10 () Solitário(a)
- 11 () Outro: _____

D) Com o ensinamento da sua atual Igreja, você se sente mais... (até 03 alternativas)

- 1 () Evangelizado(a)
- 2 () Inseguro(a) da Salvação
- 3 () Não evangelizado(a)
- 4 () Temente a Deus
- 5 () Missionário(a)
- 6 () Seguro(a) da Salvação
- 7 () Convicto(a)
- 8 () Não temente a Deus
- 9 () Descrente
- 10 () Não missionário(a)

11 () Outro: _____

E) No que diz respeito ao seu bem estar pessoal, na atual Igreja você se sente... (até 03 alternativas)

1 () Em paz

2 () Perdido(a)

3 () Amado(a) por Jesus

4 () Culpado(a)

5 () Tranqüilo(a)

6 () Não amado(a) por Jesus

7 () Seguro(a)

8 () Salvo(a)

9 () Inseguro(a)

10 () Intranqüilo(a)

11 () Outro: _____

27) Que outras atividades você gostaria que a sua atual Igreja tivesse?(até 03 alternativas)

1 () Mais encontros religiosos (bíblicos): _____

2 () Mais trabalhos assistenciais: _____

3 () Orientações políticas: _____

4 () Outros serviços: _____

5 () Outro: _____

28) Qual a Igreja ideal para Adolescentes e jovens?

29) O que sua família acha do fato de você pertencer a essa Igreja atualmente?

30) O que você acha do diálogo entre as várias Religiões?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, ciente da importância da Pesquisa para o avanço científico e tecnológico da cultura do País, esclarecidos de todos os passos constantes nessa Pesquisa intitulada “**Os Mecanismos Psicossociais e Religiosos da Mudança da Igreja e entre os Adolescentes e Jovens do Liceu de Artes e Ofícios / Unicap**”, declaro que aceito participar livremente da mesma na qualidade de entrevistado.

Afirmo, outrossim, que, de livre e espontânea vontade me submeto à metodologia da referida Pesquisa que constará da aplicação de um questionário misto de 25 questões (perguntas fechadas e abertas) a 20 adolescentes e 20 jovens, na faixa etária de 13 a 24 anos.

Estou consciente que participar dessa Pesquisa é importante para melhor entender adolescentes e jovens católicos em crise com sua Igreja de origem e que, devido a variáveis psíquicas, sociais e religiosas, mudam de Igreja. Um estudo sobre os fatores provocadores de mudança de Igreja, certamente, contribuirá para uma melhor compreensão dessa clientela por parte dos pais, educadores e Igrejas.

Fui informado que os dados obtidos, a partir dessa Pesquisa, serão tratados de modo rigorosamente confidencial e com um profundo respeito à liberdade da pessoa humana.

Os resultados serão divulgados publicamente embora, a identidade do entrevistado jamais será revelada.

Li e entendi as informações precedentes, colocando-me à disposição para a entrevista a ser feita pela pesquisadora, esclarecendo que o faço com consciência e liberdade.

Recife, ___/___/___

Assinatura do(a) Voluntário(a)

Entrevistadora: Maristela F. S. Velozo

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, responsável pelo(a) menor _____, ciente da importância da Pesquisa para o avanço científico e tecnológico da cultura do País, esclarecidos de todos os passos constantes nessa Pesquisa intitulada “**Os Mecanismos Psicossociais e Religiosos da Mudança da Igreja e entre os Adolescentes e Jovens do Liceu de Artes e Ofícios / Unicap**”, dou consentimento para que o mesmo possa participar livremente da mesma na qualidade de entrevistado.

Afirmo, outrossim, que, de livre e espontânea vontade consinto que ele(a) se submeta à metodologia da referida Pesquisa que constará da aplicação de um questionário misto de 25 questões (perguntas fechadas e abertas) a 20 adolescentes e 20 jovens, na faixa etária de 13 a 24 anos.

Estou consciente que participar dessa Pesquisa é importante para melhor entender adolescentes e jovens católicos em crise com sua Igreja de origem e que, devido a variáveis psíquicas, sociais e religiosas, mudam de Igreja. Um estudo sobre os fatores provocadores de mudança de Igreja, certamente, contribuirá para uma melhor compreensão dessa clientela por parte dos pais, educadores e Igrejas.

Fui informado que os dados obtidos, a partir dessa Pesquisa, serão tratados de modo rigorosamente confidencial e com um profundo respeito à liberdade da pessoa humana.

Os resultados serão divulgados publicamente embora, a identidade do entrevistado jamais será revelada.

Li e entendi as informações precedentes, colocando-o(a) à disposição para a entrevista a ser feita pela pesquisadora, esclarecendo que o faço com consciência e liberdade.

Recife, ___/___/___

Assinatura do(a) Voluntário(a)

Assinatura do(a) Responsável pelo(a) Menor

Entrevistadora: Maristela F. S. Velozo

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)